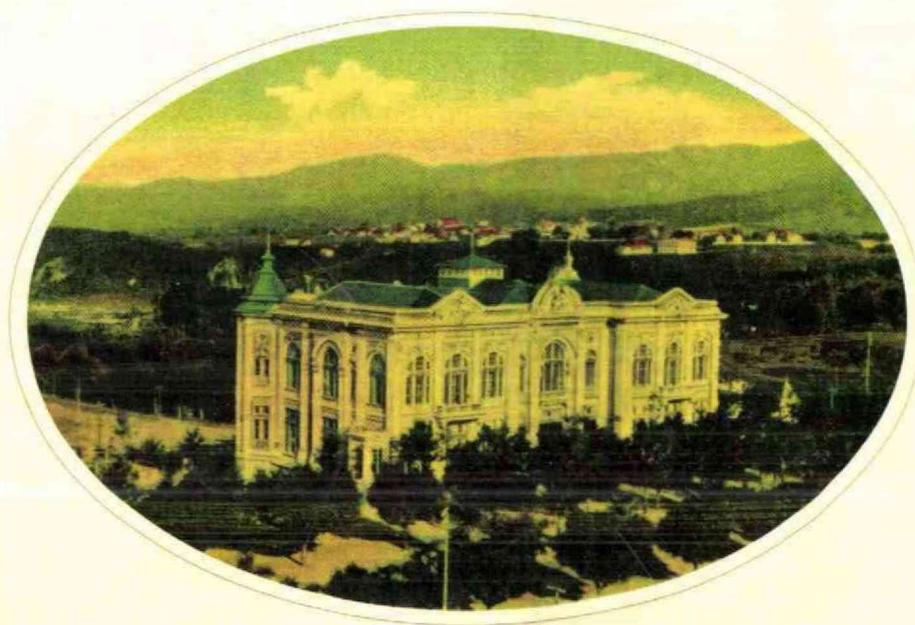

LAÍS CORRÊA DE ARAUJO



Sedução do Horizonte

SEDUÇÃO DO HORIZONTE



FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

te

*Capa: Cartão Postal
Belo Horizonte - Administração dos Correios
Cartão Postal Edição da Casa Abílio, década de 1910
Coleção Otávio Dias Filho*

Organização, Pesquisa e Introdução

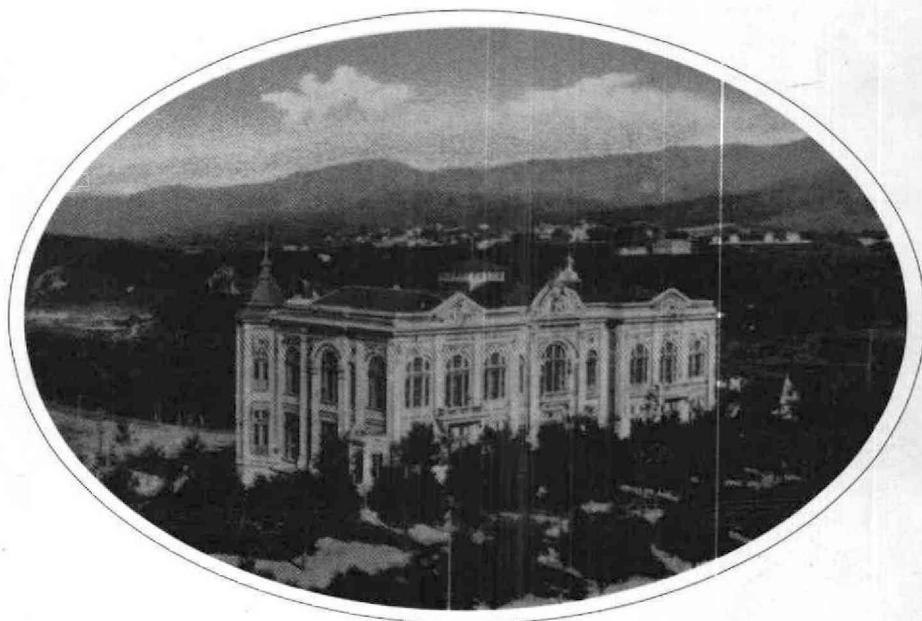
LAÍS CORRÊA DE ARAUJO

F.J.P. - BIBLIOTECA



90015810

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA



Sedução do Horizonte
SEDUÇÃO DO HORIZONTE



981.511
A663s
ex.1



SEDUÇÃO DO HORIZONTE

Organização, Pesquisa e Introdução

LAÍS CORRÊA DE ARAUJO

SISTEMA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

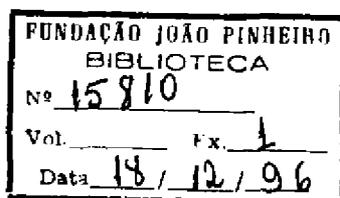
Belo Horizonte
1996

Governador
EDUARDO AZEREDO

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral
WALFRIDO MARES GUIA

Presidente da Fundação João Pinheiro
ROBERTO BORGES MARTINS

Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais
ELEONORA SANTA ROSA



ISBN 85-85930-09-8

5449 Sedução do Horizonte/ organização, pesquisa e
introdução Laís Corrêa de Araujo - Belo Ho-
rizonte: Centro de Estudos Históricos e Cul-
turais. Fundação João Pinheiro, 1996.
244p.: il. - (Coleção Centenário)

I. Literatura - Coletânea I. Araujo, Laís Corrêa
de II Série

CDD:800

CDU:82

Elaborada pela Divisão de Planejamento e Divulgação
da Biblioteca Universitária/UFMG

Coordenação Editorial
ELEONORA SANTA ROSA

Projeto Gráfico
LÚCIA NEMER E GUILI SEARA

Produção Executiva
ROSELI RAQUEL A. FREIRE DOS SANTOS

Seleção de Imagens
LUÍS AUGUSTO DE LIMA

Reprodução Fotográfica
DANIEL COURY

Assistente de Pesquisa
FÁBIO CARVALHO

Revisão de Texto
CLÁUDIA TELES DE MENEZES TEIXEIRA

Índice
ÍNDICE

O NOME É A MARCA	9
O OLHAR DO OUTRO	21
O OLHAR HISTÓRICO	75
O OLHAR INTERIOR	127
O OLHAR POÉTICO	193

O NOME É A MARCA

Entre as atividades capazes de estabelecer uma relação de durabilidade, vitalidade e representação própria entre o ser e o mundo situa-se, inegavelmente, a presença tangível da arte, como sinal e marca indestrutível do que se chama, genericamente, de civilização - a ação do espírito humano no processo de fundação de um "espírito do lugar", segundo a feliz expressão do escritor Michel Butor. É a capacidade de pensar, de criar e de materializar a essência do entorno, do espaço, do ambiente, o que nos torna correspondentes da realidade, transformando e transfigurando a própria vida e dando-lhe uma imagem de permanência que está no desejo pelo absoluto mantido secularmente pela criatura.

Assim, a arte não se prende a uma utilidade imediata, como simples objeto de uso, mas antes à ligação mágica entre a existência física e a exigência de manutenção do comércio de troca de experiências através de um denominador comum, ou seja, a propensão para sobreviver à contingência temporal. Esse enfoque constitui a base de uma cultura, palavra condensadora da forma de fixação da humanidade em seu *habitat* da terra.

Tal nos parece a intenção da Fundação João Pinheiro, que vem da ordenação de seu presidente, Roberto Martins e de seu Centro de Estudos Históricos e Culturais _ CEHC _ pela diretora Eleonora Santa Rosa, entregando ao público, na reificação da arte, na produção e distribuição de obras, escritas e elaboradas com amoroso cuidado, a materialidade da memória enquanto fonte

original de que provém o ritmo e a perenidade das construções futuras. Essa argamassa de feitura e divulgação de textos recebeu, concretamente, o título geral de *Coleção Mineiriana*, objetivando clarear e sustentar o edifício maior a que chamamos povo, a que chamamos cidadania, isto é, a consciência mental de presentificação do ser cognitivo no seu meio e para seus fins de interação social. Vitoriosa em todos os sentidos, a instituição editorial da *Coleção Mineiriana* vem cobrindo (e descobrindo) a força intelectual de atuação do livro e outros meios de comunicação no aceleração da racionalidade que nos faz membros da unidade básica da história transcendente à naturalidade e simplicidade do "estar aí", do viver.

A excelência desses trabalhos não pára, no entanto, na iniciativa a longo prazo de editar obras fundamentais para a compreensão do fenômeno objetivo da vontade de identificação, da lógica interna que rege uma grei determinada. A Fundação João Pinheiro agora se lança a investimento ainda mais específico _ a produção de outros instrumentais de conhecimento que nos adequem, pelo uso funcional, a comemorar sensivelmente o centenário da capital mineira, a cidade de Belo Horizonte. Está sendo produzida, então, a *Coleção Centenário*, de caráter amplo, de modo a possibilitar-nos uma visão abrangente da "idéia geográfica" ou, repetindo Michel Butor, que seja reflexo do "espírito do lugar".

Honrosamente convidada a participar desta nova série de publicações, integro-me ao projeto de captar as tantas e diversas visões de uma cidade, retidas pela linguagem escrita, no seu esforço de estender a medida das coisas pela observação profunda do momento vivido por cada um. Compreendendo o caráter da iniciativa pioneira da Fundação João Pinheiro e seus dirigentes, imaginei

um livro primeiro que pudesse globalizar, sem pretensão de esgotar, matéria qualitativa e funcional que abrisse o panorama desse "espírito do lugar", pela durabilidade da expressão elaborada pelo *homo faber* que persiste em todos nós.

O critério que orienta este volume é, pois, um certo ecletismo que foi implantado em Belo Horizonte como compulsiva necessidade de realização rápida e programática de uma idéia de mudança. Quase todas as mudanças são traumáticas, geradoras de crise. Mas a etimologia grega de "crise" aponta para a fecundação de idéias, razão por que a decisão de se construir uma *capital significa, mais que sua utilidade e utilização, o emprego de um labor coletivo e o entrelaçamento de planos de seres humanos voltados para o movimento e a execução de sonhos.*

Como isso repercutiu no discurso literário de cada pessoa que, agente ou objeto da ação, esteve ou está inserida nesta parcela da acepção singular do espaço geográfico, é o que se faz conteúdo desta *antologia discriminatória, é exato confessar, porque distingue nomes, considerados e consagrados pela capacidade de exprimirem a alteridade de seus olhares. Chamo de olhar o fato de usar e fruir do mundo em torno, (no caso, de Belo Horizonte) aquele momento em que a vida ativa se metamorfoseia em linguagem, estimulada por determinado, vago ou indefinido trecho urbano. Chamo de olhar a dupla atitude de ator e espectador que é a efetivação reveladora do compromisso de presença implícito na condição humana da pluralidade, no seu acompanhamento verbal dos acontecimentos.*

Torna-se relevante afirmar que o objetivo da *Coleção Centenário* é conseguir justamente a reunião de vozes que, em sua diversi-

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

dade, tenham feito soar a corda da sensibilidade diante do simplesmente visível, vozes que atingem a todos e desvendam a “atmosfera” da capital mineira, em seus tons de entendimento com as almas receptivas dos homens. O pretexto é, como o título assinala, centenário, estes cem anos de intercurso no âmbito da dimensão temporal da nossa morada na terra. A Fundação João Pinheiro é a mediadora do convívio mundano entre a arte e seu objeto tangível, isto é, o livro enquanto palavra-produto de consumo; dando realidade ao fio que irá funcionar como arremate da teia sustentadora da história de vida de um lugar. Aqui coletamos nomes e textos de que nos apropriamos por direito de vivência comum, de identificação individual, classificando-os pela forma de seu olhar: visão do instante da mudança, visão de fora e alheia à mudança, visão interior da imaginação criadora da ficção e da poesia, na proposta de congeminar, pela ação do discurso, os *seduzidos do horizonte* à verdade desse espetáculo.



Não há limites para o horizonte senão o limite do olhar. Ou melhor, o limite de nossos olhos, pouco aptos a captar a utopia das distâncias imensuráveis. Latitudes e longitudes podem ser matematicamente calculadas por estruturas de numeração que o ser humano criou para ampliar a medida de seus braços, seus pés e conhecer a *diminuta dimensão de seu corpo*. Inventamos a Ciência na intenção de posse do infinito. Porém, o infinito ainda é essência do mistério ou do sagrado, que nenhum diâmetro consegue mensurar senão em símbolos - ou no sonho de uma ordem.

A palavra horizonte perturba-nos, porque interfere com a linha imaginária de percepção do início da esfera celeste. Será o sinal definidor de um espaço humano, desse até onde é possível o equilíbrio substantivo de uma posição dos sentidos? Ou será a figuração ortográfica das relações profanas e permitidas entre o homem e o mundo, entre o visível pensado como verdade e a forma questionável a que chamamos graciosamente de futuro?

De qualquer ângulo filosófico de perquirição do termo, não chegamos ao ato segundo da enteléquia, da realização acabada (e, portanto, perfeita) que implica na gratificação do conceito pela concreção da idéia. Horizonte é, pois, palavra que extrapola a sua própria concepção sígnica e que não nos fornece um resultado comum, apenas um dado de contemplação supostamente manifesto em certa temporalidade existencial.

Palavra poética, é sedutora e oculta, sujeita à manipulação criativa que, no entanto, nunca a plenifica em postura retilínea e, às vezes, atinge o pleonasma na admiração extasiada de um adjetivo _ pura redundância _ como na denominação de uma cidade. *Belo Horizonte*, dizemos, conforme aprendemos, sem perceber no indicativo de lugar a potência implícita na própria instância da duração desse pronunciamento.

Entretanto, aqui somos e estamos, aqui vivemos, nesta cidade predestinada a irromper além do contingente e da inocência do nascimento. Quem teria, primeiro e antes de tudo, colhido na concha da terra esse nome de extensão e promessa? Podemos supor a existência de um indivíduo _ autor único desse referencial e identidade _ caracterizando determinado espaço geográfico? A história _ que tudo anota didaticamente _ não registra,

senão em hipóteses, quem foi o pai a escolher e reunir o adjetivo e o substantivo numa designação da cidade implantada entre a Serra do Curral e o sem-fim dos campos gerais ao longe. Certo que temos documentos atestando por que e como se planejou construir uma capital, cidade-mestre e geratriz de uma ordem, a partir de conveniências e acordos, divergências e polêmicas, visando a um novo estágio de sobrevivência e de resguardo da antiga Vila Rica como guardião do passado e da arte das Minas. Não foi sem dor esse desligamento da tradição, e a coragem do salto para o novo. Mas foi necessária a transposição de um patrimônio representativo das origens para um patrimônio representativo do futuro. E o nome da capital exprime esse gesto de conquista e marca de anúncio de outro universo do pensar _ a rumo do horizonte.

O avanço dessa consciência de modernidade se fez com régua e compasso, instrumentos de riscar e esboçar o imaginário de uma coletividade guiada para um normativo desejo de beleza. Vinculando a vontade à competência, foram traçados planos geométricos de ruas e avenidas, praças e parques, a razão planejadora impondo-se como disciplinadora da natureza _ começara a funcionar a "indústria da cidade" no Brasil. Os desbravadores ousavam validar a idéia que se edificava, respondendo ao apelo dos interesses coletivos de iniciação e introdução num espaço chamado progresso _ que fecundava a terra áspera com o rigor da semente aberta pelo sol e a busca da singular opção da novidade.

Da cartografia elaborada cuidaram muitos, vindos de variadas etnias, italianos, espanhóis, portugueses, oferecendo o braço imigrante os recursos da sua experiência e trabalho, pela unidade

com a força das mãos dos brasileiros, mineiros ou não, dispostos à alternativa da proposta desafiante da construção de uma capital. Se houve erros, equívocos e conflitos pelo açodamento na varredura feita do passado, se uma urgência de investimento desbastou o que devia ser preservado, se a interdição às estruturas estáveis foi decidida liminarmente, é que a sedução do horizonte tinha todos os elementos da paixão, tendência que se opôs à lucidez dos viventes da época, há cem anos atrás.



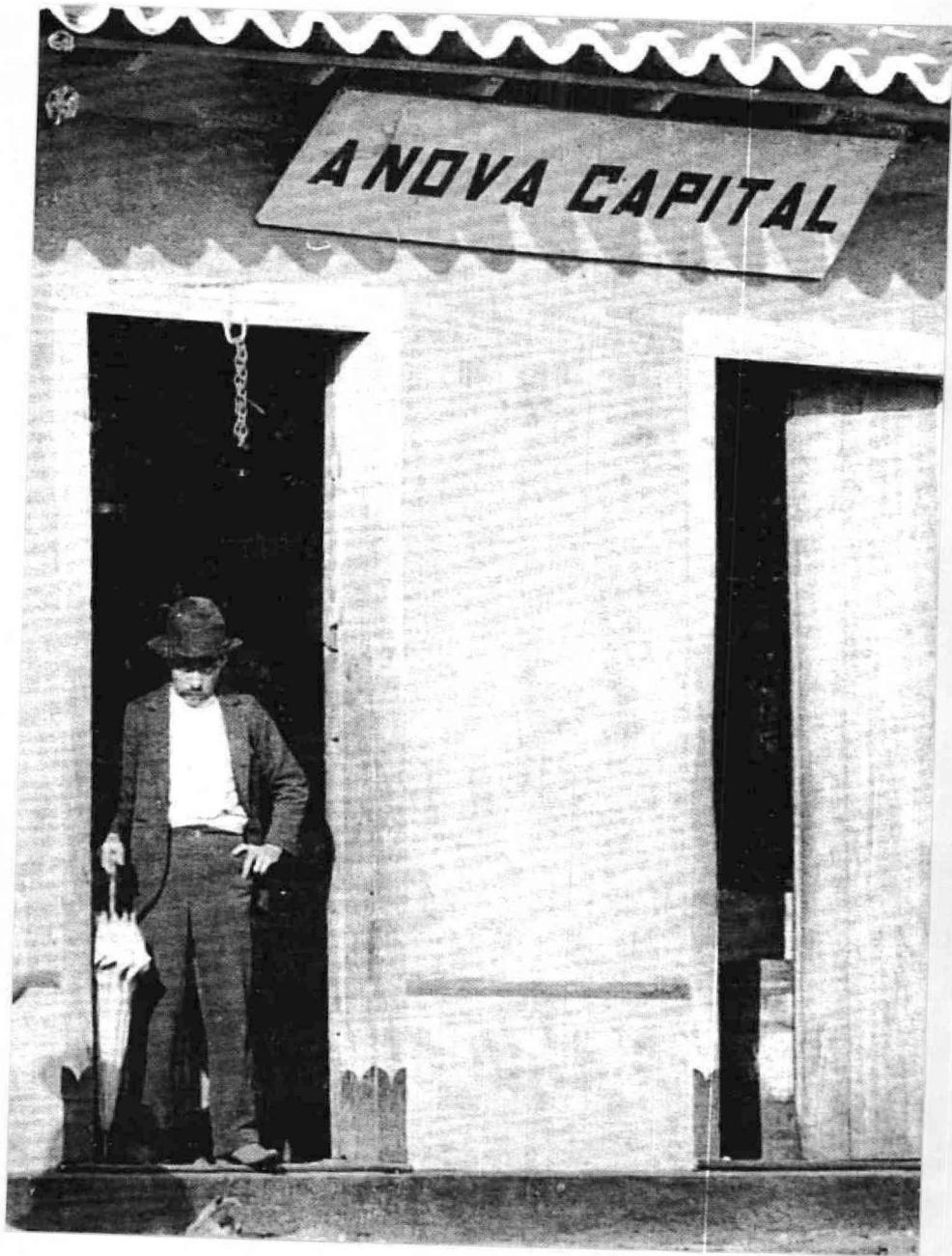
Agora, reflexionando e flexibilizando a simbologia do olhar que passeia sobre esta curta história de vida, que nos promete muitos capítulos de prolongamento, é possível utilizar o prisma das impressões individuais para captar a luz irradiada pela cidade e seu nome significativo. Não se trata de espelhar louvores e lustros da vaidade à aniversariante que amadurece. Este livro se propôs como endógeno, isto é, baseado em premissas de incorporação verossímil do ente paisagem ao ser habitante do lugar, de modo a equilibrar vivência e enunciação.

Este livro pretende transmitir a energia do fenômeno do sentir e ver de alguns em entropia ou empatia que nos façam a todos partícipes e mesmo cúmplices da leitura estética de nosso urbanismo especial. São, portanto, *olhares* descritivos e enamorados, evocações e revalorizações de formas de edificações e de costumes, experiências do cotidiano, em espírito e atitudes provocados pelo exercício da convivência com Belo Horizonte. A seleção de textos omite o tom meramente laudatório e assinala antes o

sentido cultural das relações entretidas por autores e a capital, buscando colher imagens, idéias, rituais e gestos em que a pessoa contacta a expressão escrita com a visão _ nunca indiferente _ das coisas e valores da nova célula humana que se implantava e se desdobrava no influxo e desafio do privilégio de habitá-la.

Este livro encarna, portanto, a perquirição de nós mesmos e da psicologia da repercussão de um processo de crescimento urbano ativador da circulação do sangue humano como fonte indispensável de uma autêntica lei do convívio, a cidadania. É uma mostra da *Sedução do Horizonte* enquanto fundamento de amor pleno e não retórico, sério e observador, ao corpo desta sempre jovem e ousada capital mineira.

Sedução do Horizonte é, afinal, uma antologia de caráter especialmente literário e leitura descompromissada com a cientificidade histórica, destinada tanto à nostalgia dos inícios quanto à mitologia das profecias, buscando situar e fazer ressoar no leitor a essência da *urbe*, sua mentalidade posta em verbo, para deleite e união de idéias e modos de saber e determinar a motivação implícita naquela visão global que recolhemos da faculdade sensitiva para ligar-nos ao mundo corporal e objetivo da existência de nossa capital.



*Curral del Rei, 1894
Casa Comercial à Rua do Sabará
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto*

NOTA - A ortografia dos textos antigos foi atualizada – respeitando-se, no entanto, a forma de expressão, sintaxe, pontuação e citações dos autores, conforme os originais pesquisados e selecionados.

O Olhar do Outro
O OLHAR DO OUTRO

De resto, estamos assistindo a uma florescência de capitais novas. A Bahia trata da sua; turmas de engenheiros andam pelo interior cuidando da zona em que deve ser estabelecida a futura cidade. Sabe-se que Minas já escolheu o território da sua capital, cuja descrição Olavo Bilac está fazendo na *Gazeta*. Chama-se Belo Horizonte. Eu, se fosse Minas, mudava-lhe a denominação. *Belo Horizonte parece antes uma exclamação que um nome.* Sobram na história mineira nomes honrados e patriotas para designar a capital futura. Quanto à nova capital da República, não é mister lembrar que já está escolhido o território, faltando só a obra da construção e da mudança, que não é pequena.

Que essa mudança de capitais seja um fenômeno político interessante, é fora de dúvida. Eu é que não entro nele, por não entender cabalmente de política.

Em Belo Horizonte, publicam-se mais os seguintes periódicos: Revista da Faculdade Livre de Direito, o *Forum*, revista de jurisprudência dirigida pelos drs. Theophilo Ribeiro e Ismael Franzen; *O Norte*, órgão dos acadêmicos; *O Comércio de Minas*, órgão da Associação Comercial; a *Tribuna Católica*, e *O Sal*, folha ilustrada por um desenhador bem intencionado.

Naquele dia, rematei as minhas excursões visitando uma curiosa exposição de pintura, desenho e gravura, organizada pelo velho artista Steckel, no palacete a que deu seu próprio nome - Palacete Steckel - *salon* obrigado de todos os bailes, concertos e conferências literárias.

Ali funcionou durante algum tempo uma associação recreativa que se intitulava *Jardim das Violetas*, um título cheiroso. Os jardineiros faziam dançar as flores ou falavam de assuntos de arte em curiosas palestras, em que tomavam a palavra Augusto de Lima, o malogrado Arthur Lobo, Prado Lopes e outros. Infelizmente, já não encontrei o *Jardim das Violetas*.

O *Palacete Steckel*, obra de seu próprio dono, é decorado com muita profusão, numa policromia indecisa, que não fere a vista nem o bom gosto.

A exposição era notável _ notável por ser a primeira realizada em Belo Horizonte _ não porque ali se encontrassem coisas de passar. Entre os expositores, figurava Honório Esteves, pintor mineiro residente em Ouro Preto, e muito conhecido em todo o Estado.

Aqui, no Rio, ninguém o conhece. Pois é, afianço-lhes, um paisagista que tem o sentimento da natureza. Não sei porque não tem mandado alguma coisa às exposições anuais da nossa Escola de Belas Artes.

s jornalistas, que foram a Belo Horizonte assistir ao “Congresso Agrícola-Industrial”, voltaram de lá maravilhados e encantados com o que viram na jovem e esplendente Capital mineira.

Quantos anos decorreram de 1894 até hoje? Contem bem pelos dedos: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove ... Nove anos, somente! e nesses nove anos, criou-se, como por milagre, no meio de um rude sertão, uma bela cidade moderna, com avenidas imensas, com palácios formosos, com admiráveis parques! Pelas ruas largas e arborizadas, rolam bondes elétricos; lâmpadas elétricas fulguram entre os prédios elegantes e higiênicos; motores elétricos põem em ação, nas fábricas, as grandes máquinas cujo rom-rom contínuo entoa os hinos do trabalho e da paz.

Onde se operou esse milagre? onde se fez esse assombro? onde se criou essa maravilha? Foi na América do Norte, onde as cidades brotam do solo, por encanto _ como do fundo de um chapéu saem, ao toque da varinha do prestidigitador, bandeiras, fitas, flores e aves? Foi na Austrália ou na África do Sul, onde o gênio inglês se expande vitorioso, construindo estradas de ferro em dias e povoando léguas e léguas de terra em semanas?

Não! esse assombro, essa maravilha, esse milagre foram feitos no Brasil _ na pacata e conservadora Minas...



O assunto é tão sedutor que não convém tratá-lo em poucas linhas.

Em 1894, quem escreve esta Crônica visitava, com uma curiosidade grande, o povoado do Curral del-Rei, onde o Congresso Mineiro decidira instalar a nova Capital do Estado.

Naquele tempo (não esqueçam que de 1894 até hoje só correram nove anos!) não havia caminho de ferro até lá. Descia-se do trem em Santa Luzia _ uma pequena cidade, cujas velhas casas ainda tinham nas paredes os buracos feitos pelas balas do grande combate de 1842 entre as forças de Caxias e os Liberais _ e seguia-se a cavalo para o Curral del-Rei.

A viagem era linda mas fatigante: as soalheiras do campo mineiro são duras. Mas o termo da jornada era encantador.

O panorama era uma sedução: uma alta montanha fechava ao fundo o cenário, e sobre a verdura fresca da vegetação alvejavam, sorrindo ao sol, as casinhas do arraial.

Agora mesmo, tem o cronista diante dos olhos uma fotografia, já quase apagada, daquele sítio. No primeiro plano, um grupo de quatro cavaleiros: Sabino Barroso, que depois desse tempo já foi ministro de Estado; Rodrigo Bretas, um adorável rapaz que a morte já levou; e o escritor destas linhas, montado num atarracado e fantástico bucéfalo branco, sonolento e tropeçudo, que de cem em cem passos (ainda vos lembraís, ó costelas!) dava

com o cavaleiro no chão; _ a quarta figura da comitiva era um velho pagem do saudoso Matta Machado _ um preto de sessenta anos, que tinha na cabeça e na boca uma inesgotável enciclopédia de histórias, de anedotas e de casos do sertão.

O arraial era formado por uma única rua: tinha umas vinte ou trinta casas pequeninas, quase todas de taipa; em certo ponto a rua alargava-se, formando uma praça, em que se assentava a igreja; em frente da igreja, um altíssimo cruzeiro de madeira tosca abria os braços no ar, abençoando o povoado.

A gente era simples e boa: quando lhe dizíamos que ali haveria em breve uma grande cidade, ela abria os olhos com espanto e tinha depois um sorriso de malícia, como quem se considera muito fora do alcance de burlas e mistificações.

O trabalho era ali representado apenas por um limitado comércio de gêneros, uma pequena lavoura e dois modestos curtumes. Uma das casinhas _ nota interessante _ tinha um piano; e outra nota interessante: havia um lavrador que sabia latim como um reitor de seminário ... Música e latim; as duas paixões do mineiro do tempo antigo.

Ora, pois! em nove anos, um taumaturgo, um milagreiro, um mágico transformou aquele pacífico e tristonho lugarejo em uma esplêndida cidade. Aplainou-se o solo, destruiu-se o mato virgem, a locomotiva acordou os ecos da Serra, canalizou-se a água, e os palácios saíram da terra, esplendendo ao sol.

Esse taumaturgo tem um nome feminino: chama-se *A Coragem* ...



O Brasil é a terra das idéias estabelecidas e dos preconceitos vivazes. Quando nos convencemos de uma coisa, é difícil extirpar-nos essa convicção. Pensa-se e diz-se, em todo o Brasil, que o mineiro é o tipo do carrancismo, do emperramento, da frouxidão e da tibieza de ânimo. Há até, a esse respeito, um axioma famoso, segundo o qual a atividade do mineiro, em matéria de trabalho, cifra-se apenas nisto: "o mineiro planta o milho, o porco come o milho, e o mineiro come o porco". (...)

Mas que dirão os detratores dos mineiros diante deste assombroso e luminoso fato da fundação de uma grande cidade moderna em nove anos? E que dirão eles diante da realização, no seio dessa famosa cidade, de um Congresso em que, sem dispêndio de retórica balofa, se exprimiram as mais radiantes promessas de regeneração do trabalho e do progresso?

Uma cidade como Belo Horizonte, construída em nove anos, não é coisa que se veja comumente por esse velho mundo. Essa reputação de povo carranca atribuída ao povo mineiro vem do fato de ser ele, de todo o Brasil, o povo que mais ama as suas tradições. Mas quem diz que o culto da tradição é incompatível com o amor do progresso? O homem pode amar o presente e ansiar pelo futuro sem amaldiçoar ou desprezar o passado. (...) Em Minas e no coração dos mineiros haverá sempre lugar para o passado e para o futuro. (...)

Nas cidades modernas, a vida se expandirá cantando e brilhando: e a raça forte, enobrecida pelo trabalho e pela coragem, não deixará de visitar, de quando em quando, com os joelhos dobrados, os santuários em que se guardam as relíquias do passado, as tradições sagradas do labor primitivo.



*Curral del Rei, 1894
Largo do Rosário
(atual cruzamento da Av. Álvares Cabral com as ruas Timbiras, Espírito Santo e Guajajaras)
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto*

IMPRESSÕES DE
BELO HORIZONTE *de Affonso de Escragnole Taunay*

Em Belo Horizonte estive no ano de 1900, em 1921, 1925 e agora, em abril último.

Na primeira vez que ali me achei, estava a cidade quase ainda em seus primeiros delineamentos. (...) Melancólica impressão deixavam aquelas ruas enormemente largas e infindavelmente longas e por calçar, onde às casas separavam verdadeiras distâncias. E como pareciam modestas essas habitações, à margem das tão largas vias. Também, por toda parte, em Minas e fora de Minas, choviam as mais acerbas críticas aos governos, que teimosamente haviam do Estado exigido a aceitação e realização de um plano que custava tanto dinheiro. Nunca se povoaria aquela imensa e megalomaníaca Belo Horizonte! afiançavam os céticos e os misoneístas. E como ainda estivessem a sangrar os ressentimentos, justos e enormes, de Ouro Preto, e grande fosse o despeito de São João del-Rei e Juiz de Fora, que não haviam logrado a investidura de Capital, numerosas eram então as cassandras que viviam a maldizer de Belo Horizonte, cidade tão em contradição com a prudência, a modéstia e a singeleza proverbiais dos mineiros, clamavam em todos os tons.

Houve, realmente, uma série de anos em que pareceram os fatos dar ganho de causa aos profetas de mau agouro. Muita gente descreu da fortuna da Capital instalada nas antigas terras minerais do velho Curral del-Rei. (...) Tornara-se até de bom tom, entre os fazedores de espírito de mau gosto, tentar ridicularizar a malsinada cidade nascida por decreto.

Assim, a cada passo se repetia que só a matança de formigas demandaria perto de mil contos de réis e quejandas histórias. E os maliciosos se extasiavam com a definição perversa, devida a não sei que visitante de acerba veia satírica: "dá Belo Horizonte a impressão de que constitui os subúrbios de uma grande Capital que não existe".

Mas não tardou que, passados uns tantos anos, penosos, de desalento, se espalhasse certa notícia que aos pertinazes e malévolos grazinadores veio seriamente desapontar. Na "cidade dos empregados públicos", como desdenhosamente diziam, operara-se a mais séria e forte valorização de casas e terrenos. E aqueles mesmos burocratas de mesquinhos haveres, adquirentes outrora de prazos e lotes baratos, estavam agora no gozo de positivo e largo enriquecimento, tal o surto da Capital, vivendo em franca prosperidade e desenvolvimento.

Cidade, por assim dizer, universitária, sede de numerosas instituições científicas de múltiplas atribuições, passou Belo Horizonte a ser, como era natural, um núcleo intelectual de elevado valor. Centro ferroviário importante, desenvolveram-se-lhe paralelamente e de modo notável o comércio e a indústria, e a população lhe afluiu a ponto de, em vez dos dez mil escassos moradores de 1902, poder contar hoje, passados vinte e cinco anos, com cerca de cem mil. E, com efeito, anunciam os sabedores de estatística que não tardará Belo Horizonte a atingir essa cifra, digna de uma cidade de vulto.

Foi o que pude, com a mais agradável impressão, verificar, do muito que já me haviam dito os visitantes da Capital mineira, quando, decorridos vinte e um anos de minha primeira estada, a ela voltei.

Quão soberbo o seu urbanismo, agora em pleno destaque de qualidades, este que do mestre Bouvard mereceu os mais arrou- bados encômios! Magnífica a série de disposições adotadas com uma como que presciência, num conjunto de antecipações dos tempos, verdadeiramente digna da maior nota. Eis a cidade ideal para os dias hodiernos da multiplicação infinita dos veículos, com as suas ruas amplas, as suas avenidas largas como os grandes rios!



Se em Belo Horizonte não se fez o que os australianos praticaram em Camberra, sua nova Capital projetada e construída à *moda da metrópole mineira*, por antecipação, não nos esqueçamos de que um quarto de século decorreu entre a empresa brasileira realizada no centro de Minas Gerais, e o *tentame do Commonwealth*. E, neste ínterim, quanto o progresso e a civilização não simplificaram as coisas! (...)

Assim, Belo Horizonte, cidade construída por decreto, relembrará sempre uma iniciativa brasileira da mais alta significação, como título de real desvanecimento para a nossa administração e engenharia. Não terá sido o *primeiro caso no Universo*, mas é certamente um dos que brilhantemente se cobriram de êxito e a que bafeja a certeza do notável futuro.

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO



*Panorama de Belo Horizonte
Foto Bonfali, 1930
Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte*

Belo Horizonte foi a maior surpresa da minha vida. Permitiu-me ver no Brasil coisa que jamais esperei: uma cidade à qual coubesse, com absoluto rigor, a classificação de bela. E, no entanto, não me era cidade desconhecida. Lá estive há muitos anos, ao tempo em que Artur Bernardes se elegia presidente da República, e lembro-me de como, no Palácio da Liberdade, lhe respondi à clássica pergunta:

_ "Que acha de Belo Horizonte?"

_ Uma cidade de 500 mil habitantes, dos quais 450 mil estão veraneando não sei onde _ aqui é que não estão.

A impressão recebida fôra de fato essa. Extrema escassez de gente pelas ruas larguíssimas, a cidade semi-construída, quase que apenas desenhada a tijolo no chão, um prédio aqui e outro lá, tudo semi-feito _ e a tudo envolve um pó finíssimo e finissimamente irritante. Lembrava uma dessas meninas de onze anos, em pleno período de crescimento, desajeitado _ de óculos, por causa da escola; cabelos em trança; sapatos rasos; pernas magras de fora; vestido baratinho acamisolado. De meninas assim podem sair moças maravilhosamente lindas, mas nesse período de crisálida as futuras moças lindas são feias de doer. É o caso da "Senhora", de José de Alencar.

Não havia povo nas ruas. Os passantes, positivamente funcionários que subiam e desciam lentamente, a fingir de transeuntes. Transeuntes públicos. Daí, o sono que dava aquilo.

Uma semana passada lá deixava a impressão de meses.

Fiquei com essa idéia na memória, e há dois anos, ao escrever a "Geografia de Dona Benta", deixei-a transparecer nas poucas linhas dedicadas à capital mineira. Lealmente confesso a minha ingenuidade de supor que a Belo Horizonte de hoje permanecesse a mesma de três lustros atrás.

Porque a Belo Horizonte de hoje já não é a menina de onze anos que eu vi. Cresceu, desenvolveu-se, está no período encantador da "menina e moça", e a caminho de tornar-se a dama de mais fulgurante beleza ainda nascida no Brasil. Com um pouco mais de desenvolvimento se firmará na posição de *única cidade verdadeiramente bela do Brasil*. Nada mais fácil do que provar isso.

No continente americano só existem duas cidades feitas sob medida, estudadas, calculadas, desenhadas no papel antes de serem fixadas em cimento e tijolo: Washington e Belo Horizonte. Disso resulta que só essas duas cidades podem receber sem restrições o qualificativo de belas, da beleza integral que a harmonia de conjunto dá. Todas as mais, nascidas e desenvolvidas ao acaso e fora de qualquer plano de conjunto, terão apenas o bonito do pitoresco, ou belezas parciais, porque todas encerram em si, pelo menos, uma parte insanavelmente aleijada: o centro.

Em regra, as cidades nascem dum nucleozinho humano ocasional. Um ponto de pega as determina rancho de tropeiros, vendola, uma capelinha, um minúsculo agrupamento humano fixado em certo ponto por motivos econômicos. Nenhuma surge com o plano de vir a ser cidade, e muito menos capital. Tornam-se cidades, tornam-se capitais; e como não nasceram com a intenção

de ser cidades sofrem o defeito comum de um aleijamento de origem.

A parte aleijada, o mostrengo, é inevitavelmente o "centro". Com os bairros novos procuram reparar o mal de origem _ mas é mal irreparável. Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita. As cidades, nunca.

A mesquinha largura das ruas de São Paulo e do Rio! O celebér-rimo "Triângulo" de São Paulo, com funções forçadas de centro comercial e que hoje exige, nos que nele transitam, manhas e agilidades de acrobata de circo! A tortuosidade e angustura das vielas que nasceram em torno desse triângulo e a que generosamente damos o nome de ruas! As favelas do Rio de Janeiro! O Mangue! Os bairros operários! Como tudo isso é horrendamente feio e desolador! A moldura linda, modernamente construída para esconder a calamidade, outra coisa não faz senão realçar-lhe a desoladora feiúra. E em São Paulo o que de bonito se constrói perde-se também no tumulto do feio de todas as cidades erradas de nascença.

E os problemas de trânsito que se criam, se avolumam e permanecem sem solução? Com 20 mil automóveis em giro, a capital paulista já apresenta trágicos sintomas de congestionamento. Que acontecerá quando tiver 50 mil? E como conseguirá ter 200 mil, no dia em que alcançar a mesma proporção entre carros e habitantes que alcançam as cidades americanas?

Afeito ao erro de São Paulo e de todas as mais cidades do Brasil, meu espanto não teve limites quando penetrei em Belo Horizonte. Que maravilha! Que desafogo! Que encanto o da

"Cidade certa"! Da cidade que nasceu para ser cidade e capital, e que não se afasta, em seu crescimento do plano preestabelecido por um grupo de urbanistas inteligentes!

As ruas, são de fato ruas, não vielas ou becos. São ruas que confortam a alma com a sensação raríssima do desafogo. Desafogo, sim. É essa a sensação predominante que Belo Horizonte nos dá. Quem sai de uma cidade tumultuária, de ruas de 12 metros, ridículas, meras passagens por entre fileiras de casas, desafoga-se em ruas que são de fato ruas, com os seus 60 metros de largura e tracejadas de modo a, pelo cruzamento com avenidas de 80 metros, criar maravilhosas perspectivas urbanas.

E a colocação dos edifícios públicos sempre atendendo à paisagem e aos efeitos urbanos? Ó, como é bela Belo Horizonte! E que cidade maravilhosa não será quando atingir seu meio milhão de habitantes! A nossa verdadeira "cidade maravilhosa" está se formando ali; não é o misto de sublime natural e grotesco humano do Rio de Janeiro, um Pátio dos Milagres com moldura dourada.

O Rio é uma cidade pitoresca, talvez a mais pitoresca do mundo. O chamar-lhe bela ou maravilhosa não passa de cafajestice. Maravilha no Brasil só teremos na capital que nasceu há apenas 40 anos e já nos dá tão alta amostra do que vai ser: Belo Horizonte. Belo Horizonte, a bela. A única cidade bela do Brasil. Uma das duas cidades belas do continente. Belo Horizonte a *pendant* de Washington.

Nada documenta melhor a fina mentalidade dos mineiros do que a sua capital. A idéia de construir uma capital planejada, que um dia se tornasse o orgulho do país, é das mais altas que

pudessem ter _ e a obra realizada em 40 anos já vale por esplêndida vitória. Idéia certa. Os lucros comerciais dessa idéia certa, dessa idéia na realidade inteligentíssima, começam a aparecer _ e serão enormes um dia. Dia há de vir em que Belo Horizonte chamará a atenção do turismo universal. Sua fama de cidade certa tem que correr mundo e despertar nos *globetrotters* a curiosidade de conhecer coisa tão rara.

Além da sua requintada beleza urbana, já de si suficiente para atrair olhos, Belo Horizonte está situada num verdadeiro ponto estratégico para tentar turistas. Há muito que ver em seus arredores. Há Ouro Preto, hoje transformada em monumento nacional; há Sabará com sua siderurgia; há o Morro Velho, com sua mina de ouro, a mais profunda do mundo; há a Lagoa Santa, onde o dr. Lund se imortalizou com os seus estudos paleontológicos; há as maravilhosas grutas de Maquiné, em Cordisburgo. O turista terá o que ver e admirar.

Admirará as esculturas do Aleijadinho e admirará a inteligência dos estadistas mineiros que fizeram brotar do deserto uma das pouquíssimas cidades certas do mundo.

Explica-se, portanto, o nosso entusiasmo e a nossa surpresa. Sinceramente, Belo Horizonte é a primeira coisa que nos entusiasma no Brasil, este país de cidades horrorosamente feias, boçais na arquitetura, que, ou é a colonialice sorna legada pelos avós sem cultura ou é o carnaval arquitetônico que vemos em São Paulo e no Rio.

O apuro arquitetônico de Belo Horizonte espanta. Os edifícios públicos revelam um parentesco de sobriedade, elegância e dis-

tinção que nos envergonha do nosso largo do Colégio, com aquilo que chamamos Palácio do Governo e as três famosas Secretarias. Que dó! Como corta um coração paulista ver, sentir, o que é São Paulo do ponto de vista urbanístico, quando voltamos de Belo Horizonte.

Não conseguimos penetrar no segredo desse bom gosto generalizado, dessa sobriedade tão distinta. Talvez a harmonia do conjunto imponha, sem que os homens o percebam, uma beleza das partes. Talvez haja um espírito estético oculto na administração que conduza a esses resultados.

Não sabemos. Só sabemos que o cimento armado em Belo Horizonte não produz monstros. Ao contrário. Dá de si construções de notável beleza _ dessa beleza moderna que nasceu na América e que com tanta facilidade descamba para o grotesco e o monstruoso.

E tudo isso realizado em 40 anos, num país pobre como o nosso, sem recorrer aos empréstimos externos que arruinaram o Rio de Janeiro. Washington não nos admira, capital que é do mais rico país do mundo. Belo Horizonte espanta-nos como o maior milagre da nossa pobreza.

Contam que Zeuxis, não conseguindo pintar uma Afrodite com a beleza que era necessária, pintou-a extremamente enfeitada. Aqueles (sic), seu mestre, comentou: "Fizeste-a rica porque não pudeste fazê-la bela". Com Belo Horizonte sucedeu o contrário. Não podendo fazê-la rica, os mineiros fizeram-na bela. E como diante de uma cidade bela ficam grotescas as cidades simplesmente ricas!

Sim, Belo Horizonte, a Bela! A cidade certa! A cidade cada vez mais certa e cada vez mais bela. A cidade cujo único defeito é um

que o tempo cura _ falta de idade. A menina já virou encantadora “menina e moça”. Continuará a desenvolver-se até estabilizar-se na sua forma definitiva de dama feita, de beleza incontestada. E o povo mineiro terá o orgulho de ver a filha de Afonso Penna e Aarão Reis receber do mundo a classificação que lhe estamos dando: a única cidade certa e bela do Brasil, e uma das raríssimas cidades certas e belas do mundo.

Belo Horizonte é o maior milagre da inteligência mineira. Só uma inteligência muito fina compreende que a beleza vale mais que a riqueza _ e que para haver beleza não é necessário riqueza. Belo Horizonte, a bela! Belo Horizonte, a certa ...



"Ponte Artística"
Foto Francisco Soucasaux, 1900/1901
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto

Seria um paradoxo e uma injustiça chamar Belo Horizonte de cidade morta. Como não é um paradoxo, e sim uma justiça, chamar Ouro Preto de cidade viva.

Mas quanta coisa morta na vida intensa de Belo Horizonte de hoje! Como quanta coisa viva nas noites mortas da Ouro Preto de sempre!

O que morreu em Belo Horizonte foi o encanto da cidade vazia que, em 1915, conheci pela primeira vez, e em 1924 inspiraria a Mário de Andrade o seu inesquecível *Noturno de Belo Horizonte*. (...)

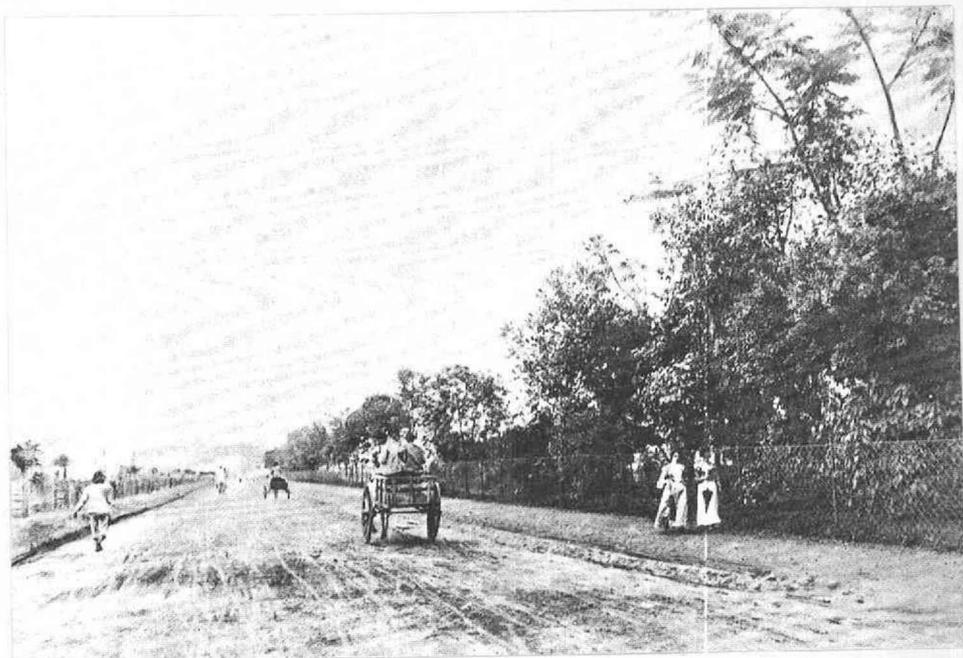
Mas o que dominava na Belo Horizonte de 1915, não era Arlequim, e sim Pierrot. A cidade deserta. As casas perdidas nas ruas. O silêncio. Bondes, lá um na vida outro na morte. Rosas. Uma ou outra livraria em que os políticos e os literatos iam passar as tardes vazias. O Grande Hotel dos medalhões. Os grandes colégios. E as ruas vazias, as enormes ruas vazias, pelas quais passava, ainda, o eco de Nabuco, a perguntar a João Pinheiro, quase chegando ao Palácio da Liberdade: _ "Quando começa a cidade?" Jantar às cinco. Telefones arcaicos. Sono às nove. Sonolências do sol a pino. Sestas. Namoros ao crepúsculo. Cidade vazia. Cidade deliciosamente vazia, mas viva, então, na sua morte aparente.

Cidade hoje morta para a minha mocidade de então! Mas cidade tremendamente viva para a mocidade de hoje.

A Escola de Engenharia, um prodígio de construção nova e de energias vivas, neste limiar da era atômica, pesquisando as linhas espectrográficas dos minérios nucleares. Ruas apinhadas. Arranha-céus immobilizando capitais que melhor serviriam fazendo frutificar os campos desertos ou o silêncio explosivo do subsolo. Crimes. Jornais. Aviões. A Capela da Pampulha consagrada. O Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, velando, do alto, pela cidade pecadora.

Mas, acima de tudo, esse extraordinário *encontro da juventude*. Esses três mil adolescentes a discutirem de amor, de família, de profissão e a darem, num impressionante plebiscito de aplausos delirantes e unânimes, o seu veredicto contra a pena de morte. E o Centro Dom Vital renascendo! Cidade morta? Talvez para a saudade dos meus vinte anos de outrora.

Mas, cidade tremendamente viva, para os meus sessenta e tantos de hoje ...



Avenida Afonso Pena
Foto Francisco Soucasaux
Álbum de Minas, 1905

Não é atoa que a cidade é plantada de magnólias ... O homem que chega sente que uma estranha doçura o invade quando respira. Chega a parar nas ruas para sorver melhor o inefável perfume. Foi assim com Mário de Andrade _ "Calma do noturno de Belo Horizonte..." foi assim com o casal José Olympio, que roubou quatro dias às suas edições para passear pelas largas avenidas da cidade jardim.

Não é atoa que a Praça da Liberdade tem aquela amplidão de rosas, o espelho dum tanque onde andorinhas vão roçar nos seus vôos de flechas, o busto do romancista Bernardo Guimarães que parece sonhar com os sinos de Ouro Preto, e as linhas amáveis, quase majestosas, da Secretaria do Interior, da qual, a qualquer momento, pode aparecer à sacada principal o perfil do poeta Mário Mattos.

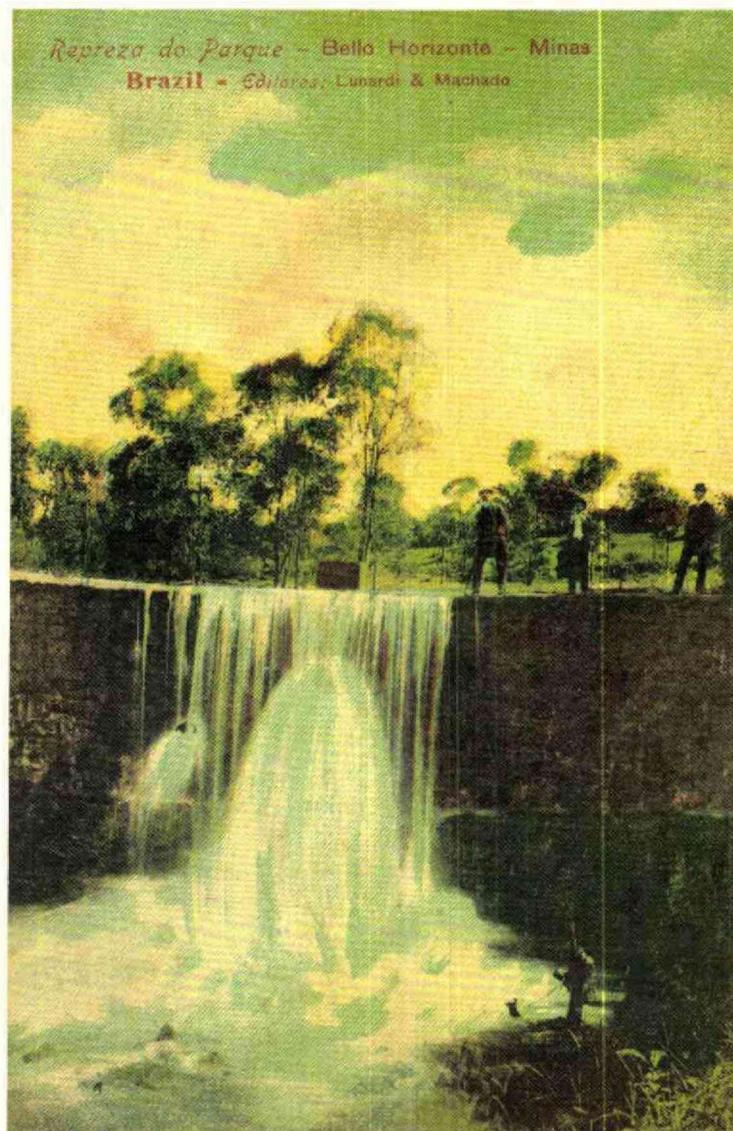
O homem que chega senta-se na limpa ilhazinha de coqueiros do Parque Municipal e nem vê a torre quadrada da Prefeitura se alteando, porque aquela aguinha correndo e aqueles coqueirinhos bastam _ uma paz, a paz que as outras cidades não têm, invade-lhe o coração. Foi assim com Lélío Landucci, com Araújo Nabuco, será assim com todos. O ar, placidez da paisagem de morros nus e serenos, a serra da Piedade ao longe, as ruas tão longas como campos _ o que se respira e o que se vê _ tudo se faz cúmplice duma serenidade de que se ignorava a existência. E o homem que chega, que está cansado das inglórias lutas de outras terras, que está ferido pela fúria de outros homens, tão fatigado pelo atro-

pelo de outras ambições, compreende que há ainda, em alguma parte da terra, um ar, uma outra noção de vida, onde há ainda uma outra esperança na vida ... E então, sob o sol mais luminoso do mundo! vai se sentindo mais claro e compreendendo que há outras perspectivas, além da de "subir", de "vencer", que grandes e pequenos podem se juntar na mesma mesa dum café, que a arte de falar mal dos outros é muito mais sutil do que imagina ... Vai compreendendo que não há incompatibilidade entre um poeta como Emílio Moura e a secretária do ex-Tribunal de Contas. Que o anjo que passa é Godofredo Rangel. Que o outro anjo é Arduino Bolivar, a caminho da casa dum amigo, onde vai ouvir música. Que nos saraus do grave Cyro dos Anjos se improvisam os skets mais loucos. Que na casa de João Alphonsus, entre a fumaçada do fuminho de Passa Quatro, se possa comer tranquilamente os melhores pastéis de nata de toda Minas Gerais. E vai compreendendo porque o autor de *Ilusão Literária* (um livro que devia ser distribuído pelo governo a todos os impertinentes literatos do Brasil) ainda não foi importunado por ter sido extrema-direita do Atlético; porque Guilhermino Cesar mexe em encrencas da polícia; porque o poeta Austen Amaro identifica criminosos; porque Renato de Lima pinta paisagens nos vagares da Delegacia; porque João Dornas Filho é proprietário da melhor alegria que se possa imaginar dentro de uma repartição pública.

Amigos e inimigos, vinde respirar o ar de Belo Horizonte! Vinde sem demora. Eu vos receberei na casinha da Serra, para os lados do Cruzeiro. De lá se descortina a cidade plantada no meio de árvores. Perdoareis o ridículo e a burrice arquitetônica dos mestres-de-obra indígenas, normandos, marajoaras, falsos modernos, as cúpulas do Colégio Arnaldo como seios prateados, o gótico da Matriz, o pecado mortal que é o palácio do Bispo.

Perdoareis tudo pelas árvores amigas. Tantas e belas árvores, que o velho político matreiro respondia, quando insistiam para que ele fosse à Capital ajeitar-se com o governo: “Tenho medo de virar árvore”...

Amigos e inimigos, vinde respirar Belo Horizonte! Eu vos espero na casinha da Serra, para uma completa reconciliação com o mundo e com a vida. Compreendereis a importância das magnólias.



*Represa do Parque Municipal - Belo Horizonte
Cartão Postal - Editores Lunardi & Machado
Década de 1910
Coleção Otávio Dias Filho*

Se me vou ocupar da aparente saúde dos habitantes de Belo Horizonte, não vão em mim descocadas pretensões de decisões de competente; mas simplesmente o desejo de dizer, a meu costumado modo, a idéia que faço deste bom povo, pela impressão que me apresenta o seu aspecto, que eu tenho estudado atentas e repetidas vezes, nestes dias de festividades que aqui produzem raras e numerosas reuniões dos habitantes do lugar e cercanias.

O tipo geral deste povo é doentio. Magros, amarelos, pouco desempenados na maioria, havendo uma grande proporção de defeituosos, aleijados e raquíticos. Ora, esta fisionomia quase geral da população de Belo Horizonte desarmoniza completamente com a amenidade do clima, com o ar seco e batido quase constantemente pela brisa, com a natureza do solo que é magnífica e pantagruélico apetite que têm todos os que para aqui têm vindo e que, em mais de um mês de residência, já iriam percebendo sintomas e prenúncios de mal estar futuro. (...)

O proprietário do hotel, homem sincero e honrado, e que procura por todos os meios possíveis e imagináveis estar à altura das exigências e niquices dos senhores *fidalgos* que lhe chegaram da capital, dá-nos, como já disse noutro artigo, invariavelmente ao almoço e ao jantar: feijão, arroz, carne de vento e café! (...)

Por muito pouco que eu entenda de higiene da alimentação, conheço ainda o suficiente dessa ciência tão querida e explorada

dos franceses, para que possa asseverar, sem medo de engano ou do *cochilo* científico, que um regime permanente de feijão e arroz, com algumas raras surtidas pela carne de vento, não pode levar ninguém a ostentar faces rubicundas e bochechudas de camponês minhoto, que recheia e alaga o estômago com carne, frutas e generoso vinho. (...) Portanto, a palidez e magreza dos filhos cá da terra é enfermidade (se é enfermidade) muito fácil de corrigir e, neste caso, é que está aplicada acertadamente a sentença de um célebre médico que profetiza que, para séculos vindouros, a higiene há de completamente substituir a medicina. (...)

Por enquanto, as festas religiosas da Semana Santa têm sido um derivativo salutar e, digamo-lo com justiça, que Belo Horizonte, apesar de ser uma localidade relativamente pobre, faz as suas solenidades religiosas com uma pompa natural e espontânea, muito de ver-se e admirar-se.

Reservei para fecho a magna questão do *bócio*, ou mais popularmente dos *papudos*. Tenho encontrado talvez uns quinze ou vinte, e isto nas grandes aglomerações que têm produzido as festas da Semana Santa. Mesmo que eles pertencessem aqui ao lugar, a proporção não era assustadora; mas afiançam-me que são quase todos de uma localidade distante, o que, a ser certo, pelo sim pelo não, talvez que conviesse conservá-la muito isolada da capital "Minas".

Mas, mais do que tais informações, me deu sossego e confiança o fato de verificar que quase todos os *papudos* são de cor, o que não impede de olhar o assunto com o mesmo cuidado e carinho; mas que, sem exceção, a doença acomete os que arrastam a mais miserável vida e todos podem imaginar o que será "a mais miserável

vida" passando e experimentando o que é a vida dos supostos fidalgos e ricos!

Enquanto a mim, que não tenho pergaminhos para afirmar que o bócio provém da falta de iodo nas águas, ou do seu excesso de magnésia, creio, por intuição, que o *papudo*, pelo menos aqui, é um fruto exclusivo da mais requintada sobriedade de boca e da mais contrastadora falta de recursos da mais comesinha higiene!

E para o *bócio*, ao menos para o *bócio* daqui, também me parece que, se ele existe propriamente nesta zona, será estancado e paralisado pela conquista que a civilização, inerente a uma grande capital, há de realizar neste magnífico pedaço da terra brasileira!



~ Residência de uma papuda ~

Curral del Rei, 1894
"Residência de uma papuda"
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto

 santuário da futura capital de Minas Gerais apresenta, no exterior, todos os traços característicos dos edifícios *construídos antes da elevação do território das Minas a capitania geral.*

Uma sólida muralha quadrada, coberta por um frontão coroado por uma cruz de um estilo requintado, de cada lado uma sineira terminando como pirâmide, uma grande portada bem proporcionada e duas janelas abrindo-se acima dessa portada, formam o conjunto da fachada. É difícil haver algo mais simples e mais modesto; entretanto, e talvez por isso mesmo, essa modéstia e simplicidade provocam um sentimento real de respeitosa devoção e, involuntariamente, idéias melancólicas invadem a imaginação e o espírito do observador. Gostaríamos que os *bandeirantes* tivessem podido prosseguir na evolução de seu gosto artístico, pleno de original simplicidade. Pensamos que esses homens, que tinham um tão poderoso sentimento religioso, fossem iniciados, com o tempo, nas secretas técnicas da arte de construir, e tivessem criado para além do medalhão e da ornamentação tortuosa que, salvo raras exceções, formam o estilo que o governo da metrópole lhes impôs, sufocando suas liberdades.

Alguns túmulos, semeados diante dessa fachada, num pequeno cemitério, que se tem de atravessar para entrar na igreja, levam instintivamente o pensamento para o tempo passado. Refletimos

sobre as inúmeras dificuldades que Portugal opunha a tudo que tinha aparência de progresso e os atos tirânicos de que eram vítimas todos os que ultrapassavam o nível moral que *El-Rey* desejava conceder a seus vassallos de ultramar. “As artes e as ciências eram proibidas, bem como a penetração de livros que poderiam enriquecer o talento dos brasileiros”. (...)

Deixemos o pequeno cemitério de Belo Horizonte que nos lembra talvez demasiado os tempos passados e entremos na Igreja. (...)

O interior da igreja de Belo Horizonte não produziu uma sensação agradável em mim; supondo encontrar nela o mesmo gosto simples e severo que me atraía por fora, com o espírito ainda impressionado pela visão do pequeno cemitério e a imaginação cheia de lembranças dos tempos antigos, o contraste muito violento que há com o exterior me causou um sentimento de mal-estar moral.

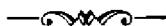
Sem saber bem por quê, observando a fachada desse santuário, eu me senti levado a comparar seus construtores aos primeiros cristãos que edificaram seus templos ao Criador em lugares áridos e solitários; já ia até vesti-los de um grosseiro burel, formando longas pregas e por pouco deixava voar a minha imaginação, via o sacerdote *bandeirante* traçar os planos, ir e vir, dar ordens, correr muito afobado da direita para a esquerda, levando sua sotaina suja de terra vermelha; percebia meninos do coro amassando a argamassa e entregando-a a homens magros e queimados de sol que, severamente, até religiosamente, com a colher na mão, levantavam pouco a pouco as muralhas desse santuário ...

Entrando na igreja, ai! Todos esses personagens fantásticos se transformaram em pequenos padres da regência, agitados, con-

versando, rindo e roubando-lhe sem piedade as doces emoções que eu acabara de sentir (...)

Não me deterei a descrever minuciosamente o interior dessa igreja em um estilo Luís XV de mau gosto, prevalente exclusivamente, como de resto na maior parte dos monumentos construídos em Minas pelos portugueses do século passado. (...)

É por causa dessa forma de apreciar as obras de arte que acho o exterior simples da igreja de Belo Horizonte mais sincero, mais cristão, ainda que mais modesto, que o interior, que está mais próximo da cultura europeia do século passado. Está fora de dúvida a defasagem da construção desse templo. O contraste evidente que há entre seu interior e seu exterior me faz supor que foi iniciado pelos bandeirantes e terminado por operários portugueses que vieram com os primeiros Capitães Gerais que governavam as Minas do Brasil.



As pinturas do teto abobadado da igreja foram restauradas por um curioso, estão completamente estragadas; algumas cabeças, entretanto, que foram menos trabalhadas pelo restaurador mostram que o teto não era desprovido de real mérito.



O pequeno ducado de Brandeburgo se tornou o império alemão; e o *Curral del-Rei*, Belo Horizonte, se transforma na capital do grande estado de Minas Gerais...

Não é a construção de uma nova cidade que me deprime. Uma obra assim representa sempre um progresso e esse progresso é enorme quando a sua realização é confiada a homens como Aarão Reis e José de Magalhães, que, de acordo com o que já se pode constatar, vão ultrapassar sua reputação.

O que me dói é ver que, para criar a nova "Minas", se tenha de aniquilar a antiga Vila Rica. Não é Saturno devorando seus filhos que o estado de Minas deve imitar; não é na mitologia que deve procurar as regras de conduta, é na natureza, na família. O nascimento de um novo ser não é uma sentença de morte para os irmãos mais velhos e não se deve privá-los dos cuidados dos autores de seus dias.

Ouro Preto é o filho legítimo do estado de Minas e tem todos os direitos à sua atenção quanto o Curral del-Rei – Belo Horizonte.



Altar de São Miguel
Antiga Matriz da Boa Viagem, 1894
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto

E é assim que hoje recomeçam os homens a se movimentar. A vivacidade de outrora reaparece, ora junto às velhas cidades mortas, em que ninguém toca _ Sabará, Ouro Preto, São João del-Rei _ que permanecem como jóias artísticas devidamente protegidas, ora próxima das estações de água tão numerosas em Minas Gerais, a que, durante as férias, afluem doentes ou simples turistas ávidos de repouso nas encostas verdejantes das colinas. Surgem fábricas pequenas e grandes. Ao século das torres, das igrejas, do bimbalar musical dos sinos, sucedeu o século das chaminés, dos vagões de minério galgando as montanhas em pontes seguras por cabos de aço, dos apelos estridentes dos apitos.

Era necessária uma capital nova para esta nova Minas Gerais, e foi assim que nasceu, num local predeterminado, no centro geográfico e demográfico do Estado; a cidade de Belo Horizonte. Tem seus encantos esta cidade recém-fundada, com avenidas sombreadas por grandes árvores. Parque cheio de cantos de pássaros, lago artificial para passeios de barco. Mas para que Belo Horizonte fosse digna da antiga civilização do ouro, seria necessário também orná-la com belos monumentos, dignos de seu passado glorioso; no entanto, sendo capital de um outro tipo de civilização _ a do ferro e do cimento _ não poderia copiar o barroco, que nada significaria nos dias de hoje, mas deveria criar outro estilo de beleza.

O milagre produziu-se. Belo Horizonte encontrou, no arquiteto Oscar Niemeyer e no pintor Portinari, os dois homens capazes de lhe dar beleza igual à do passado, embora de gênero diferente.



Estação Central em 1916
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

A construção da Nova Capital, na localidade escolhida de Belo Horizonte, é outro acontecimento de uma grande importância e grande alcance para o futuro econômico de Minas Gerais. A nova Capital está situada em local excepcional do ponto de vista do clima, da salubridade, da fertilidade da região circundante e da facilidade de comunicação com todo o centro do Estado. Ela domina os dois ricos vales do Rio das Velhas e do rio Paraopeba, a cuja prosperidade essa vizinhança com a nova capital vai dar um vivo impulso.

Em alguns meses, a nova Capital estará ligada à Estrada de Ferro Central por um pequeno ramal em cuja execução se trabalha ativamente. Os trabalhos de construção da nova Capital estão sob a hábil direção de um engenheiro eminente, Dr. Aarão Reis, que soube imprimir a essa obra, desde o primeiro momento, uma força decisiva. O lugar escolhido é admiravelmente apropriado à instalação de uma grande cidade, e a nova Capital, feita como uma só peça, promete ser uma amostra notável do que seja uma cidade moderna, para cuja edificação serão utilizados todos os recursos e os recentes progressos dos diversos ramos da ciência, da indústria e da arte da engenharia.

Uma coisa interessante ocorre com Belo Horizonte: é que durante alguns anos, foi motivo de motejo e incredulidade. Ninguém, ou por outra, quase todos não confiavam no seu futuro, vendo na sua edificação um grande fracasso. Enganaram-se redondamente os que assim pensavam.

Os presidentes e políticos mineiros souberam bem escolher o local quando resolveram fazer surgir a cidade. Encarregaram um engenheiro, o dr. Aarão Reis, de planejá-la, de modo a ficar tudo quanto se referisse ao seu progresso, perfeitamente previsto e garantido. Esse profissional foi avisado de que queriam uma cidade moderna, com elementos para se desenvolver, adotando-se na sua edificação tudo quanto de mais moderno existisse.

Ele tirou proveito dessa ordem com a mistura do *utile dulci*, que atualmente faz Belo Horizonte tão conveniente para o comércio quanto é agradável à vista. Seu projeto é segundo o *block system*, mas, para evitar a monotonia e os intermináveis retângulos de lugares como Nova York e Buenos Aires, traçou através dos retângulos uma série de avenidas diagonais, com jardins e praças em numerosos cruzamentos onde ruas e avenidas se encontram. Além disso, tirou vantagem de um pequeno ribeirão que corre através da cidade, para fazer um dos lados da principal avenida dominar o esplêndido Parque, onde árvores e flores tropicais, subtropicais e montanhasas crescem em estranha promiscuidade ao redor de uma série de lagos e cursos d'água. Sobretudo, fez as ruas duas vezes mais largas que as ruas ordinárias e as avenidas

duas vezes também largas, plantando árvores aos lados de cada rua e quatro filas de árvores ao longo de cada avenida.

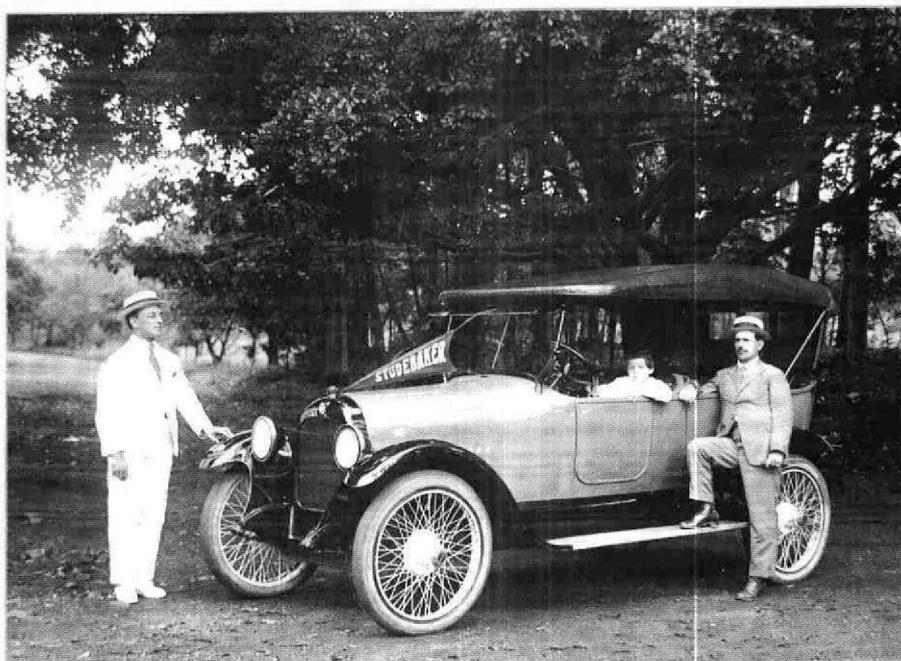
Pode-se imaginar que, na ocasião em que grandes edifícios públicos, lojas, casas, etc, começaram a surgir nesse grandioso sítio, se pareciam com pequenas ilhas _ pois as autoridades municipais se cingiram a todos os alinhamentos do plano original _ e os visitantes riam do que lhes parecia caprichos de vã imaginação. Somente agora a sabedoria e a previdência dos pioneiros municipais têm sido justificadas em certa extensão, e muito resta por fazer, mas quem vem a Belo Horizonte para escarnecer fica admirado da magnificente maneira como seu progresso está sendo dirigido.



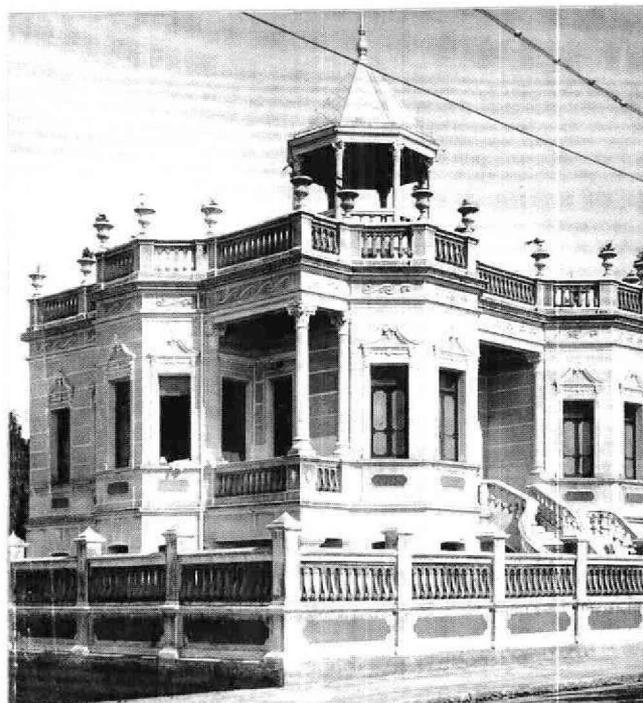
Sendo este o Estado do qual Belo Horizonte é a capital, não é surpreendente saber que a população da cidade se elevou ao dobro nos últimos quatro anos. Como centro de uma rede de ferrovias, que está sendo continuamente ligado a outros sistemas ferroviários, pode-se presumir que o crescimento prosseguirá, se não tão rapidamente. Isso quanto ao progresso material. Há outro aspecto: o elemento humano. Vivestes jamais em cidade em que a população tenha aumentado na proporção de cem por cento em quatro anos? É uma experiência interessante. Cada um anda com ar de absoluta certeza de que este é o melhor de todos os mundos possíveis. Todos vos dizem em que maravilhoso lugar estais: como o sr. X ganhou mil libras nos últimos cinco anos, e que o sr. Z comprou propriedades que inevitavelmente o farão milionário dentro de 10 anos.

Sois solicitado a admirar tudo e, tendo-o feito, sois aconselhado a estabelecer-vos e fazer vossa fortuna. Depois de cerca de uma semana, sentis que sois um perfeito verme para ganhar dinheiro, especialmente se acabais de voltar de férias na Pátria (*Home leave*) e vosso salário se parece com dinheiro para alfinetes.

Quando o homem com o qual estivestes bebendo café sai convosco de sua residência apalacetada, num automóvel de 40 cavalos, e diz: "Sim, senhor, eu era pobre quando se fundou esta cidade e agora ganho 10.000 libras por ano, esta casa e outras propriedades, incluindo uma fazenda com 54 milhas quadradas de terra, para não mencionar seis crianças", vós ficais convencido de que vender cigarros é um pobre negócio.



*Automóvel Studebaker, 1919
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto*



*"Castelinho da Praça"
(onde hoje está a Edifício Niemeyer)
Praça da Liberdade, cerca de 1925
Arquivo Público Mineiro*

Não há exagero. A impressão que recebi ao visitar a nova Capital de Minas foi a mais agradável surpresa, porquanto não é comum a quem viaja longe dos grandes centros encontrar unidos, na mais harmoniosa conjunção, tantos elementos de gosto, arte, previsão e alto critério. Tudo na vossa cidade mineira foi sábia e artisticamente disposto para que ela realizasse todas as condições da vida urbana, como exige a civilização.

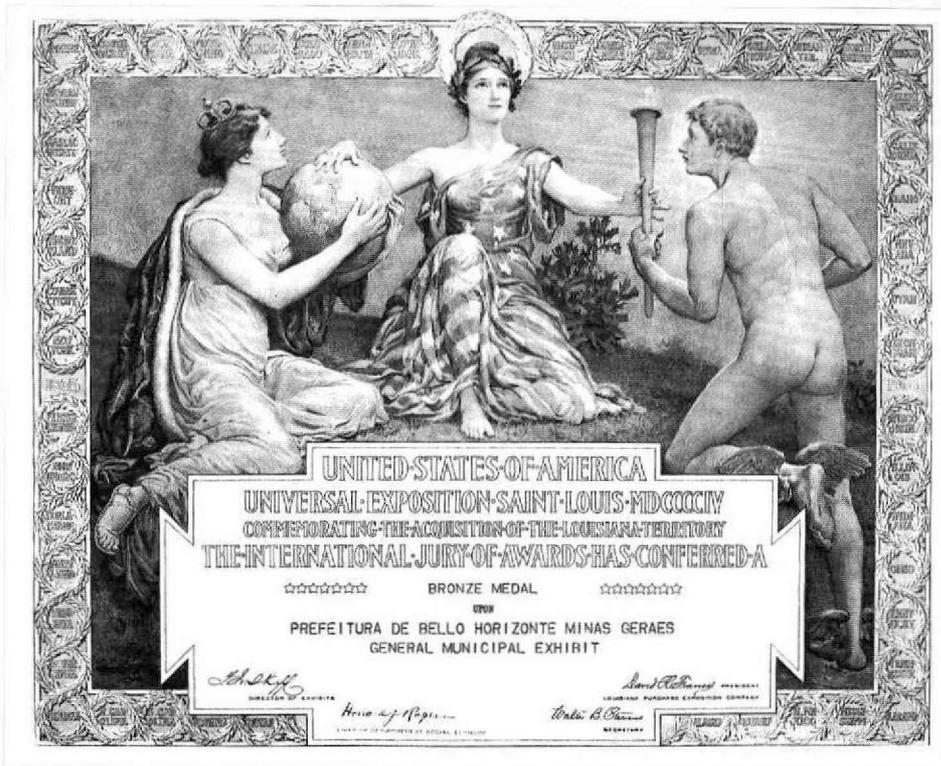
Nada lhe falta. A sua colocação geográfica, conquanto não seja rigorosamente central, a indica para ser o centro industrial, comercial e político do Estado. (...) Esteticamente, oferece o plano de Belo Horizonte deliciosos e variados aspectos, como em nenhuma outra cidade se encontram.

Já tive ocasião de exprimir ao distinto Prefeito de Belo Horizonte as lisonjeiras impressões que deixou em meu espírito o conjunto da Capital de Minas quanto à disposição da cidade, o plano das suas avenidas, praças e ruas, as suas excelentes instalações sanitárias, a arborização soberba que oferece, sob a doçura de um clima temperado toda a exuberância de uma vegetação dos trópicos...

Mas, meu amigo, é indispensável que essa grande obra se complete com as indústrias para as quais oferece o melhor teatro. É preciso que depois do luxo venha o pão. Não basta que Belo Horizonte seja bela, é essencial que possa viver, ter progresso material, produzir e criar fontes de riquezas. Minas é um país de ferro. A siderurgia deve ocupar o primeiro plano dos programas de governo. (...)

Depois dessa, outras indústrias são aí facilmente adaptáveis, tantas quantas as complexas necessidades de uma população ativa forem exigindo. Usinas, fábricas, manufaturas variadas que dêem emprego ao capital e ao braço. É a indicação contra o único mal que pode ameaçar a Capital de Minas: a falta de povo, como sucedeu a *Versailles* e, modernamente, a *La Plata*: belas cidades monumentais, mas oferecendo o aspecto melancólico de necrópoles ...

Resumindo o que tinha ainda a dizer sobre a vossa Capital, só me cabe afirmar-vos que prognostico um grande futuro para ela, se os poderes públicos prosseguirem nas medidas que vão pondo em prática o seu desenvolvimento, e abrirem uma fase francamente industrial que permita à Capital de Minas, além de ser formosíssima, como já é, ser também forte, rica e poderosa.



Diploma de Medalha de Bronze concedida a Belo Horizonte
 Exposição Universal de Saint Louis, E. U.A., 1904
 Arquivo Público Mineiro

Disseram-me "é uma cidade moderna". Não fiquei muito entusiasmado. Deixando Ouro Preto, Mariana e Sabará, em que podia me interessar essa cidade com seus armazéns novos e seus palácios ainda inacabados? Eu me enganava. Há muito para se ver aqui e é um espetáculo impressionante sentir crescer esta cidade que não foi construída em forma de tabuleiro, como tantas outras dos Estados Unidos, mas que lança suas pontes em todos os sentidos, à maneira de estrelas.

_ Não deixe, me disseram, de ver as hortênsias de Belo Horizonte.

_ Onde posso ver as hortênsias, perguntei diversas vezes.

Inútil procura dessas flores. Não era o tempo delas.

Mas vejo outras plantas com magníficas flores vermelhas. Nunca admirei plantas iguais. Um dia, eu ficarei conhecendo seu nome pelos livros e não saberei que me debrucei sobre elas, longamente.

NOTAS SOBRE OS AUTORES

1. *MACHADO DE ASSIS* Nascido no Rio de Janeiro (RJ) em 1839, e falecido em 1908. Do livro *A Semana*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1937. n. 2. p. 8-9. (Fragmentos).
2. *ARTHUR AZEVEDO* Nascido em São Luis (MA) em 1855, e falecido em 1908. Da série de artigos publicados no jornal *O Paiz*. Transcrição no *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 dez. 1901. p.2. (Fragmentos).
3. *OLAVO BILAC* Nascido no Rio de Janeiro (RJ) em 1865, e falecido em 1918. Artigo publicado na *Gazeta de Notícias*. Transcrição no *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 set. 1937. p. 12. (Fragmentos).
4. *AFFONSO E. TAUNAY* Nascido em Florianópolis (SC) em 1876, e falecido em 1958. Artigo publicado no *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 ago. 1929. p. 2. (Fragmentos).
5. *MONTEIRO LOBATO* Nascido em Taubaté (SP) em 1882, e falecido em 1948. Artigo publicado no *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 set. 1937. p.12. (Fragmentos).
6. *TRISTÃO DE ATHAYDE* Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, nascido no Rio de Janeiro (RJ) em 1893, e falecido em 1983. Artigo publicado em *O Diário*, Belo Horizonte, 18 nov. 1959. p.4.
7. *MARQUES REBELLO* Pseudônimo de Eddy Dias da Cruz. Nascido no Rio de Janeiro (RJ) em 1907, e falecido em 1973. Artigo publicado em *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 24 abr. 1940. 2ª seção. p.1.

8. *ALFREDO CAMARATE* Jornalista português, também engenheiro e músico, usava o pseudônimo de Alfredo Riancho. Nascido em Lisboa em 1840, e falecido em 1904. Artigos sob o nome geral de Por Montes e Vales. Transcrito do *Minas Gerais*, Ouro Preto, 1894. p. 1-2. (Fragmentos).
9. *ÉMILE ROUÈDE* Pintor e jornalista francês, nascido em 1850, e falecido em 1912. Das crônicas publicadas no jornal *Le Brésil Republicain*, Rio de Janeiro, de maio a outubro de 1894, transcritas na revista *Barroco* 9, Belo Horizonte, p.123-28. (Tradução: Laís Corrêa de Araujo).
10. *ROGER BASTIDE* Sociólogo francês, nascido em Lyon (Fr.) em 1891, e falecido em 1974. Do livro *Brasil, terra de contrastes*. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969. p. 125-126. (Fragmentos).
11. *ARTHUR THIRÉ* Jornalista francês, nascido em Paris (Fr.) em 1853, e falecido em 1924. Do artigo *Nouvelle Capitale*, publicado na *Revista Industrial de Minas Gerais*, Ouro Preto, v.1, n. 9, p. 218, 1894. (Tradução: Laís Corrêa de Araujo). (Fragmentos).
12. *W. LEIGH* Jornalista inglês e comerciante. Do artigo publicado no *The House Journal of British - American Tabaco*, Londres, transcrito do *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 jun. 1925. p. 5-6. (Fragmentos).

13. *JOSEPH ANTOINE BOUVARD* Arquiteto francês, nascido em 1840, e falecido em 1920. Discurso traduzido e publicado no *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 27 maio. 1911. p. 2. (Fragmentos).
14. *JULES SUPERVIELLE* Poeta francês, embora nascido em Montevideú (Uruguai) em 1884, e falecido em 1960. Do livro *Boire à la source*, Paris: Correa, 1933. p. 197. (citado por Manuel Bandeira, *Guia de Ouro Preto*. (Fragmentos).

O Olhar Histórico
O O L H A R H I S T Ó R I C O

Uma diferenciação importante a ser feita é relativa às características específicas dos vários salões da Capital. Embora esses espaços fossem o palco das manifestações de uma mesma classe social, havia certas diferenças quanto ao acesso que esses ofereciam a seus usuários. Por um lado, distinguiram-se os salões dos clubes criados pela elite, que funcionavam nas residências dos sócios mais importantes ou em sedes próprias, e cujo acesso era exclusivo a seus associados. Nessa década existiu uma série dessas entidades, como, por exemplo, o Club das Violetas, o Club Rose, o Club Edelweiss, o Elite Club, o Club Belo Horizonte, dentre outros.

Por outro lado, também se destacavam os salões do Grande Hotel, do Palacete Steckel, e os de alguns prédios públicos, como os do Senado e da Câmara dos Deputados, onde foram realizados vários concertos abertos ao público através da compra de ingressos. A maioria desses eventos aconteceu através da iniciativa de particulares. Geralmente, músicos profissionais ou amadores, que se empenhavam nessas promoções. Embora permitindo níveis de acesso diferenciados, esses espaços tinham em comum os músicos que se apresentavam e seu repertório, que era constituído exclusivamente de música erudita.

O CLUB DA VIOLETAS - Um marco importante para o desenvolvimento da música em Belo Horizonte foi a criação do "Club das Violetas" no ano de 1898. Essa sociedade recreativa, fundada por membros da elite sócio-cultural da cidade, e que teve como um

de seus presidentes, o comerciante e artista Frederico Steckel, incentivou a vida musical belo-horizontina de variadas formas. (...)

Além dos concertos periódicos de caráter beneficente ou recreativo, e de suas partidas mensais realizadas com músicos locais, o "Club das Violetas" promoveu dois acontecimentos importantes no ano de 1900. O primeiro deles constou de um recital organizado pelo tenor Eugênio Oyngurem, com trechos de ópera e operetas então mais em voga. O segundo evento foi uma apresentação do pianista e compositor Francisco Valle, acompanhado pelo violinista João Valle e pelo flautista Marcellino Valle. (...) Nesses mesmos salões, ainda no ano de 1900, se realizaram também apresentações literárias e musicais promovidas por um grupo de jovens que cultivavam o gosto pelos bons autores literários, e se intitulavam integrantes do "Grupo dos Jardineiros do Ideal". Nas reuniões promovidas por esses membros da elite sócio-cultural da cidade, além de palestras sobre poesia e outros temas afins, havia sempre uma parte destinada às apresentações musicais de instrumentistas e cantores.

O CLUB ROSE - Outra associação recreativa incentivadora da música nos primeiros anos da instalação da nova capital foi o Club Rose, criado no final do ano de 1898, e presidido pela primeira dama do Estado, sra. Esther Brandão. As suas primeiras partidas, realizadas nos salões dos prédios públicos da cidade, já contavam com números musicais nos intervalos das danças. Dentre os conjuntos musicais que animaram esses acontecimentos, destaca-se um grupo formado somente por senhoritas da sociedade local que tocavam bandolins.

OUTROS CLUBES - Neste mesmo período (1898-1901) tem-se notícia de apresentações musicais realizadas nos salões dos clubes "Recreativo União Operária" e "Operário Nacional". No entanto, tratam-se de referências esparsas, talvez pela sua pouca ocorrência, ou pela preferência dos jornais em noticiar os acontecimentos da classe dominante. Existem também notícias da criação do "Elite Club" e do "Club Edelweiss", cujas partidas se realizaram em palacetes de figuras da alta sociedade belo-horizontina. No entanto, pareciam tratar-se mais de clubes com caráter recreativo do que promotores de concertos e outros eventos musicais. O "Club Crysânthemo", em 1904, promovia apresentações de canções e comédias, acompanhadas por afinada orquestra. Um desses eventos realizou-se no prédio da rua da Bahia, onde funcionava o antigo Telégrafo Nacional.

OS SALÕES DO PALACETE STECKEL - Após o desaparecimento do "Club das Violetas", Frederico Steckel continuou a investir em concertos, realizados por músicos locais e visitantes. Nos anos de 1901 e 1902 aconteceram apresentações importantes, como a do violoncelista cubano Manoel Acosta, acompanhado por um grupo de 10 músicos radicados em Belo Horizonte. Também se apresentaram no "Palacete Steckel" alguns pianistas de renome, como o mineiro Carlos Barrouin (...) e Charley Lauchmund, este último laureado com um primeiro prêmio no Conservatório de Leipzig. (...)

OS SALÕES DO GRANDE HOTEL - Desde o início de 1900 os jornais noticiam atividades musicais nos salões do Grande Hotel de Belo Horizonte. Além de ter sido palco dos eventos promovidos pelo "Club Schumann" e pelo "Grêmio Olavo Bilac", nessa década aconteceu uma série de concertos importantes em

seus salões. Um dos mais importantes foi realizado em 1904 pelo flautista Patápio Silva, acompanhado de vários músicos da cidade. O duo formado pelas irmãs Branca e Stael de Carvalho também se apresentou com freqüência nos salões, em recitais próprios ou acompanhando concertistas vindos de outros estados. (...)

O CLUB SCHUMANN - Em Belo Horizonte, uma iniciativa semelhante foi a criação do "Club Schumann", no início de 1904, pelo músico José Ramos de Lima. (...) Os concertos desse clube, promovidos mensalmente, restringiram-se apenas a seus sócios, portadores de cartões nominais e intransferíveis. (...)

O CLUB BELO HORIZONTE - Após o desaparecimento dos clubes "Rose" e "das Violetas", a elite sócio-cultural da cidade passou a prescindir de um novo local de encontros e sociabilização, colocando a música dentre uma de suas necessidades. (...) Nos primeiros anos de instalação deste Club, os jornais dão poucas referências sobre sua orquestra, regentes e músicos mais importantes. No entanto, sempre são noticiados os números musicais nos intervalos das danças, com musicistas da cidade, e com uma orquestra formada pela elite musical belo-horizontina. Nesse período, a banda do 1º Batalhão da Polícia Militar foi um dos grupos musicais que mais se destacaram em seus salões, animando suas partidas e participando de concertos recreativos e beneficentes. (...)

A atividade musical dos clubes e demais salões da cidade está ligada a esta necessidade da elite de desfrutar de boa música, como ouvinte e como intérprete. Seus concertos representavam a possibilidade que os músicos, radicados na cidade, tinham de mostrar suas composições e sua performance, enquanto instrumentistas e

regentes. Nessas ocasiões, também conviviam com músicos de outros centros, tendo assim ampliada a sua cultura musical. (...) Em termos de gosto musical desse grupo social, verifica-se certo atraso em relação aos centros mais importantes do País, existindo aí uma contradição entre a proposta de modernidade da primeira capital brasileira planejada, e os valores tradicionais de sua população. Um indicativo desse tradicionalismo pode ser encontrado nos programas dos concertos da cidade, que atestam o gosto musical dos intérpretes e de seu público. (...) Nessa década, também não houve em Belo Horizonte nenhuma escola de música fundada pelos poderes públicos. O único estabelecimento de ensino musical da cidade foi criado e funcionou graças à iniciativa pioneira de Francisco Flores, somada à de outros músicos radicados na Capital. Embora estas não sejam informações diretamente ligadas ao assunto tratado, ajudam na compreensão do universo musical da cidade, do qual os saíões são uma importante parte.



*Garden Party no Palácio da Liberdade
cerca de 1920
Arquivo Público Mineiro*

Quando chegou a época de matricular-me em Belo Horizonte, onde já se achavam antigos condiscípulos, pedi a meu pai cartas de recomendação. Observou que, juiz, nada pedia aos membros do Governo. Não residiam em Belo Horizonte amigos da ordem de Feliciano Pena, João Pinheiro, Henrique Diniz, Wenceslau Braz. Gonçalves Chaves estava no ostracismo. E com aquele sorriso irônico do canto dos lábios, expressão que vi, depois, no rosto de Lloyd George, continuou:

- Por que não vai fazer o curso acadêmico em São Paulo? O meio lá é outro. Amplo e arejado. Belo Horizonte tem, realmente, lindos poentes. Neles predominam os cambiantes do roxo, violeta e lilás, cores da viuvez. É uma cidade triste, de burocratas descontentes. Andam tão preocupados com a morte, que fundaram uma "Sociedade Auxiliadora dos Funcionários" para garantir-lhes os funerais. O cemitério tem o nome de Bonfim. Aliás, a própria cidade, com as ruas desertas e as casas caiadas, dá a impressão de campo-santo. A penúria é geral e a agiotagem campeia. A água, tão diferente da de Ouro Preto, é pesada e de sabor desagradável. Segundo a ironia vingativa do ouro-pretano Diogo de Vasconcelos, por causa dela o antigo Curral Del-Rei era terra de papudos. A atmosfera, impregnada de poeira, oprime, e o ambiente moral ainda é mais irrespirável: servilismo, bajulação, "engrossamento". Toda gente tem medo de cair no desagrado do governo. A atitude desassombrada, de franca oposição, de Mendes Pimentel assume proporções de heroísmo..

Insistindo eu no propósito de ir para a Capital mineira, disse-me ele:

— Já que você teima em tirar azeite das pedras e não receia ser contaminado por aquele ambiente acanhado, de tristeza, burocracia, pobreza e adulação, vou lhe dar um cartão para o meu procurador Raimundo de Paula Dias e outro para um amigo que já foi rico, tirou duas “sortes” na loteria, e está pobre, mas, como bom inglês, é capaz de sacrificar-se para cumprir os deveres de amizade. É este o Comendador Walter Heilbuth. Antigo diretor de companhia de mineração de ouro em Itabira, tivera em Ouro Preto salão freqüentado pela melhor sociedade. As filhas, de esmerada educação e peregrina beleza, brilhavam nos saraus. Hoje é inspetor de rendas do Estado. Na sua casa, na Ponte do Saco, você será acolhido como um filho.

E assim realmente aconteceu.

Em Barbacena, quando fui me despedir do velho Bias (Crispim Jacques Bias Fortes), espontaneamente me ofereceu ele carta para o seu compadre Dr. Francisco Sales, então Presidente do Estado.

Os professores do Ginásio, José Bonifácio e Martim Francisco, deram-me também recomendações para o irmão, Dr. Antônio Carlos, secretário das Finanças.

Como já conhecia este, pois freqüentava o solar dos Andradas, fui logo procurá-lo ao chegar em Belo Horizonte. Recebeu-me fidalgamente e convidou-me para sua residência oficial à Avenida Liberdade, hoje João Pinheiro. Ofereceu-se para entregar a carta

endereçada ao Presidente. Pediu que voltasse na semana seguinte, quando esperava dar resposta satisfatória ao meu pedido de colocação.

Na data aprazada, informou-me da existência de uma vaga de colaborador na Secretaria das Finanças, lugar que renderia 93\$333 mensais. Como havia, porém, outros candidatos, resolvera pedir os títulos de cada um, acrescentando:

_ Quem vai apresentar diploma mais valioso que o de bacharel em ciências e letras?

Expliquei que ainda não tirara o diploma e não estava em condições de pagar as despesas do mesmo. Lembrou que bastava uma certidão, o que pedi logo em carta ao Alves Costa, secretário do Ginásio.

Munido desse documento, provando haver feito o curso com distinção nos exames finais de todas as cadeiras, apresentei-me de novo ao Sr. Antônio Carlos.

Depois de ler a certidão, bateu-me amistosamente nos ombros e declarou:

_ Considere-se nomeado. Pode escrever a seu pai dando a boa notícia.

Desci as escadas aos pulos e escrevi a meu pai uma carta triunfante, dispensando a mesada.

Poucos dias depois lia no "Minas Gerais" a nomeação de José Maximiliano de Carvalho para tão cobiçada vaga de colaborador.

Era um bom rapaz, filho da dona da pensão em que morávamos.
Alto e magro, era conhecido pelo apelido de Juca Estegomia.
Tinha apenas instrução elementar.

Vi-me assim, de repente, sem mesada e sem emprego.



**Ao Andrada, sendo nelle
Que todo o Estado repousa,
Fica-lhe bem uma pelle
De grande e fina raposa...**



*Caçamento da Rua Espírito Santo entre Tupinambás e Caetés
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1930/31
Acervo Olegário Maciel
Arquivo Público Mineiro*

A ALMA MINEIRA
DE BELO HORIZONTE  Oliveira Vianna

Dos mineiros vimos sabendo desde os dias da mais tenra infância: eles se nos prendem a nós por uma pequena reminiscência, uma saudosa reminiscência dos tempos de meninice. (...) Pelas estradas silenciosas da nossa aldeia natal, cheias, lembramo-nos bem! Da luz doce dos seus grandes luares, os pequenos Carusos rurais passavam cantando numa toada semelhante à da canção dos tropeiros:

Vou-me embora para Minas,

que diziam com voz trêmula e longa, alagando de melancolia a solidão da noite iluminada:

Vou-me embora para Minas,
Mineiro está me chamando.
Mineiro tem mau costume:
Chama a gente e vai andando!

(...)

Da preponderância absorvente da vida de família resulta para o mineiro uma extrema restrição dos círculos de sociabilidade. (...) Prova excelente desses hábitos reclusos e caseiros do homem de Minas está em que os mineiros não freqüentam os seus jardins e os seus parques. (...) Em Belo Horizonte, parques e jardins estão sempre desertos, já não diremos de moças e rapazes, mas mesmo de crianças. (...) Entretanto, esses climas montanheses são a pátria das árvores e das flores. Nos jardins públicos e particulares, os

crisântemos e as dalias, principalmente, florem com uma exuberância primitiva. Os crisântemos vermelhos, então! (...)

Este feitio de temperamento mineiro nós o encontramos em Belo Horizonte, cidade moderníssima. Belo Horizonte é uma admirável cidade ao ponto de vista de construção. No meio dessas soberbas edificações, desses belos palácios, dessas avenidas tão amplas, tão claras, tão alegres, tão lindamente arborizadas, não se vê, porém, o homem. É uma cidade deserta. Está reclamando transeuntes. O mineiro é já de si mesmo retraído, recluso, organicamente sedentário; nesta vastidão edificada em que o colocaram, a sua reclusão ressalta ainda mais, fere mais a atenção do forasteiro, vindo do denso formigueiro carioca. Nas horas de maior aglomeração, o movimento das ruas, nos pontos principais, é inferior ao de Niterói. (...) Essa cidade, tão formosa e grande, não está, porém, despovoada, ao contrário, está inteiramente habitada; apenas, não se vê o habitante...

Mesmo reunido em multidão, o mineiro não perde essas características. Nada mais interessante de se ver do que uma multidão em Minas. Nenhuma mais calma e menos ruidosa. (...) Em Belo Horizonte, nos teatros, nos cinemas, nos cafés, nos pontos elegantes, nos comícios eleitorais, nas solenidades oficiais _ sempre a vimos assim, silenciosa, pacata, respeitosa, como se se movesse dentro da nave de uma igreja. Eram sempre os mesmos homens de gestos moderados, falando baixo, à meia voz, como se estivessem contrafeitos no meio do tumulto. Os contatos coletivos, que são sempre superexcitantes, não os comovem nem os alteram. (...) Sente-se que o mineiro não respira bem no meio da multidão; que as agitações da vida pública não o seduzem; que é o lar, a vida privada o campo predileto da sua atividade. Aí é que

ele se sente bem, respira bem, oxigeniza e arterializa o seu sangue e a sua alma.

O vinco rural é tão forte, tão estrutural no caráter mineiro, que é fácil reconhecê-lo mesmo no mineiro sujeito à pressão de um meio altamente urbanizado como é Belo Horizonte. Os que construíram essa esplêndida cidade quiseram talvez urbanizar a alma mineira. Deram-lhe então o luxo suntuoso das avenidas, a imponência dos belos palácios, até a maravilha de uma iluminação elétrica que faz dessa cidade, crepitando em miríades de glóbulos rutilantes, uma cidade de conto feérico, como se o céu de Minas, tão tranqüilo e tão lúcido, a recobrisse com o estendal das suas estrelas. Mas a alma mineira, feita do bom metal antigo, o metal da nossa antiga simplicidade patriarcal, entra nessa cidade e, ao invés de se deixar absorver por essas maravilhas, derrama, ao contrário, sobre essas praças tão riosamente batidas do sol, a sua tranqüilidade, a sua frugalidade, o seu isolamento, o seu doce espírito familiar, que trouxe das suas vivendas rurais, onde só habitam o sossego, a modéstia e a paz.



*Praça da Liberdade em construção
Foto Dr. Oswaldo Cruz, cerca de 1897
Coleção Adriano Andrade Carneiro de Mendonça*

Mme. de Stael, em um dos seus livros eminentemente pessoais, celebrava o amargo prazer de viajar, pondo assim uma nota de reserva ao que escrevera antigo poeta francês, lírico precioso e elegante: *Heureux qui comme Ulysse a fait un beau voyage ...*

Os que vão a Belo Horizonte esquecem depressa a fadiga da excursão, pelo contentamento da visita.

A cidade confirma o seu glorioso nome _ e é toda uma sucessão de vista e descortinos, cenários que se multiplicam inesperadamente, e vales que estão a exigir sejam contemplados do alto, como de convidativo "belvedere".

Quando, no Rio, se fala na cidade mineira, a primeira impressão é a da regularidade das ruas; tudo obedece à rigorosa simetria; as vias públicas são traçadas com a mesma segurança que as desenharia, em seu gabinete, caprichoso topógrafo; a cidade se tornara, portanto, monótona ... O que não sabemos é que os diferentes planos de Belo Horizonte destroem esse caráter geométrico. Há, ainda, na disciplina do processo adotado, alta vantagem para a estética urbana _ a largura das ruas, que são descongestionadas, sem as dificuldades do trânsito de nossa Capital, e dando a quem venha contemplá-las o espetáculo de variadas perspectivas. De certo, não correspondem à altura dos edifícios; mas a cidade mineira tem, nessa circunstância, a sua mais curiosa virtude _ ser feita para um futuro próximo, ousadamente, mais ligado ao que

há de vir do que às necessidades atuais. É quase uma visão profética.

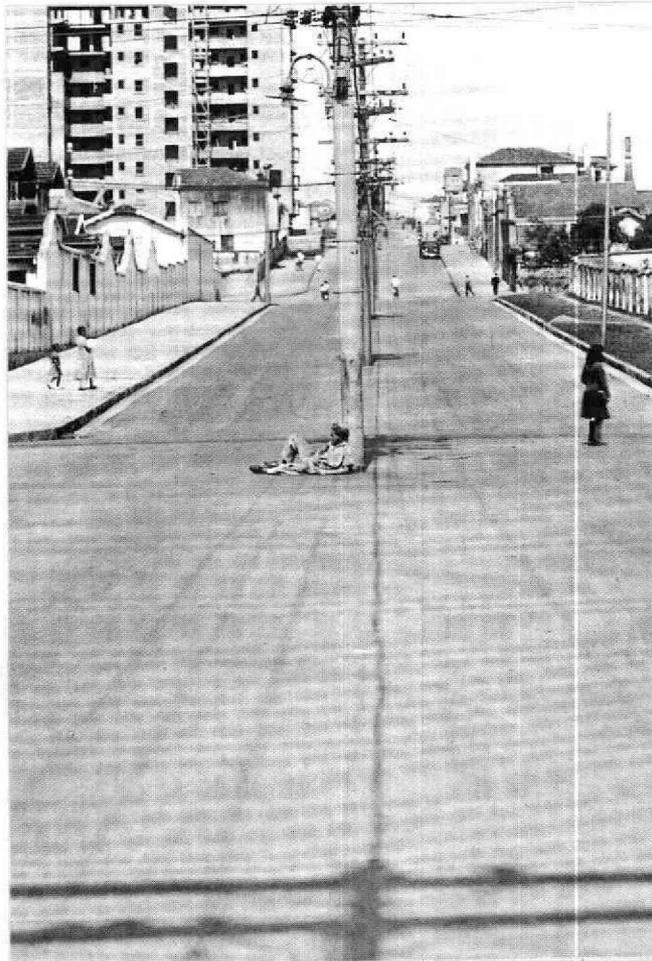
Afastaram-se, de vez, os figurinos da estética de colônia, vielas e becos estreitos, arcos deselegantes e pesados monumentos. A cidade é, toda, vibração moderna. Larga, poderosa, com determinantes locais... Parece estar desafoçada, livre, respirando a plenos pulmões. Essa preocupação de melhoramentos se revela em pequenos fatos, que bem a definem, e merecem o mais comovido louvor. O movimento de automóveis, conquanto os permita, ainda não reclama sinaleiros, como os que postamos, de manhã à noite, em nossa avenida, para regular a passagem de bondes e carros. Mas já existe, perto da Estação, o último modelo, o mais moderno e completo, que a sua polícia, inteligente e vigilante, houve por bem inaugurar. Esse fato vale por um sintoma. Não se procura, apenas, remediar as faltas atuais; a administração emprega também a sua atividade de maneira preventiva — e resultados hão de vir, seguros, firmes, valiosos ... Em centro como esse, é natural floresçam escritores modernistas, iludidos pelas últimas promessas de Cendras. Fundou-se uma revista para propagar o novo credo. Debalde, lembrava eu aos homens de letras daquela cidade, que o futurismo era, entre nós, uma escola morta, ou melhor, que se suicidara a si mesma. As extravagâncias, aplaudidas a princípio, caíram, por fim, no inevitável ridículo.

Não quero dizer fossem inúteis os esforços daquela arrojada plêiade; esses movimentos valem como excitações ao organismo literário, e daí se devem esperar produtos excelentes. Mas não com aqueles processos, o dogmatismo de suas afirmações, a intolerância, quase religiosa, de sua crítica. Em Belo Horizonte se

compreende, mais do que no Rio, esta febre de novidade, ou cansaço dos modelos até agora seguidos, que é, entretanto, mais velha do que pensam os atuais inovadores.

Às ruas, otimamente arborizadas, um pantefista consagraria hinos de forte entusiasmo. Em algumas, frutos há que pendem dos ramos, ao alcance da mão dos passantes. Vale isso por dizer que, em Belo Horizonte, ninguém morre de fome, e os pomos saborosos são mais acessíveis que os dos jardins das Hespérides.

À luz daqueles poentes, a cidade se torna gloriosa maravilha: para quem a vê do alto, fulgura, lampeja, iluminada pelo sol em declínio. O céu é visto como etérea cintura para aquelas paredes brancas. As mulheres têm a mesma doçura e placidez que se devem conjugar aos momentos de ângelus, Millet tê-los-ia fixado com tela e pincéis. O Palácio da Liberdade, o Conselho Deliberativo, e prédios de estilo colonial, avultam na penumbra que começa. Mas a claridade do dia ainda chega para distinguir-se a elegância e a regularidade das avenidas, largas como a via Flâmínia, por onde entravam, na Roma dos crepúsculos reais, os carros de triunfo. E o horizonte é sempre grandioso _ amplo, indemarcado, como natural batismo da cidade moça, que foi pedir o nome para limite de sua ambição a um círculo infinito.



*Ponte sobre o Córrego do Leite, 1941/42
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto*

I CONGRESSO FEMININO

MINEIRO E ELVIRA KOMEL  Lélia Vidal Gomes da Gama

uatro meses após a estada de Elvira Komel no Rio de Janeiro, instalava ela em Belo Horizonte o I Congresso Feminino Mineiro, contrariando os conceitos e preconceitos vigentes, segundo os quais os congressos feministas pecavam "por falta de organização" e se resumiam em reuniões de "tagarelices" traduzidas em linguagem "literária e sentimental".

Seu programa de ação, desenvolvendo temática ampla e avançada para a época, foi conduzido com seriedade, clareza e objetividade. O *Minas Gerais*, órgão oficial do governo, noticiou pormenorizadamente todas as etapas do encontro prestigiado pelas altas autoridades, intelectuais e pessoas de influência da sociedade mineira, bem como de outros estados.

Para que se possa avaliar o significado de mais uma promoção surpreendente empreendida pela dinâmica Elvira Komel, há 52 anos atrás, urge que se acompanhe atentamente o desenrolar desse evento também pioneiro, ou seja, a realização em Belo Horizonte de um congresso feminino. Nota-se que Elvira não omitiu, na programação, as solenidades de praxe, inclusive a "Missa Solene", que sensibilizaria de modo global a população mineira de tão arraigados princípios católicos, "consagrando", portanto, desde o início, e dando respeitabilidade pública ao inusitado congresso, numa hábil estratégia diplomática. (...)

A notícia vem esclarecer, por sua informação bastante detalhada, que a liderança de Elvira Komel já ultrapassara, de certo modo,

os limites regionais. Aliás, essa liderança se mostra incontestável (e documentada através de expressões de suas filiais, "aguardando ordens"...). Não se lhe pode, igualmente, negar uma capacidade administrativa de caráter dinâmico, pela flexibilidade com que se movimentava nos variados campos de ação social.

O Congresso Feminino _ o primeiro a realizar-se em Minas Gerais, mobilizou todo o Estado e estimulou a mulher a provar, mais uma vez, sua fibra de luta, seu anseio de integrar-se à vida sócio-política do país. Discreta, mas com absoluta segurança de objetivos, Elvira Komel habilmente preparou o tradicional meio mineiro para aceitar sem relutância as suas proposições. (...)

A importância do Congresso fica desde já destacada, bem como o respeito demonstrado pela pessoa de Elvira Komel, documentados pelo farto noticiário da imprensa, pela presença maciça do mundo oficial e também pelo local em que foi instalado, o Teatro Municipal, sempre destinado às grandes realizações da época. A transcrição do discurso de abertura do Congresso assegura que Elvira não ficou restrita à retórica de praxe, mas já esclarece e determina os seus objetivos, além de fazer afirmações enérgicas contra o antigo regime. (...) O discurso de Elvira demonstra seu conhecimento histórico, sua crença em uma "Pátria Nova" enquadrada dentro de um modelo democrático, onde a mulher, ao lado do homem, lutaria em prol do aperfeiçoamento moral, sócio-econômico e político do país. Sua fé na tradição de civismo de Minas, na fibra da mulher mineira _ na mulher revolucionária brasileira _ é inegável. Sua mensagem tem agora um tom claramente reivindicatório: ela espera das novas mentalidades "paz, verdade e justiça", com o concurso da mulher no aprimoramento da vida pública da nação. (...)

Este é o ambiente em que se desenvolverão os trabalhos do I Congresso Feminino. (...) O certame instala-se em meio a demonstrações de *grande simpatia e curiosidade* e as suas sessões atrairão, por certo, *numerosa e brilhante concorrência*. (...)

Convém destacar que Elvira Komel, no decorrer do Congresso por ela criado e orientado, cujo palco foi a conservadora Minas Gerais, deixou bem claro que o seu feminismo "sadio" não estava distanciado das "nossas realidades" e sim inserido dentro dos quadros tradicionais da família brasileira, os quais ela pretendia fortalecer com suas propostas de *reajuste*, objetivando seu *aprimoramento* e sua *evolução*.

Assinale-se, em toda a temática do Congresso e, muito especialmente nos pronunciamentos de Elvira Komel, que a sua argumentação buscava respaldo em consonância com a sua pregação inovadora, utilizando-se de uma cautelosa tática de posição não-agressiva, para que suas proposições não viessem a afetar os brios da tradicionalista sociedade mineira.



"As três Rainhas de Belo Horizonte"
Lúcia Morandi, Rainha da Beleza; Cecy Gontijo, Rainha dos Estudantes;
Neném Aluotto, Rainha dos Esportes;
Campo do América, 1927 - Semana Ilustrada, nº 23
Coleção Eunice Vivacqua von Tiesenhausen

s prejuízos advindos da ação do Estado, no caso belo-horizontino, sobre a classe operária da cidade, se manifestaram desde a fundação da cidade de forma bem concreta. Na divisão do espaço urbano, quando a cidade foi planejada, a classe operária foi isolada numa área que lhe foi destinada fora do perímetro urbano. Esse isolamento do operariado em bairros, contudo, não se constituiu em fator de favorecimento do despertar da solidariedade, e nem levou à eclosão de greves e protestos. A desmobilização se deu, apesar do isolamento. A sua condição minoritária no conjunto da população, as peculiaridades da industrialização local, a disposição dos políticos em cooptá-la, acabaram por desviá-la do protesto e por fazer com que os apelos ideológicos anarquistas e socialistas tivessem pouca ou nenhuma ressonância junto a ela.

A possibilidade concreta de se atingir certas metas, que se configuravam com a resposta positiva do Estado a algumas reivindicações operárias (condições de trabalho, salário, moradia), em meio às condições acima mencionadas, numa cidade onde predominava o funcionalismo público e onde o Estado era o maior empregador, acaba por validar, na consciência de contingentes da massa operária, a colaboração entre as classes e, sobretudo, a aceitar como legítima a tutela que lhe tentam impor. Não é de se estranhar que nesse ambiente tenha florescido o sindicalismo cristão. (...)

Dai o fato de Belo Horizonte ter conhecido um tipo de sindicalismo e Juiz de Fora outro, e de o movimento operário belo-horizontino ter-se caracterizado pela legalidade e pela ordem, e o de Juiz de Fora pela combatividade. (...) Em Belo Horizonte sucedeu-se o oposto. A Confederação Católica do Trabalho assume a tarefa de organizar os operários em sindicatos dentro dos princípios da *Rerum Novarum*, que defendia a harmonia entre o capital e o trabalho. (...) No entanto, ao associar o movimento operário à classe política dirigente, abriu espaço a futuras divergências, quando fica claro que as elites não conseguem responder às reivindicações das classes subalternas. Isso poderia, de certa forma, explicar o surto grevista ocorrido posteriormente na cidade, em 1934, e as reformulações ocorridas no movimento católico, já na década de 30.

Entretanto, definir o movimento operário de Juiz de Fora como combativo e o de Belo Horizonte como dentro da ordem não implica considerar automaticamente um como forte e outro como fraco. (...) Tanto em Juiz de Fora como em Belo Horizonte não se encontrou, realmente, um ajuste possível dessas diferentes linhas, o que determinou dificuldades e fracassos para o movimento operário enquanto organização, como também em seus confrontos de classe. (...) A mobilização de uma classe livre no espaço da palavra e da ação, ontem como hoje, é o que lhe garante uma prática política capaz de romper as amarras da dominação que a encarceram na totalidade de sua existência cotidiana. No caso em análise, a incidência da prática tutelar evidenciou-se como um obstáculo poderoso no percurso da construção de sua identidade.



*Pai, filhas e cachorra
Foto J. Monteiro, cerca de 1920
Coleção Chico Ferreira*

Não seria fácil um levantamento do esquema de estratificação social de Belo Horizonte nas décadas de 20 e 30. A partir da estrutura ocupacional, se poderia obter uma idéia das linhas da pirâmide social. Certamente não difere fundamentalmente do padrão brasileiro geral na mesma época. Mas haveria, inegavelmente, algumas discrepâncias, suponho, como, por exemplo, uma presença extensa de classe média. A base desse estrato social reside no grupo burocrático numeroso. (...)

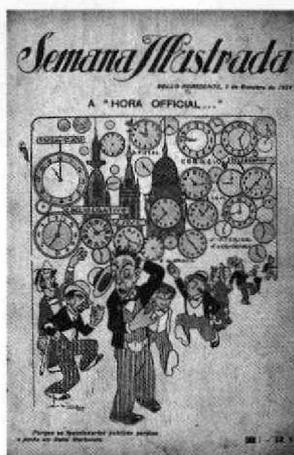
Passam bondes e automóveis. Os bondes vão para o centro da cidade "com gente do comércio, da indústria, do ensino". Industriários, comerciários, alunos e professores _ naturalmente. "Caixas, caixeirinhas, datilógrafos, com os lábios pintados às pressas, mal pintados". Vão também "chefes de escritórios, caixeiros, pessoas mais velhas, indefinidas e graves; colegiais dos dois sexos, uniformes militarizados de brim caque, ou saia azul blusa branca, os rapazinhos fazendo uma algazarra enorme". Outros ficaram dormindo. São "pais dos colegiais, das caixeirinhas, dos caixas". Moram por ali, perto da Praça, nas ruas de que veio o bonde. Podem dormir mais. São os burocratas, alguns já se aproximando da aposentadoria, filhos "já bem ingressados na burocracia". Alguém comenta no bonde: "este bairro dos Funcionários é o centro da preguiça". Os bondes levam, pois, a classe média.

Mas os automóveis, que andam pela Praça, nem sempre. Ou levam gente da burguesia ou da alta classe média. Estes saem cedo de casa. "Comerciantes abastados, comerciários de melhores ordenados, ou

que se encalacraram para possuir um carro, também professores da Universidade, estudantes, filhos de pais ricos". (...)

Houve um momento em que começa a intensificar-se a especulação imobiliária em Belo Horizonte. Talvez possamos situá-lo, segundo depoimentos idôneos, no fim da década de 20. A expansão da cidade dentro da antiga Zona Urbana foi-se fazendo de acordo com o traçado rígido que planejara a Comissão Construtora; foi-se fazendo com maior ou menor intensidade no centro e nos bairros situados nos limites da Avenida do Contorno. (...) Mas, para além da Avenida do Contorno, a ocupação se deu tumultuadamente. Lotearam-se antigas chácaras. Abriram-se muitas ruas. (...)

Algumas pessoas se queixam da cidade ou querem evadir-se. "Uma cidade intolerável esta, o senhor não acha?" _ pergunta o boêmio ao burocrata Madeira, mas a este pouco importa a cidade. Madalena, de sua janela, pensa numa cidade "muito maior que Belo Horizonte". "Cidade triste, povo frio", lê-se em "Rola Moça". "Cidade pouco movimentada".





Uma Família
Foto J. Monteiro, cerca de 1920
Coleção Chico Ferreira

UMA CARTA DE
GUIGNARD

A MÚCIO LEÃO  *Belo Horizonte, 4 de julho de 1944*

(...) Preciso sair um pouco do meu misterioso silêncio e por isso vou contar coisas novas.

De saúde vou muito bem! Estou me aclimatando muito bem aqui e já tenho numerosos bons amigos! O bom clima aqui me ajuda e favorece muito. Enfim estou satisfeito e contente de Belo Horizonte.

Já faz um mês que as aulas começaram. Mais de 60 alunas e alunos. Recolhi já neste primeiro mês mais de ... 240 trabalhos (só desenhos). Há talentos e talentíssimos; 50% ótimos, 25% bons e o resto passável.

Agora o horário é duro: das 7 às 11 1/2 horas. Todos os dias. Todo mundo está entusiasmado com as minhas aulas; dizem eles que é maneira completamente nova de ensinar.

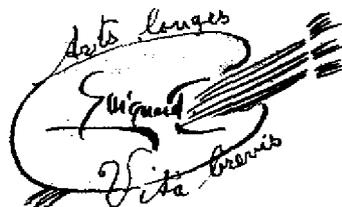
Com o apoio do nosso dinâmico e simpático Prefeito Dr. Jocelino Kubischek (sic) vou fazer no fim do ano uma exposição dos trabalhos no Rio e em São Paulo. Com os trabalhos que já tenho em mãos as escolas de Belas Artes do Rio e São Paulo estão liquidadas.

Nosso instituto de Belas Artes (a meu cargo Desenho e Pintura) está situado no meio de um lindíssimo Parque, de maneira que trabalhar ao ar livre é coisa muito boa. No mesmo local será então erigido o futuro e célebre instituto de Belas Artes, projeto do já famoso Oscar Niemeyer.

Tivemos aqui duas embaixadas a convite do Prefeito. A melhor foi a de São Paulo, com Sérgio Milliet, Oswaldo (sic) de Andrade e Luis Martins. Como eu agora sou alto funcionário público Hum! hum! sou sempre convidado e vou acompanhando todas as festas e banquetes.

A nossa exposição de arte moderna está fazendo um bruto barulho, principalmente o quadro do nosso Portinari "Cabeça de Galo".

Recebi uma encomenda de Cr\$40.000,00 _ decoração mural num novo edifício. (...) Sem mais para hoje (...). Guignard



Deixei longas
Guignard
Vita brevis



Azulejos de Portinari (detalhe)
Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha
Foto Isabel Lima Chumbinho, 1994
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

Chegamos, finalmente, à famosa represa iniciada em 1936 pelo então prefeito Octacílio Negrão de Lima _ e que começou a ser urbanizada na década de 40, quando Juscelino Kubitschek, ao assumir a Prefeitura de Belo Horizonte, decidiu transformá-la numa área de recreio e lazer.

Os planos incluíam uma igreja, clubes esportivos, restaurantes e um cassino. Sabe-se que, para este último, certo arquiteto europeizado chegou a planejar um castelo florentino, projeto esse imediatamente abominado... A conselho de Rodrigo de Melo Franco de Andrade, Kubitschek chamou Oscar Niemeyer, recém-premiado, juntamente com Lúcio Costa, no concurso de projetos para o pavilhão brasileiro da Feira Mundial de Nova York (1939), encarregando-o de transformar aquela barragem, até então apenas reserva hidráulica, num lugar civilizado e agradável para descanso e distração dos mineiros. (...)

Ao divisar a represa da Pampulha com seu friso de palmeiras, tomaremos à esquerda, logo encontrando a pequena igreja projetada por Oscar Niemeyer e decorada por Cândido Portinari. É tão leve que dá a impressão de estar pousada no meio dos jardins de Burle Marx. A sineira é isolada, solução freqüente nas capelas mineiras do século XVIII, "modernizada" pelo arquiteto. Reparar, logo de início, no grande painel de azulejos em cerâmica azul e branca que decora a parte posterior externa. Os desenhos são de Portinari, que se inspirou em motivos da vida de São

Francisco de Assis. Lá está o santo cercado por uma infinidade de peixes e passarinhos, tendo aos pés, completamente domado, o lobo de Gubbio. Contam os livros que não se tratava de bicho coisa nenhuma, mas sim de um homem poderoso e de mau caráter, que morava na cidade de Gubbio. Tão ruim era ele e de tal modo se comprazia na própria ruindade, que mandou fazer uma placa que dependurava no peito com os seguintes dizeres: "Inimigo de Deus, da compaixão e da caridade". Pois essa fera acabou se rendendo à doçura e bondade de São Francisco.

O interior : a capela é revestida dos mesmos azulejos da parte exterior, além de lambris de madeira (cerejeira do Pará). Ao entrarmos, como que levamos um choque diante da força do grande mural que Portinari pintou no fundo do altar-mor e no qual se vê, de braço erguido, a poderosa figura do santo de Assis. Reparar detalhadamente nos quatorze quadros da Via-Sacra, considerada uma de suas obras-primas. Essa Via-Sacra foi exibida numa exposição de arte sacra realizada em Milão, organizada pelo então Papa João XXIII.

Os baixos-relevos em bronze, representando a criação do homem, que decoram a parte interna do batistério em semicírculo, são de Alfredo Ceschiati. É fabulosa a acústica dessa capela, que ficou vários anos fora de culto, devido à incompreensão de alguns membros do clero, que detestavam arte moderna. Finalmente, por determinação do próprio Papa João XXIII, a capela da Pampulha começou a funcionar como templo religioso e tem missa todos os domingos.



*Grupo de religiosas
Foto J. Monteiro, cerca de 1920
Coleção Chico Ferreira*

A principal característica estética, porém, desse período mostra-se nas fachadas, muito ricas, com platibanda decorada, pintada a óleo, quase desligada do corpo da casa simples, de beiral e apenas caiado.

São várias as "ordens" e o sentido usado, pilastras jônicas, coríntias, arcos romanos, frisos, ramagens, almofadados, molduras e as iniciais do proprietário ou a data da construção colocadas ao alto em centro de composição. Ainda temos inúmeras casas deste tipo em Belo Horizonte. Na rua da Bahia, em frente ao Clube Belo Horizonte, uma datada de 1897; mais acima, quase na Praça da Liberdade, uma com as iniciais dos Melo Franco, etc, etc.

Outras vezes, para mais brilhar, vinham coisas sobre a platibanda. São ainda conhecidas a casa-estrela (rua da Bahia em frente ao Hotel Metrópole), coroada com uma grande estrela de 5 pontas, e a casa-veado, na rua São Paulo, quase Afonso Pena, onde vemos o animal dominando tudo em grande pose sobre a platibanda.

O gosto espetacular, ao mesmo tempo que quase romântico, dominava. A preocupação pelo palacete, pelo edifício importante, condizia bem com uma época de crescimento econômico e cultural mal saído das grandes invenções e do romantismo, e ainda não amargurado pelas tragédias modernas iniciadas com a guerra de 1914.

Demoramo-nos mais em Belo Horizonte, porque para aqui se voltam todos os olhos; tudo o que se faz no resto do Estado é inspirado pela nova Capital, que determina o gosto, o modo, a estética e a cultura. Até os nomes das coisas e logradouros são copiados no interior. O "Bar do Ponto", a "Praça da Liberdade" são encontrados em várias cidades do interior. (...)

Falamos em palacetes, e muitos ainda existem na Capital para serem vistos e examinados. Passemos pela Praça da Liberdade e olhemos o "Palacete Dantas" na sua grande riqueza neo-renascentista ou neo-rococó. A preocupação da elegância refinada domina o conjunto. Continuemos até mais adiante para ver o "Castelinho", ocupando um quarteirãozinho triangular, talvez o menor da cidade. Aqui o arquiteto apurou sua originalidade. As peças são todas poligonais (aberturas em todas as paredes) e comunicam-se entre si. A morada familiar aqui não devia ser muito fácil, salvo para casais sem filhos. O terraço, na época, devia ter sido uma grande novidade. E o mirante também. O torreão e a escada de mármore são os dois elementos de grandeza. Na entrada, uma lírica cascatinha vai gotejando sua água fresca sobre os peixinhos vermelhos.

Desçamos pelas ruas Sergipe, Santa Rita Durão, Alagoas. Aqui e ali surgem os palacetes dos desembargadores e altos funcionários. A importância se derrama na larga escadaria de mármore, em curva graciosa. O jardim é grande e as árvores também. Na Praça 12 de Outubro, vamos encontrar, de esquina, mais dois palacetes também de grandes escadarias.

As chácaras não tinham casa importante. Mais para a Serra ou para a Floresta, estão mais próximas da arquitetura fim do sécu-

lo XIX, térreas, sem varandas de frente e com seu pátio central ou posterior. Vejamos a antiga casa do Asilo Bom Pastor, nas imediações do Colégio Santa Maria, hoje restaurada pelo seu atual proprietário. Vejamos a velha chácara de Salles (Dr. Francisco Salles), no fim da rua Grão Mogol. Estão ainda ligadas à arquitetura tradicional mineira e longe ainda da erudição da nova Capital. (...)

A arte acompanhou a agitação: o impressionismo, pontilhismo, cubismo, outros ismos. A calma foi quebrada. No que nos interessa de fato, vamos encontrar, por volta de 1930, o cubismo em nossa arquitetura. É o estilo pó-de-pedra, caixa de fósforos. Casas em forma de cubos, marquises planas e um resto de *art-nouveau* na decoração. É a alteração mais marcante depois do classicismo. (...) Os forros altos de frisos substituídos pelas lajes baixas (3,00) vieram aumentar a sensação de prisão e de calor. O revestimento de cimento, pó-de-pedra, com a mica ou vidro moído para brilhar ao sol era o menos indicado para o nosso clima quente. A composição do volume é toda geométrica (cubos entrosados) e os vãos também compõem-se de figuras geométricas. Aqui, deixamos de lado toda a boa tradição nossa da arte de construir, tanto estética como racional, e ingressamos na inovação desenfreada sem razão e sem beleza. É claro que alguma coisa salvou-se, decorrente da melhor capacidade do arquiteto, mas o conjunto e, principalmente, a revolução do gosto e dos meios foram os causadores da desordem que veio dominar a nossa arquitetura. Cabe aqui estranhar que esta inovação, esta arte moderna tão fraca de 1930 nunca teve tantos opositores (e com mais razão devia ter) como a nossa atual arquitetura moderna, muito mais ligada à tradição, mais serena e muitíssimo mais bela. Vejamos o Minas Tênis Clube (construção para esporte), este grandíssimo

túmulo já levantado na decadência do estilo; a nossa Feira de Amostras, este tremendo arremate de nossa tão bela Avenida; o Palácio Arquiepiscopal, etc, etc. Não me lembro tivessem tido tantos opositores quanto a nossa famosa Pampulha. E a razão disto ainda não atinei com ela. Logo que a achar, prometo espalhar.

Ao fim do pó-de-pedra vem a era do cinema, do californismo, do missões, do neo-colonial, que são todos pesadelos, não são arquitetura, são "pastiches", são infantilismos, são qualquer coisa que não se pode definir. (...) Junta-se o rústico ao colonial, o missões ao *art-nouveau*, e de tudo só se salva a volta de nossa cara telha canal, que vem novamente bordar com sua ondulação os beirais de grande balanço. Vem depois, de novo, a nossa velha conhecida, a janela de guilhotina. E felizmente tudo vai passando, o sonho terminando, para voltarmos à nossa verdadeira e boa arquitetura, atendendo aos materiais de que dispomos, à nossa vida social mais aberta e franca, ao nosso clima, à nossa estética um tanto lírica e leve.

Estamos no limiar de novo estilo, que vem reatar a evolução interrompida. Temos agora a casa do Dr. Pedro Aleixo, o late, o Cassino, a Casa do Baile, a querida Igreja de São Francisco da Pampulha, a casa do Dr. João Pádua, temos Niemeyer conosco. Temos já outros arquitetos de pulso, temos o início da compreensão pública, a arte respira de novo e continua seu caminho após a grande sufocação que sofreu.



*Campus da Universidade Federal de Minas Gerais
Prédio da Reitoria, 1963
Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte*

Reside precisamente no baixo nível de vida rural a motivação principal da emigração para as cidades. (...) Trata-se da pressão exercida pela carência de empregos e pelo pauperismo, aliados à atração oferecida pelos centros urbanos, nos quais já se encontram, de modo mais efetivo, a garantia de proteção ao trabalho e à assistência social. (...) Áreas urbanas, segundo o critério definidor (político-administrativo) vigente no Brasil, tanto podem ser a sede de um pequeno distrito isolado como verdadeiras cidades, de proporções e funções diversas como uma grande metrópole regional (Belo Horizonte, por exemplo). (...)

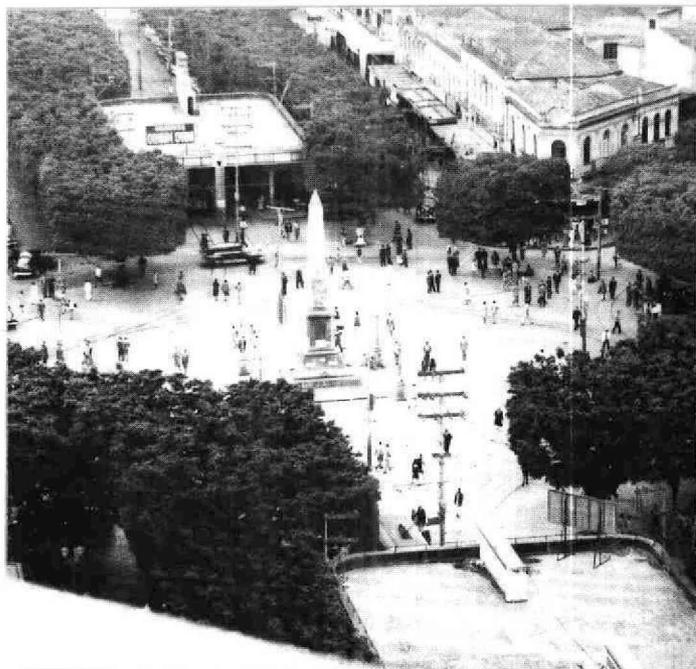
Nessa polarização, assume relevância progressiva, tanto no plano regional como relativamente também ao próprio sistema econômico nacional, o município de Belo Horizonte. As funções da cidade, de simples centro político-administrativo do começo do século, evoluíram, nos últimos anos, de forma acelerada, tornando-se, simultaneamente, centro industrial e empório comercial dos mais importantes do País. Belo Horizonte transformou-se no pólo de atração não apenas de sua área metropolitana, mas também de toda Zona Metalúrgica, da área industrial do Centro de Minas, e, em certa medida, de todo o Estado.

O crescimento demográfico da cidade, de certa forma, reflete o desenvolvimento belo-horizontino e o de sua região de influência. Sua população quase duplicou entre 1940 e 1950, e teve um aumento de 85% no decênio subsequente. Representa hoje,

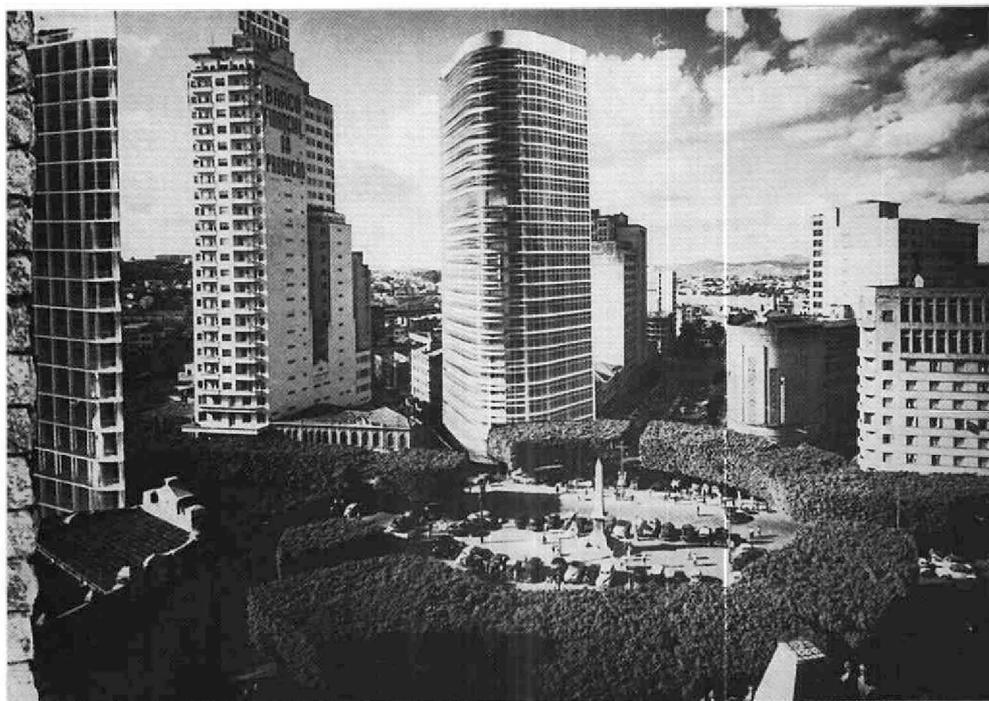
segundo o Censo de 1960, nada menos de 16,3% da população urbana mineira.

Grande parte dessa mão-de-obra não-qualificada, que se emprega nas tarefas menos especializadas, por exemplo, da construção cívica, ou em obras públicas, ou em serviços, ou que permanece, nas cidades, desempregada e marginalizada _ grande parte dela vegeta num baixo nível de vida, de que a componente habitação é o índice mais evidente, quase que com a força de um símbolo. Não é por outra razão que o agravamento das favelas _ aglomerações clandestinas desprovidas de todo equipamento urbanístico - é freqüentemente apontado como significativo da desorganização social ligada ao crescimento rápido e desordenado das cidades brasileiras. As favelas de Belo Horizonte, por exemplo, já foram objeto de três recenseamentos amplos e sucessivos, que demonstram o crescente agravamento da situação, sem falar em numerosas monografias, publicadas ou inéditas.

O problema das ocupações assume ainda maior gravidade no caso do trabalho feminino. Verificou-se (...) que grande número de mulheres acorre do campo a Belo Horizonte. Vêm das pequenas vilas, das fazendas, dos povoados. Estão desprovidas, em grau mais amplo que os homens, de qualificação para emprego empresarial. Destinam-se, em geral, às atividades remuneradas ou serviços subalternos em estabelecimentos comerciais. A carência de empregos, no caso do elemento feminino, apresenta-se bastante mais extensa. Encontra-se provavelmente aqui a explicação de grande parte da marginalização, da prostituição e da mendicância em Belo Horizonte.



*Praça 7 de Setembro, 1946
Acervo J. Góes
Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte*



*Praça 7 de Setembro
Década de 1950
Coleção Marília Salgado*

Pudemos constatar que a ausência de um discurso sistematizado, no Brasil fim de século, sobre a cidade e a arquitetura não significa que questões do debate internacional não estavam presentes entre nós; os exemplos abundam em todo o século XIX, de como instituições e pessoas funcionavam como mediadoras culturais. Nesse quadro, Belo Horizonte inscreve-se como um momento privilegiado, um estudo de caso de importância exemplar, que permite abordar toda uma série de problemas globalizantes.

No que concerne à questão que nos propomos comentar, a das imagens _ as quais Barreto usa generosamente _ observa-se uma reiteração cronológica reflexiva do texto. Elas são também organizadas de forma evolutiva, como função ilustrativa do discurso, conforme prática da época, sem ser objeto de análise específica. Fica, portanto, implícita na sequência temática das fotografias _ velhas casas do Curral del-Rei, estação triangular de entroncamento, trechos de ruas, pessoas, projetos novos e panoramas _ uma questão fundamental: a da *metamorfose*. Conceito presente nas descrições da época e afirmado pelas imagens escolhidas por Barreto, que implica tanto a oposição clássica entre o antigo e o novo, quanto a afirmação da transformação e do contraste. Se buscarmos as intenções dos textos fundadores da cidade, fica explícito que as imagens novas devem entrar em cena para "causar efeito" e "provocar impressões". Mas como perceber a eficácia da visibilidade hoje, se Belo Horizonte se transfigurou a

ponto de romper em quase todos os níveis com sua imagem inicial? Não poderíamos recuperar a percepção da paisagem urbana dos primeiros tempos pelas imagens que Barreto insere no seu livro? Um passeio imaginário do olhar na largueza desdobrada dos três panoramas fotográficos permite-nos ver como era a capital: vasto canteiro de obras, vegetação interrompida aqui e ali pela descontinuidade de vazios, bairros em formação, casario novinho no "gradeado" poeirento das ruas a dominar os restos das casas antigas. Muitos pontos numerados e identificados por Barreto, conhecedor dos lugares do lugar. No percurso, elevando-se acima de tudo, os edifícios públicos da esplanada artificial fazem figura de monumentos vistos de toda parte. Embaixo do cenário, em primeiro plano, barracões e cafuas são "notas dissonantes" que o fotógrafo não pôde excluir. A coabitação da "ordem" e da "desordem", ou melhor, o contraste jamais superado entre a cidade real e a cidade ideal é questão da atualidade, que esses panoramas nos permitem reencontrar na sua dimensão histórica.

Se a solução dos problemas que afligem a cidade parece ser o grande debate deste fim de século, uma ação comum de reestruturação de sua urbanidade e de reflexão sobre sua história, ou um diálogo entre o poder e o saber se impõem, para que ela saia do impasse.

NOTAS SOBRE OS AUTORES

1. *ANDRÉA MENDONÇA LAGE DA CRUZ E JOANA DOMINGUES VARGAS* Nascida em Belo Horizonte (MG) em 1956.
- Nascida em Belo Horizonte (MG) em 1960. Do artigo A Vida Musical em Belo Horizonte (1897-1907). Revista *Análise & Conjuntura*, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, v. 4, n. 1, jan./abr. 1989. p. 123-133. (Fragmentos).
2. *DANIEL DE CARVALHO* Nascido em Itabira (MG) em 1887, e falecido em 1966. Do livro *Capítulos de Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p.6-9.
3. *OLIVEIRA VIANNA* Nascido em Niterói (RJ) em 1893, e falecido em 1951. Do livro *Pequenos Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: s/ ed. 1921. Cap.: Minas do Lume e do Pão, p. 38-48. (Fragmentos).
4. *PRADO KELLY* Nascido em Niterói (RJ) em 1904, e falecido em 1986. Do livro-álbum *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926. p.1.424.
5. *LÉLIA VIDAL GOMES DA GAMA* Nascida em Belo Horizonte (MG) em 1927. Do livro *Elvira Kome! - Uma Estrela Riscou o Céu*. Belo Horizonte: Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa, 1987. p.47-53. (Fragmentos).

6. *ELIANA REGINA DE FREITAS DUTRA* Nascida em Caeté (MG) em 1951. Do livro *Caminhos Operários em Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec/UFMG, 1987. p. 168-204. (Fragmentos).
7. *FERNANDO CORREIA DIAS* Nascido em Três Pontas (MG) em 1926. Do livro *João Alphonsus - Tempo e Modo*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1965. p. 168-171. (Fragmentos).
8. *ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD* Nascido em Friburgo (RJ) em 1896, e falecido em 1962. Carta transcrita em *Autores e Livros*. Suplemento Literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro: 1º de out. de 1944. p. 177.
9. *LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA* Nascida em Sabará (MG) em 1920. Do livro *Roteiro Turístico-Cultural das Cidades Históricas de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Embratur, 1978. p.150-151.
10. *SYLVIO DE VASCONCELLOS* Nascido em Belo Horizonte (MG) em 1916, e falecido em 1979. Da revista *Arquitetura e Engenharia*. Belo Horizonte, ano I, n. 5, set./out. 1947. (Fragmentos).
11. *FERNANDO REIS (ET AL.)* Nascido em Belo Horizonte (MG) em 1932, e falecido em 1983. Do livro *Diagnóstico da Economia Mineira*. Belo Horizonte: BDMG, 1970, v. 3, *População e Infra-Estrutura* . p. 10, 17 e 18. (Fragmentos).

12. *HELIANA ANGOTTI SALGUEIRO* Nascida em Uberaba (MG) em 1950. Do livro de Abílio Barreto *Belo Horizonte - Memória Histórica e Descritiva*, v. I. Texto da autora intitulado: *A volta da História*, nova edição, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. Coleção Mineiriana. p. 38-39. (Fragmentos).

O Olfar Interior

Pararam em cima, no local do Cruzeiro e uma tristeza indefinida, mas calma, sem a inútil revolta, ergueu-se-lhes n'alma à vista do religioso símbolo atirado a um canto, decepado, semicarbonizado, com os grossos braços onde pendiam outrora os trágicos instrumentos do Calvário servindo de assento aos ociosos vindo gozar do panorama desenrolado em frente. As poucas ruas existentes do velho povoado descortinavam-se lá embaixo, com as suas casinhas, semelhando ruínas em face das novas construções, cruzando-se em estreitas e tortuosas vielas. No coração surdia a Matriz, maculada pelo temporal, erguendo os alterosos campanários meio encobertos nos coqueirais de em torno. Seguindo a colina que ascendia gradativamente até o Palácio erguiam-se novas construções de um gosto estranho: as secretarias tão originais em sua arquitetura mista, o Palácio presidencial construído em parte, as edificações particulares e, mais embaixo, na encosta, o bairro dos funcionários públicos com as suas casas raresemeadas surdindo do solo numa encenação mágica. Ao longe, atrás das serras ligando-se em infinitas cadeias, pousada no serro como um bloco de neve, surdia Santa Luzia, a histórica cidade de 42, com os edifícios muito alvos, indistintos quase, banhados da luz poente do sol, da gaze tênue do azul. Montes extensos, de formas várias, formando pirâmides uns, cones outros, outros fusos alongados, se confundiam no horizonte, e ao oriente, abobadada, alterosa, erguia-se a Piedade iniciando uma cordilheira imensa. De um lado alongava-se a serra do Curral, muito alta, reta e gigante, de um verde negro carregado, semelhando *pétrea muralha, fortificando a cidade contra os*

ataques do sudoeste. O sol deitava-se na corola, ouro e púrpura, de luz poente. Um último sorriso de luz floriu e o crepúsculo áureo, róseo, de um horizonte indescritível, parecia lutar ainda com a invasora sombra surgindo lentamente do fundo dos vales.

Eles voltaram, então, os três amigos, com a alma ainda mais entenebrecida, enlutada à vista daquela natureza tão bela, ai! para sempre fanada! Fazia-lhes mal o aspecto estranho, desconhecido, daquela cidade que viam, como em mutação teatral, surgir rapidamente das ruínas da antiga aldeia. Desciam a montanha emudecidos, nostálgicos, abençoando as trevas a eclipsarem aquele pesadelo dorido.

Embaixo, num recanto, estava a atual habitação do Mestre: uma casa modesta, pequena, das que resistiam ainda à derrocada, com os seus muros de taipa petrificados, feridos aqui e ali pelo alvião destruidor do operário e algumas árvores remanescentes, restos do antigo pomar, bordando com a sua verdura imaculada a solenidade de em torno.



*Escola de Direito
Foto Dr. Oswaldo Cruz, sem data
Coleção Adriano Andrade Carneiro de Mendonça*

A final, em meados de abril de 1899, viajamos a cavalo, com destino a Belo Horizonte, eu, João Edmundo e Herculano César, seguindo conosco até o Curvelo os irmãos deste, Augusto César e Laurindo. Eu e João Edmundo íamos matricular-nos no primeiro ano da Faculdade de Direito.

Nessa época, os estudantes da nova capital, continuando as velhas tradições ouro-pretanas, faziam pelas ruas troças e orgias escandalosas, sendo ainda respeitados pelas autoridades excessivamente condescendentes. Esse prestígio acadêmico foi depois decaindo aos poucos, com o incessante progresso da cidade.

Alguns estudantes, que já tinham residido em Ouro Preto: o escritor destas linhas, João Edmundo, Chico Diogo, Alberto Horta, Antônio Marcos Rios, João Cobra Olinto (vulgo Pausico), Sales Mourão, Armando Vitorino Prates (rio-grandense), Horácio Guimarães, filho de Bernardo Guimarães e outros, fundaram então em Belo Horizonte uma associação, destinada a manter a tradição das pândegas e estudantadas, o Club dos Boêmios. O nosso principal ponto da reunião era o "Cabaret da Bela Aurora", de um diamantinense, Augusto Nelson dos Reis, conhecido por Augusto Tipógrafo. A esse cabaré nós chamávamos "Sabat da Meia-Noite".

Adotamos para Hino dos Boêmios a música da valsa "Quando dói uma saudade", com os célebres versos de Molière:

*Si le roi m'avait donné
Paris, sa grande ville,
Et qu'il me fallut quitter
L'amour de ma'mie,
Je dirais ao roi Henri:
Reprenez votre Paris,
J'aime mieux ma'mie, ó guex !
J'aime mieux ma'mie !*

Nos espetáculos dos circos de cavalinhos, nas retretas no Parque, aos domingos, e, às vezes, em "polinômios" nas ruas, os boêmios entoavam o seu hino, que era acompanhado em coro pelos outros estudantes.

Na tarde de 23 de junho de 1899, seguimos a pé, em direção à fazenda da Ressaca, a uma légua de Belo Horizonte, convidados a assistir a uma festa de S. João _ eu, João Edmundo, Chico Diogo, Alberto Horta, Antônio Marcos Rios e Gualter de Oliveira.

Naquela fazenda, onde havia vários outros convidados, fomos gentilmente recebidos pelos proprietários e assistimos aos festejos juninos, como ainda se realizavam no interior de Minas: a tradicional fogueira em frente à casa; bombas, bombões, foguetes, busca-pés e balões em profusão; animadíssimo baile, modinhas ao violão, tiradas de sortes e, à madrugada, lauta ceia bem regada.

No dia seguinte, regressamos a Belo Horizonte, derreados e saudosos das graciosas e amáveis senhoritas, com quem havíamos flertado.

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

A 20 de setembro do referido ano, o nosso grupo distribuiu profusamente pela cidade um boletim assim redigido: *Meeting*. Convida-se o povo desta capital, para um *meeting*, hoje, às seis horas da tarde, em frente ao Café Acadêmico, a fim de se tratar de importantes interesses populares".

Esses importantes interesses populares eram um protesto, que pretendíamos fazer, por inconcebível espírito de oposição, contra a chegada, anunciada para o dia seguinte, do político baiano, Conselheiro Luís Viana, que ia visitar o Presidente do Estado, Dr. Silviano Brandão.

Foi este o primeiro *meeting* político que se realizou em Belo Horizonte. Na hora designada, a rua da Bahia, no local referido, encheu-se de povo e estudantes. O Chico Diogo e o Alberto Horta pronunciaram violentíssimos discursos contra o governo, no meio de aplausos e gritos sediciosos.

A polícia e a cavalaria se mantiveram em calma admirável, apesar das provocações dos rapazes. Nessa época, em Belo Horizonte, os estudantes ainda gozavam das mesmas imunidades, que sempre tinham desfrutado em Ouro Preto. O cargo de Chefe de Polícia era, nesse tempo, tão espinhoso e difícil, que admira como se encontrava quem o aceitasse.



*Destacamento Policial do Major Lopes
cerca de 1894
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto*

_ Eu assisti começar a fazer Belo Horizonte. Isto aqui era um faroeste, coronel! Revólver na cintura e fé em Deus e no major Lopes. No meio da noite as ameixas pipocavam: pá! pá! Um sujeito espichado na lama. O diabo é que sabia quem matou ... Lama, atoleiros para as carroças de material, todo o mundo andava de botas por causa da lama. Parecia que chovia o ano inteiro sem parar. A estrada de ferro subia por onde é agora a rua Espírito Santo e ia parar na Praça da Liberdade, conduzir material para a construção do palácio do presidente, das secretarias. Os italianos chegavam da Itália em penca; morriam e matavam também. O major Lopes quando prendia um assassino dava nele até que confessasse o crime. Era bem-feito, porque se o sem-vergonha não tivesse matado aquele, podia ter matado outro... Diziam até que era o pessoal de Ouro Preto, furioso por causa da mudança da Capital, que pagava os assassinos. Nunca acreditei nisso não. Era o diabo que andava solto. Chuva, lama, jogo, cachaça, fêmeas vagabundas, muito dinheiro, ambição, ladroeira, escuridão ...



-Chega, carcamano!

A casa era na parte nova da avenida Álvares Cabral, um dos cem tentáculos da cidade, crescendo interminavelmente. Pouco

além das residências claras e floridas, a vegetação rasteira do sertão estadeava ainda, entre grandes fendas aluvionais que se interrompiam no corte do terreno vermelho-claro perpendicular ao arruamento e onde estacara o serviço de terraplenagem. O serviço fora subindo pelo morro numa rampa de mais de seis por cento, cortando a terra áspera, bruta, pouco fecunda, e parara no grande corte, talvez porque além ainda não havia casas a construir. Iniciando-se na crista dos cachimbos do desmorte, deixados por acabar, a vegetação ficava a cavaleiro das moradias, todas novas. Uma parte bonita da cidade moça, obedecendo às derradeiras modas arquitetônicas.

Cidade artificial, criada pelas mancheias do dinheiro público e ultimamente bafejada pela imigração intensiva de famílias ricas do interior do Estado, certos aspectos de Belo Horizonte envelhecem depressa: os bairros burocráticos, cheios de casas de platibandas que foram nos primeiros tempos a última palavra em arquitetura: platibandas nas fachadas. Os beirais voltaram com os bangalôs que surgiram aos milhares. A revivescência da casa colonial, o estilo neo-colonial, com ornamentos da fábrica das velhas igrejas, muito menos sóbria que a dos casarões passados (e que se explicava nos templos pelo amor católico às pompas exteriores do culto) se misturou com os estilos metecas, insinceros, complicados, literários. Aliás, havia casas que participavam de dois ou três estilos. Outras, de nenhum. A morada confortável do doutor Fernando Pacheco Fernandes era um bangalô em estilo neo-colonial português.

Podia-se notar ainda as tentativas de um estilo nítido _ seria propriamente estilo ou a abolição consciente e útil dessa coisa? _ linhas cruas e secas, cimento armado e ferro, ousadia de varandas

avançando sem apoio, em balanço de concreto, terraços em vez de telhados, tudo geometricamente simples. Simples? Era a moda. Os arquitetos locais aderiam a ela. Brotava uma nova literatura arquitetônica. Os revolucionários como Le Corbusier, da casa-máquina de morar, desprezavam a fachada pela fachada, tal a usada história da arte pela arte; e ali a fachada ainda era tudo; dotá-la, não já de excessos de ornamentos e enfeites, mas de audácias de concreto, largas janelas nos ângulos, largos balanços, que não se justificavam bem. Para a admiração dos passantes ...



Edifício Acaiaca (detalhe)
Foto Isabel Lima Chumbinho, sem data
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

(1943) - 14 de junho _ Minha capacidade de fazer mal é quase nula, não assim a minha faculdade de desagradar, que é grande. Por este último motivo tenho ou devo ter muitos desafetos, antipatizantes, e não poucos inimigos gratuitos e não manifestos. Como os tem toda a gente. Inimigos conhecidos e declarados só tinha dois, estes últimos tempos: o João Alphonsus e o Jair Silva. Positivamente, era uma vergonha para mim ter só duas inimizades declaradas. Pois agora nem essas. O João Alphonsus, embora naturalmente não me estime, nem eu a ele também, passou a conversar comigo, haverá uns dois ou três meses. O Jair Silva, ontem, na Livraria do Nicolai, me propôs a paz. Inesperadamente e de *motu proprio*. Chegou-se a mim, quando eu folheava uns livros a um canto, e me disse: _ "Frieiro, eu quero tornar a ser seu amigo". Apreciei a espontaneidade do seu movimento, tanto mais que eu era incapaz de fazer o mesmo, porque sou cabeçudo. Na verdade, como ali mesmo o reconhecemos, nunca fôramos propriamente inimigos. Ficáramos de mal, como ficam os rapazes quando brigam por coisas sem importância. Isso há vinte anos. Eu já não era rapaz, mas o Jair ainda o era, e levado da breca. Trabalhávamos juntos na Revisão do *Minas Gerais*. Eu era o chefe do serviço e ele um dos revisores, quando brigamos. Isto é, não houve briga. O Jair brincava demais, e eu, para acabar com as suas brincadeiras durante as horas de serviço, zanguei-me um dia e tomei a deliberação de não lhe dirigir daí em diante a palavra. Foi bom, porque a brincadeira acabou. Não se guardou rancor, nem de minha parte nem da dele. Passaram vinte anos. "Já fiz os quarenta, disse-me o Jair, creio que já tenho bastante e quero por

isso voltar a ser seu amigo”. Estendemo-nos as mãos, cordialmente, e ficamos a palestrar como se entre nós não houvesse um longo intervalo de relações cortadas.

Com o João Alphonsus o caso foi diferente. Houve *casus belli*. Eu publicara *O Brasileiro não é triste*. A impressão desse livrinho de noventa páginas, em bom papel, tiragem de duzentos exemplares, ficara-me na Imprensa Oficial em quatrocentos mil réis. Não tendo um nome de editor para pôr na frente do livrinho, eu inventei um: *Os Amigos do Livro*, como se se tratasse do título de uma coleção, ou do nome de alguma firma ou sociedade editora. Para as minhas obras anteriores eu criara as Edições Pindorama, que só existiam na capa dos meus livros, impressos à minha custa, todos. Cedido por mim, esse título puramente ornamental figurou na capa de alguns livros de amigos, o *Alguma Poesia*, do Carlos Drummond, o *República Decroly*, do Moacir Andrade, o *Escândalo no bairro sossegado*, do Juarez Felicíssimo e talvez mais uns dois. A legenda *Os Amigos do Livro* fora uma verdadeira *trouvaille*. Excelente para designar uma coleção de volumes, ou voluminhos. Quem fora editor! Sempre desejei sê-lo. Mas em Belo Horizonte era e ainda é tolice pensar em tal empreendimento.

Nessa ocasião, o Grupo dos Jovens Literatos Oficiais, como chamávamos à rodinha formada pelo Carlos Drummond, o Emílio Moura, o João Alphonsus, o Oscar Mendes e outros, não havia ainda publicado livro. Nenhum queria ou podia imprimir-se à própria custa, como eu, por exemplo, fazia. Lembrei-lhes então uma idéia, a de se co-editarem, modestamente, por meio de uma “vaca” literária. O plano que eu sugeri era engenhoso e o único viável na ocasião. Consistia no seguinte: a) Vinte sócios em transe de desovar alguma obrinha. b) Todo mês, se fosse possível, se

imprimiria um livrinho, em prosa ou verso, de um dos vinte mutuários. c) O livrinho não deveria ter mais de 112 páginas, nem menos de 80, e a tiragem seria apenas de duzentos exemplares, dos quais cem para o Autor, dezenove para os sócios e os restantes para serem vendidos pela sociedade. d) Toda vez que saísse um livrinho, cada um dos vinte associados contribuiria com vinte mil réis para o custeio da impressão, calculada em quatrocentos mil réis. e) O sócio que desejasse publicar a sua obra com um número de páginas superior ao limite fixado e com tiragem superior a duzentos exemplares, poderia fazê-lo, pagando a diferença do preço-limite de impressão. f) Preço de cada voluminho (salvo do que excedesse o padrão adotado), cinco mil réis.

Por essa forma, todos os vinte poderiam imprimir-se, custeando cada um a própria impressão em módicas prestações de vinte mil réis. A idéia pareceu excelente aos "jovens literatos oficiais". O Emílio Moura, o Orlando Carvalho e eu fizemos a lista dos vinte associados que deveriam compor a co-editora, à qual dei o nome de Sociedade Editora Amigos do Livro. Eram os seguintes, além dos nossos três: Mário Matos (deputado federal), Carlos Drummond de Andrade (oficial de gabinete de um dos Secretários de Estado), Mário Casassanta (diretor da Imprensa Oficial), João Alphonsus (da Procuradoria Geral do Estado), Oscar Mendes (promotor público no interior e crítico literário na Capital), Milton Campos (muito acatado pela jovem geração), Orosímbo Nonato (idem), Lincoln Prates (professor da Faculdade de Direito e marido da poetisa Berenice Prates), Ciro dos Anjos, o Euríalo Canabrava, Alfredo Balena (médico ilustre), creio que o Guilhermino César e não me lembra quem mais. O Casassanta, o Emílio Moura e eu éramos os orientadores. Na verdade, eu fazia tudo, especialmente o que entendia com a edição. Eu havia publi-

cado em junho *O Brasileiro não é triste*, com a marca "Os Amigos do Livro". Em agosto saiu o livro de poesias do Emílio Moura, *Ingenuidade*, o primeiro lançado pela Sociedade dos Amigos do Livro. Ratearam-se quatrocentos mil réis e o restante do orçamento, superior àquela importância, foi pago pelo Autor. A seguir entrou para a tipografia a coleção de contos do João Alphonsus, *Galinha cega*. Aqui começou o enguiço. Quando já estavam impressos dois cadernos, o João lembrou-se de querer dez exemplares da obra em papel especial, Holanda Ledger. Não era da combinação? Ele compraria o papel. Mas já estavam impressas 32 páginas, obtemperei. O João, cabeçudo, entestou nos dez exemplares em papel especial. Compor-se-iam de novo as páginas já impressas e ele entraria com a diferença. Eu, que também sou teimoso, não estive pelo caprichoso do João. Considerei-me desligado da Sociedade, que permaneceu num impasse vários meses. Depois, o João resolveu-se a imprimir a *Galinha cega*, e, como desejasse chamar a atenção do público para o seu livrinho, fez imprimir, em papel Holanda Ledger (pois não!), um Manifesto dirigido aos membros da Sociedade dos Amigos do Livro, no qual, naturalmente, reservava para si mesmo a parte simpática e me acusava de intransigência no caso que dera cabo da Sociedade. Declarara-se também, na roda dos "literatos oficiais", disposto a conceder uma entrevista a uma folha local. Eu fiz-lhe saber, através de conversa com um de seus amigos, que absolutamente não tomaria conhecimento de qualquer declaração sua, que eu sabia visar unicamente a um fim de publicidade em torno do seu livreco prestes a sair. Perderia tempo, como o perdera fazendo imprimir o seu Manifesto, logo denominado ironicamente o Manifesto da Questão Holanda Ledger. Resultado: o João não tocou mais no assunto e ficou meu inimigo mortal. Mortal, sim, conforme declarou mais de uma vez a conhecidos meus. Numa

roda da Livraria Alves, disse ele, uma vez: "Se não fosse o meu filho (falava do primogênito, nascido havia poucos meses), eu matava o Frieiro". Eu ofendera a sua vaidade de literato, e já se sabe que um homem perdoa muitas injúrias, menos a vaidade literária ofendida.

A famigerada Questão Holanda Ledger matou a Sociedade como realidade, mas não a matou como ficção. Com a marca dos Amigos do Livro, se bem que à custa de cada autor, publicaram-se a seguir vários livrinhos _ dois ou três meus, outros tantos do Casassanta, do Orlando Carvalho, Ciro, Aires da Mata Machado, Mário Matos, etc

... A todos eu dava assistência tipográfica, ordenando o formato, a paginação, escolhendo os tipos, papel, capa ... mais dois ou três livros (três, no máximo) foram custeados pela Sociedade que então só existia de nome: um do Oscar Mendes, *A alma dos livros*, outro do Orlando Carvalho e talvez outro do Casassanta. Só me lembro de ter havido rateio umas três vezes, quatro se tanto.

Por ocasião do centenário do nascimento de Lafayette Rodrigues Pereira, a Sociedade teve autorização para reimprimir *Vindiciae*. Fizemos uma edição cuidada, bem impressa, caprichosamente revista, pois a primeira estava inçada de erros tipográficos. Obtivemos impressão grátis na Imprensa Oficial, dirigida então pelo Mário Matos.

Nessa ocasião, o Carlos Drummond tinha um caderno de poesias que ele desejava imprimir, mas não tinha com quê. Seus íntimos _ Orlando, Emílio, Guilhermino e outros _ lembraram-se então de reorganizar a Sociedade, a fim de imprimirem o Drummond por meio de uma "vaca". O quadro social foi aumen-

tado para vinte e sete membros, a fim de permitir a entrada de vários grã-finos literários: Abgar Renault, Afonso Arinos de Melo Franco, Aníbal Machado, Luís Camilo, Gustavo Capanema, Martins de Almeida, Gabriel Passos, Murilo Mendes. Impresso o livro *Brejo das almas* e feito o rateio, a Sociedade voltou ao seu estado de ficção.

Com a rubrica dos Amigos do Livro haviam-se publicado até aí uns dez livrinhos, nada mais.

Mas a marca "Os Amigos do Livro" logo se tornou prestigiosa em Minas e fora de Minas.





*Interior do Bar do Ponto
cerca de 1920
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico*

PONTO _ porque era o local da Estação dos Bondes. Vejo-a ainda, construção meio de tijolo, meio de madeira, com três entradas sem portas, pintada a óleo e dotada dum torreão para o relógio. Seu verde era semelhante ao dos pistaches e contrastava, qual outra cor, com os verdes dos seis renques de árvores da Avenida Afonso Pena e com os mais numerosos do Parque. Porque a estação debruçava-se sobre ele, naquele ponto de inflexão da rua da Bahia. Todo esse trecho urbano tivera seus logradouros regularizados à custa de aterros e o grande jardim ficara lá embaixo, acessível, aí, pela escadinha por onde desciam condutores e motorneiros para sua mijadinha nas folhas e à noite, pares, sob a vista gorda dos gerentes da estação que emprestavam as chaves do portãozinho mediante pecúnia e que nunca viam quem descia depressa, se agarrando e subia depois, separado e a passo de cada dia. BAR _ pelo café que lhe ficava em frente, escancarado para a via pública. Só entravam senhores. Logo à frente, à esquerda, um armário quiosque de metal brunido como ouro vivo, aquecido por forninho inferior e em cujas prateleiras estavam sempre quentes os bolinhos de carne, os pastéis, as empadinhas de galinha. Eram o fino do fino e custavam respectivamente tostão, tostão, duzentão. O balcão e a estante dos cigarros _ Londres, mistura especial, maço, pacote. O roliço 17. Petit Londrinos. Yolanda verde, Yolanda azul, Liberty oval ou redondo. *Bout-dorées, bouts de rose. Pour la Noblesse*, a 2\$000, para freguesia certa e selecionada: Pedrinho Moreira, o Zinho Fonseca, Serafim Loureiro, Marcelo Brandão, os Pimentéis e os Melo Franco quando vinham a Belo Horizonte. Fósforo Pinheiro

e Brilhante, dos grandes, dos pequenos, de pinho do Paraná ou dos de cera _ com fama de darem peso. As filas de mesas cujos pés de ferro fundido imitavam o ensarilhado rústico de três galhos de madeira sobre os quais repousavam os tampos de mármore. As cadeiras pretas. A freguesia habitual do cafezinho e da conversa. A especial e mais demorada, das cervejadas ostensivas ou da cachacinha pudicamente tomada em xícaras, para não escandalizar a Família Mineira passando na rua. Os garçons já conheciam os fregueses envergonhados e traziam a talagada dentro da louça inocente _ só que o pires vinha sem colher. Geralmente a turma da bebida ficava mais para o fundo, junto da porta que dava para os depósitos, para a latrina sempre quebrada, descarga enguiçada, cheia até às bordas; para o mictório de cimento cheirando à amônia de sua nata esbranquiçada que a água não lavava. No terço central do café, a clientela do dito, da conversa de negócio ou de ócio e a gritaria da turma do futebol. Torcedores e jogadores do Atlético, do América, do Yale, do Palestra; veteranos do Dezessete de Dezembro, do Sport Clube ou dos times do campeonato de 1904 - os do Vespúcio, do Colombo, do Plínio, do Mineiro, do Estrada. Na fila da frente, os mirones que apreciavam o movimento, a passagem das moças. O café chamado *Bar do Ponto* estava para Belo Horizonte como a Brahma para o Rio. Servia de referência. No Bar do Ponto. Em frente ao Bar do Ponto. Na esquina do Bar do Ponto. Encontros de amigos, encontros de obrigação. O nome acabou extrapolando, se estendendo, ultrapassando o estabelecimento, passando a designar o polígono formado pelo cruzamento de Afonso Pena com Bahia _ local onde termina também a ladeira da rua dos Tupis. Enraizou-se tanto na toponímia da cidade que fez desaparecer, imaginem! o nome do Alferes _ Praça Tiradentes _ que figurava nos antigos mapas de Belo Horizonte. Além de usurpar a do Herói, a desig-

nação Bar do Ponto excedeu-se psicologicamente e passou a compreender todo um pequeno bairro não oficial mas oficioso: o que se pode colocar dentro do círculo cujo centro seria o da praça e cujo raio cortasse a esquina de Goiás, um pouco de Goitacases, o cruzamento de Tupis com Espírito Santo, que tornasse a Afonso Pena, descesse Tamoios, entrasse no Parque defronte ao início do Viaduto Santa Teresa e voltasse à origem depois de reincursionar na espinha dorsal de Afonso Pena. Dentro deste círculo, tudo é Bar do Ponto. Moro no Bar do Ponto _ poderia dizer o Seu Artur Haas. Minha farmácia é praticamente no Bar do Ponto, informaria licitamente o Seu Ismael Libânio. Fora destes limites, logo fora, seria absurdo falar em Bar do Ponto porque as referências já seriam o Poni, o Colosso, o Estrela, São José e, no lado oposto, o Palácio da Justiça.

Considerado como vazio formado pelo cruzamento e encontro de três logradouros e desenhado por retas de esquina a esquina, o Bar do Ponto é um vasto hexágono irregular que teve várias vezes a honra de atravessar, no tempo em que se o fazia flinando, conversando, sem esperar o pare! e o siga! da luz vermelha, da verde, das mangas brancas dos guardas e do trilo de seus apitos. Quem saía da Estação, sob a sombra das árvores da sargeta, entrava sob a dos ficus (ramalhudos como as faias de Virgílio!) e chegava ao primeiro renque de palmeiras. Parava. Olhava os lados do Mercado, cujo arvoredo denso fechava o horizonte. Para os do Cruzeiro, no alto. Lá estava a parede da serra do Curral lembrando, daquele ponto, um pássaro caído e de asas abertas. O albatroz de Baudelaire _ repetindo comparação que já fiz no meu *Balão Cativo*. Hoje as casas _ de tanto o galgarem _ como que baixaram à altura do cercado. Ainda parado, olhava os altos de Tupis onde começava o céu, quando acabava a rua. Azul, de dia.

Ourissangue, de tarde. Outra vez palmeiras, fícus, árvores da beira da calçada. A esquina de Seu Artur Haas. Dali, quem atravessa Bahia, pisa no trecho mais importante de Belo Horizonte. As lajes de Afonso Pena que vão desse canto ao de Tupis. Nela se abriam as portas de três instituições. Eram a elegantosíssima casa de artigos masculinos, a *Sapataria Central*, propriedade, primeiro, dum lusíada chamado Albino e, depois, de Joaquim Meirelles; a Papelaria e Livraria de Oliveira & Costa, sucessores da razão Oliveira, Mesquita & Companhia; finalmente, o café, o nosso *Bar do Ponto*. Quem passava nesse trecho ilustre de Afonso Pena (e passava Belo Horizonte inteira) era varado pelos fogos cruzados dos olhares e comentários dos que estavam dentro daquelas três casas e grupinhos formados à beira da calçada. Às vezes, vinha-se alvoroçado, de dentro, correndo até à porta, para assistir à passagem de uma das melhores das boas — menina e moça irresistível no seu grande chapéu de tagal enfeitado de largas fitas, no seu vestido de palha de seda, nas meias marrom moldando bem-aventuradas pernas e combinando com a cor dos sapatos rasos ainda sem salto alto.



"Rotisserie Bar do Ponto -
cocktail oferecido ao tenor Tito Schipa"
Foto Bonfioli, 1940
Arquivo Luís Augusto de Lima

Não levamos muito tempo na Rua Rio de Janeiro, centro da cidade, longe dos colégios e bastante barulhenta. Ao lado da casa funcionava uma serralha que trabalhava o dia todo, não havendo nervos que suportassem o barulho monótono da serra por horas a fio. Decididamente o ponto não convinha e mamãe escreveu a papai, que veio de Pirapora não só para ver como famos na Capital, como para tratar da mudança. Começou logo a procurar casa em lugar afastado do centro comercial e que ao mesmo tempo não fosse muito longe dos colégios. Mas com a paixão que tinha pelas chácaras, não tardou a esquecer-se da nossa conveniência, interessando-se apenas pelas moradias com grandes quintais, quase chácaras, situadas em zonas afastadas do centro urbano. Ali, dizia ele, poder-se-ia viver bem, comendo frutas e legumes do quintal, e, quem sabe, se não se poderia mesmo vendê-los.

Foi uma decepção. Não estávamos de acordo, e não tínhamos coragem para dizer abertamente o nosso descontentamento. Falávamos com mamãe, que sabíamos nossa aliada, pois também ela não suportava aquela mania de papai, de chácaras e fazendas. Todos queríamos casa num bairro bom, que não fosse triste, nem longe da cidade. Queríamos morar na Capital, já estávamos fartos de cidade do interior. Se era para isso, então não valia a pena termos nos mudado de Curvelo, podíamos ter ficado lá mesmo. Por fim, Tidoce salvou a situação, ponderando a papai a inconveniência de irmos para lugares onde a condução fosse escassa, e, o que

era mais importante, a dificuldade que teria para conseguir freguesia de costura num ponto afastado; não se esquecesse de que tinham a intenção de mais tarde montar um *atéliér* e para isso era necessária uma moradia acessível às futuras freguesas. Esse argumento foi decisivo, pois no momento, um dos seus sonhos, e ele os tinha muitos, era um *atéliér* de costura de sociedade com ela, onde, dizia com convicção, iriam ganhar muito dinheiro. Abandonou imediatamente a idéia da chácara com horta e pomar cultivado, alugando uma casa baixa no Bairro dos Funcionários, à Rua Paraíba, atrás da Escola Normal, para onde nos mudamos em poucos dias. Era uma rua tranqüila, de árvores frondosas, próxima do centro comercial, não obstante situada em zona estritamente residencial. Na esquina passavam vários bondes que iam ter ao centro da cidade em poucos minutos. Construía-a o proprietário, para sua residência, com todo o conforto possível para a época. Tempos depois, tendo adquirido um palacete de luxo numa rua próxima, transferiu-se para lá, alugando a da Rua Paraíba.

Do lado esquerdo, um muro comprido separava a entrada da nossa casa do quintal do vizinho, Desembargador Olavo de Andrade, figura de destaque na sociedade de Belo Horizonte daquela época. Como eu achava importante e nobre a casa do desembargador. Alta, com porão habitável, escadarias; tinha duas entradas: para a Rua Paraíba e para a Rua Timbiras, onde se achava instalado o seu escritório. Alpendre de gradil de ferro, com paisagem a óleo, pintada na parede, trepadeiras se entrelaçando por entre o gradil. O quintal, confinando com o nosso, plantado com muitas árvores frutíferas, bem tratado, as largas janelas dos aposentos de cima abrindo-se sobre ele. Embaixo o porão

espaçoso, onde se achavam localizados os quartos dos rapazes da família, na frente e, ao fundo, na outra ala, o das empregadas e a sala de passar roupa. Na época de goiaba, as goiabeiras, em grande quantidade no quintal, deixavam pender sobre o muro os galhos carregados de frutos vermelhos e brancos. Fizemos então o nosso primeiro amigo, Paulo, filho mais moço do desembargador que, quando não se achava nas aulas, subia às goiabeiras de onde nos atirava goiabas, ou ficava trepado nos galhos mais baixos, próximos ao muro, conversando conosco. Era um menino simpático, bem-educado, e desde o princípio fascinou Lourdes, que achava lindos os seus grandes olhos negros. Mal percebia que estava no quintal, vinha logo para perto do muro, esperando que ele subisse às goiabeiras para conversar. Ficava calada, ouvindo o que dizíamos, não escondendo a sua admiração pelo garoto. À direita da nossa casa era a venda do Siô Chico e Siô Mané, dois solteirões solitários, sobrinhos do proprietário. Dois esquisitões: Siô Chico, ensimesmado e intratável e Siô Mané, carinhoso, grande amigo das crianças, para as quais tinha sempre um agrado: uma banana-prata madura, um doce. A venda constava de uma sala não muito grande, cujas paredes e portas há muito não viam pintura. Nas prateleiras, a mercadoria escassa: umas poucas latas de conserva, goiabada *Pesqueira*, que Fausto comprava na conta de mamãe sem que ela soubesse e comia escondido no quarto, garrafas de soda, que achávamos uma bebida deliciosa, caixinhas de polvilho de engomar, bacalhau, rolos de corda e alguns sacos de cereais, espalhados no chão da venda. Um balcão separava o seu interior da parte onde ficava a freguesia. Comunicando com essa sala, por meio de uma porta que ficava exatamente entre duas prateleiras, uma outra bem menor, escassamente iluminada por duas janelas estreitas e gradeadas, mobiliada com uma escrivaninha antiga e um tamborete de pés altos. Era ali o

escritório dos dois vendeiros, onde um deles, quando não atendia à freguesia, escriturava os humildes negócios. Contíguos a essa sala, os quartos de dormir, onde estava guardado o que mais tarde seria um tesouro para nós: fascículos das novelas de Gustavo Aymard e romances de Perez Escrich. Ao lado da casa, confinando com o outro vizinho, um pátio enorme, fechado por um largo portão de ferro. Aos domingos e feriados os dois vendeiros ali ficavam, de chinelos, mangas de camisa, conversando com os que, de passagem, se detinham para uma prosinha. Depois do pátio, vinha a casa dos italianos, uma enorme família que morava toda junta: pai, mãe, filhos e filhas casadas, netos, sobrinhos, tudo numa confusão de gente de todas as idades. Cultivavam uma horta grande e a plantação de tomateiros ocupava uma boa parte do terreno. Vovó não saía de lá, de conversa com D. Romila, Leonora e D. Emília, filhas e nora do velho italiano. Gostava da conversa e da horta e quando vinha pra casa, dava conselhos à mamãe para conseguir uma plantação de tomates igual à delas.

Na frente, ao longo de todo o quarteirão, não havia vizinhos: era o muro do imenso pátio de recreio da Escola Normal, podendo-se ouvir nos intervalos das aulas os gritos da meninada brincando ou empenhada em algum jogo esportivo.

Bem em frente às janelas do salão, erguia-se uma árvore frondosa, para baixo da qual trazíamos cadeiras à tardinha, após o jantar, ficando de conversa ali muitas vezes até o cair da noite.

Entrava-se por um portão de ferro, de um dos lados da casa, fechando um corredor comprido, cimentado, que se prolongava até a varanda dos fundos. Sobre ele abriam-se as janelas dos quartos da ala direita. Subindo-se o degrau de cimento, quase

logo depois do portão, dava-se com o corredor que levava ao interior da casa. Nos primeiros tempos, quando vovó morava conosco, a sala era a primeira porta à esquerda de quem entrava, mobiliada com cadeiras de palhinha, duas cantoneiras de madeira, com vasos de begônia em cima, plantas que faziam o orgulho de mamãe, uma mesinha quadrada encostada na parede e, de um lado e do outro, penduradas na parede, duas esteirinhas japonesas, com pintura de cores vivas, representando gueixas de sombrinhas abertas, flores e pássaros. Além da sala, havia um salão de dimensões maiores, pintado a óleo, a pintura fingindo cortinas com cordões e borlas, que, durante todo o tempo em que a família de vovó morou lá em casa, servia ao mesmo tempo de quarto de dormir e sala de costura para Tidoce. Ali se achavam as duas grandes mesas de costura que tinham vindo de Curvelo, as máquinas de pé e de mão e os manequins, Calita e Candinha, como eu e Zizina os tínhamos batizado, desde o tempo em que eram minha paixão e quando mantinha com eles longas conversas. Num canto, o guarda-roupa antigo, largo e alto, onde Tidoce guardava as fazendas e os vestidos prontos das freguesas.

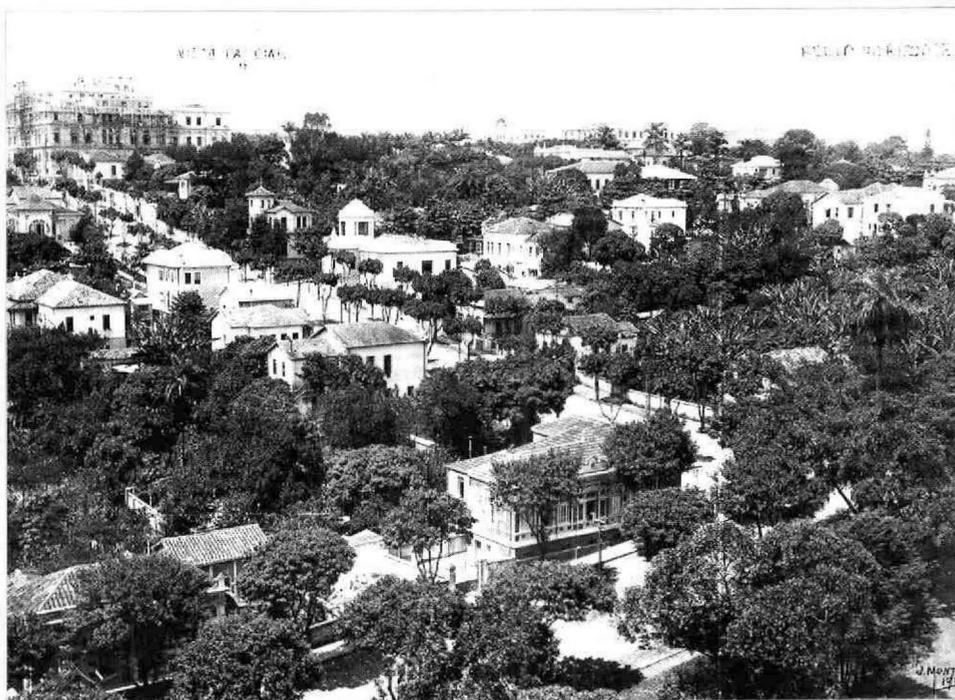
O salão comunicava com o resto da casa por meio de um pequeno corredor, para onde davam as portas dos quartos de Fausto, Dauto e da sala de jantar, de molas, parte de madeira e a outra, superior, em vidro colorido vermelho. Havia dois jardins: um o externo, contíguo ao salão, para o qual se ia descendo três degraus de cimento sob uma porta dos lados, dividida ao meio em quatro partes; ficava separado da rua por um muro baixo de tijolos. Mais de folhagens que de flores, sobre ele se abriam, não só as janelas da sala de jantar, quase junto às altas espirradeiras floridas em flores rosa, vermelhas e brancas, como a porta da

cozinha que, não tendo janelas, recebia luz por aquele meio e pela vidraça logo acima da porta, ao longo de toda a parede.

Na ponta de um dos canteiros, bem perto da porta da cozinha, crescia um jasmineiro de flores azuis, que vivia constantemente carregado. Ao fundo, pegado à janela do banheiro, a meia-água, onde se guardava lenha, com portão pequeno para o terreno da venda. O quarto de Zizina ficava no corredor que vinha depois da sala de jantar, dando para a varanda dos fundos, cimentada, com gradil tosco de madeira. Um tabique, de madeira, fechando uma pequena parte dessa varanda, era o quarto de Oscar.

Vinha então o segundo jardim, o interno: grande, com um único e enorme canteiro ao centro, onde se misturavam, na mais deliciosa confusão, os tufos de violetas simples e dobradas, as roseiras de rosas de todas as cores, os flocos, dalias, os pendões de bocas-de-leão, amores-perfeitos, borboletas, sempre-vivas, miosótis, uma infinidade de flores. Era o lugar predileto de mamãe, que passava nele quase toda a manhã e a tarde, regando, podando e mudando, dispensando às flores mil pequenos cuidados, ela que as amava tanto, completamente esquecida do que ocorria dentro de casa. De um dos lados do canteiro, rente ao muro do vizinho, uma enorme parreira. Na ocasião de uvas, mamãe, para que não comêssemos verdes, costurava aos cachos um saquinho de pano, amarrado fortemente nas bordas, o que nunca impediu que as apanhássemos ainda pintando, deixando as cascas em seu lugar, para enganá-la. Do outro lado, depois do largo passeio cimentado que ladeava o canteiro, teatro dos meus jogos de caracol e maré, sempre riscado a giz, a coberta do tanque de lavar roupa, separada do pomar, que ficava em nível

superior ao do jardim, por um murinho baixo de tijolos, com dois degraus. Em comparação com as dimensões do jardim, o pomar era pequeno. Não lhe faltavam, entretanto, muitas árvores frutíferas: mangueiras, jabuticabeiras, pessegueiros e um abacateiro alto, muito alto, cujos galhos serviam de refúgio a Dauto, quando se sentia ameaçado por alguma surra da mamãe.



*Vista parcial da Rua Sergipe entre Aimorés e Gonçalves Dias
Foto J. Monteiro, 1930
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico*

 NÚMERO DE HABITANTES de Belo Horizonte era assunto melindroso, controvertido, que dava rixa com Juiz de Fora. Juravam os belo-horizontinos que a rival _ a Manchester mineira, como se intitulava, orgulhosa de suas indústrias _ ficara para trás, bem para trás. A metrópole _ e diziam metrópole para machucar _ atingira os oitenta mil habitantes. Oitenta mil e um, emendariam, se houvessem computado o meu advento.

Ao forasteiro exibia-se o Colégio Arnaldo como a oitava maravilha do mundo, depois, claro, do Palácio e das Secretarias. E, ostentando manuelinas torres e ameias, o Conselho Deliberativo deslumbrava os que vinham do interior, afeitos ao singelo risco dos sobradões coloniais.

No matinal domingo do parque à *Glaziou*, pares adolescentes transitavam pela pontezinha de troncos fingidos, que, em airoso arco, os depunha na Ilha dos Amores, pequena demais para caber tanto amor. Remava-se no Lago das Garças, bebia-se chope no quiosque, e, com pequenas do subúrbio, o estudante se ressarcia do carinho que lhe negavam as empoadas moças dos palacetes.

Tocava, no Cine Odeon, a orquestra de Vespasiano Santos; no Pathé, a de Arrigo Buzzachi. Pedia-se a música preferida, era-se atendido. Uma noite, vi o Capanema erguer-se, reclamando repetidamente a *Réverie* de Schumann, enquanto o meu primo Artur se batia pela *Valse érotique*, de Kurt Lubbe. Esta veio

depois daquela. Capanema era quintanista de Direito, e prestigioso; teve primazia sobre o primeiranista.

Antes de se deslocarem para a sala de projeções, Vespasiano e os mais do conjunto, acomodados em jirau sobranceiro ao saguão, ofereciam um aperitivo musical à gente que esperava o espetáculo. Ao piano, punha-se o Maestro; pelo violino, respondia Flausino; o violoncelo e a clarineta, estes cabiam, respectivos, ao Targino da Mata e ao João Zacarias. A flauta, quem a tocava? E o contrabaixo? A memória não os pôde guardar a todos. A mencionados e omitidos, aqui agradeço, por igual, quanto me deram de Beethoven, Chopin, Liszt, Albéniz, Granados, ou certa ária de ópera, tal trecho de opereta que, decorrido meio século, ainda ressoam cá dentro, associadas a uma brejeirice de Glória Swanson ou a um gesto, um olhar de Bessie Love.

Vagas de declamação derramavam-se pelo País. Do Rio vinham, para recitais, Margarida Lopes de Almeida, Zita Coelho Neto e Berta Singermann, judia linda, que, nos lances de bravura do poema, recolhendo-se em transe, hirta, extática, levava ao delírio o nosso Municipal, tão comedido, de ordinário, em suas manifestações. Já não existe esse teatrinho que, todo pimpão, trazia no seu *foyer* os retratos de Nina Sanzi, Itália Fausta, Chabi Pinheiro e Leopoldo Fróis. Sucessivos prefeitos conspiraram contra ele, a pretexto de que seria acanhado para receber grandes companhias líricas. E um, afinal, vendeu-o, na bacia das almas, a particulares, que o aproveitaram para cinema, não sem lhe violarem, antes, as linhas da fachada.

Pelas ruas desatravancadas, nessa Belo Horizonte de dois, três andares, que não nos agredia com o perfil assimétrico dos arranha-céus de agora, o bonde passeava a sua importância, mirando,

sobranceiro, uns poucos automóveis circulantes, que, pela buzina, denunciavam o dono: o Dr. Balena, o Borges da Costa, o Gennaro, chofer de praça.

Os bondes ... Por uma ida ao Calafate pagava-se um tostão, viagem divertida, com enormes voltas, gente descendo, gente subindo, e o condutor a todos saudando. Floresta, Carlos Prates, Santa Tereza, Santa Efigênia, Serra, paróquias longínquas, não soldadas, ainda, uma às outras, talvez mesmo satisfeitas de se verem divididas por nesgas de cerrado, cada qual falando a sua língua, mas todas se unindo sob o pendão de Belo Horizonte _ a Acrópole das Rosas, o Miradouro dos Céus, a Cidade Vergel, idem das Árvores, ibidem dos Crepúsculos de Ouro, cantada por Bilac, Rui Barbosa, João do Rio, Júlio Dantas e insígnies beletistas outros, daquém e dalém mar.

No jardim da Praça da Liberdade _ modelado pelo de Versalhes, não se esqueça! _ havia retreta aos domingos, invariavelmente aberta com a *Protofonia* de *O Guarani*. E, melhor que a retreta, o *footing*: na alameda à direita de quem ia rumo do Palácio, caminhavam rapazes e moças de família; na esquerda, que passava ao pé do coreto, criadas e soldados de polícia. Uma rua central, em meio a renques de palmeiras-imperiais, separava sociedade e plebe; democráticas, as roseiras floriam indiscriminadamente do lado preto e do lado branco. E como ! Uma delas, a mil-maravilhas, fronteira ao Palácio, produzira, na primavera daquele ano, 1.007 rosas _ mil e sete, contadas a dedo. Para homenagear o Presidente eleito ! gracejava-se.

Depois da retreta, que acabava às nove da noite, as mulatas desciam para outro *footing*, o da Avenida, e dali iam para cinemas-

poeira ou sumiam com os namorados pelo Parque. Não apenas os namorados ... Um senador, dado a amores ancilares, foi certa vez ali pilhado, entre moitas, por um guarda-civil que, desastradamente, voltara em sua direção o foco da lanterna. O guarda balbuciou desculpas, mas o egrégio, possesso, só não o fez prender porque o pasquim do Amadeu Teixeira podia abrir a boca.

Deixando as mulatas com seus amôres a céu estrelado, e voltando à gente sisuda e às ruas graves e calmas, encontraremos, ao entardecer, dois conspícuos cavalheiros que passeiam, conversando: um é o Mendes Pimentel, homem-instituição, que infunde tanto respeito quanto o Palácio da Liberdade; o outro é o Rafael Magalhães, presidente do Tribunal da Relação, sorridente, irônico, anatoliano. O primeiro militou na política, brigou muito, agora é advogado. Tem cara fechada, mas coração mole. De que falariam? De política, naturalmente, embora não envolvidos nela. Quem não conversa de política em Minas? Atravessam a Praça da República, entre a Câmara dos Deputados e a Faculdade de Direito. Ali existe um bebedouro para animais, sobrevivência do tempo dos cupês, quando o primeiro automóvel _ o do médico Antônio Aleixo _ não chegara, ainda, a Belo Horizonte. Rafael brinca, olhando para o bebedouro: "Excelente localização!" Pimentel dá uma risada larga, de fortes mandíbulas.

E a sociedade elegante? As damas não tinham problemas: na Casa Narciso, no Parc Royal, na Casa Bicalho, encontravam o tafetá, o crepe Georgette e o da China, as miçangas e mais aviamentos que requeresse o vestido para a abertura do Congresso. Quanto a chapéus, ali estava Eliseta Prata, sucessora de Madame Penélope, sua mãe, e, como esta, exímia em confeccioná-los.

No concernente a nós, estudantes, que afluíamos à Capital atrás de um diploma, direi que nos era dispensada a simpatia compatível com a frieza e reserva daquelas populações provindas de regiões diferentes de Minas, e não ainda amalgamadas. Dos professores de humanidades, o acolhimento, mais que simpático, era generoso: Moraes, Euclides, Pessanha, Cláudio Brandão, Azeredo Coutinho, Sebastião Rabelo, João Martins, Juscelino Paraíso, mestres por amor ao ofício, aceitavam, só dos que podiam pagar, os módicos dez mil-réis da mensalidade. Aos carentes de recursos, ensinavam de graça. Tomavam em suas mãos os rapazes e pacientemente os preparavam a conviver com os bambas das Faculdades: Werneck, Marques Lisboa, Otaviano de Almeida, Chico Campos, Zé Eduardo, Orozimbo, Tito, Juca Brandão, Lúcio dos Santos, Artur Guimarães, Agnelo de Macedo. Menciono só alguns, evidentemente. Outros havia, também ilustres.

A sociedade só tomava conhecimento dos acadêmicos. Nós, preparatorianos, vivíamos no limbo, em obscura paz, apenas turbada pelas escaramuças com a Cavalaria, nas quais servíamos como força auxiliar, ao lado das tropas de elite das escolas superiores. Mais divertimento que briga, embora, às vezes, a espada dos cavalarianos descesse rija. Esqueço-me. Não apenas os encontros com a polícia nos tiravam da pasmaceira: nos torneios de oratória do Centro nosso, na Rua Espírito Santo, pipocava uma retórica solta.

No restante, 1924 corria em paz, nas ruas, nos lares, ou pelo menos assim o diziam os jornais do governo, pois outros não havia, exceto *A Tarde*, que durou três ou quatro números, e era distribuída em mão e gratuitamente por seu proprietário, Isidoro Cordeiro, e o *Avante*, não menos efêmero, dirigido pelo já mencionado Amadeu Teixeira.

De coisas literárias pouco sabia eu, além do que se falava em Bernardo Guimarães 1.200, ou na caminhada noturna da Praça ao Bar do Ponto. A roda do Artur e a do Newton subestimavam a importância do recente movimento que, irrompido, abria caminho. Fiel a uma e outra, eu me embevecia, ainda, com os *Sonetos antigos do Abgar Renault*, quando o querido poeta havia abjurado já o passadismo, trocando o metro e a rima pelo verso livre e pela nova temática. Filiara-se ao grupo que armara no *Diário de Minas a sua catapulta. Tão mal informado andava eu acerca dos futuristas* _ assim lhes chamava então _ que imaginava incluídos entre eles o Eduardo Frieiro e o Euríalo Canabrava, franco-atiradores, notoriamente avessos à corrente.

Em 1925, iríamos encontrar no Café Estrela os rapazes da *Revista*. Em 1924, eu não tinha sequer a certeza de sua existência física; para mim, viviam no empíreo, não em minha humilde esfera de colaborador da *Sentinela de Santana*.

Se pouco sabia dos acontecimentos literários, informado era, e bastante, do que se passava no cabaré da Olímpia, onde carnudas portenhas soluçavam *Noche de Ronda, Camiñito, Cumparsita*. Se o *shimmy* e o fox conquistaram o Clube Belo Horizonte - cuja escada, ai de mim, eu nunca subira - desbancados não tinham sido ainda, na Zona, o tango e o maxixe, nos quais brilhava Mingote, destro e flexível como um funâmbulo. Consoante, como convém aos astros, ele só aparecia tarde, pela uma da madrugada, quando, após a segunda do Odeon e a passagem pelo Clube, a turma *raffinée* também ia chegando.

No gramofone da república, nem sempre se tocava Schubert ou Brahms, Mendelssohn, Rossini ou Gounod. Recorria-se à música mais aliciante, com vistas à vizinha da direita, Matilde _ a Sulamita

_ que não era Abisag, nem de Sunam, porém esquiva flor do Líbano. Havia notícia de que gostava de chapas raras, que, não sei como, João Moreira conseguia: *Who?*, *Fascinating Rhythm*, *Tea for Two*. Colocava-se o aparelho no peitoril da janela, virava-se a campânula para o lado da casa da Sulamita, na esperança de que, alcovitando, o novo ritmo fizesse vir à janela a soberba levantina. Vã esperança. Fechadas se mantinham as gelosias.



Avenida Bernardo Monteiro
Foto Daniel Coury, 1992

... Acabei desistindo de jogar e me limitando a ir com o Gerson e o Toninho assistir às grandes partidas. Mas a minha mágoa continuava. Eu me sentia um fracassado na vida, por não dar certo no futebol.

Pois foi exatamente no dia 12 de outubro, quando completei oito anos, que se deu a minha reabilitação, de maneira tão fantástica que eu mesmo não acreditaria se me contassem. Como já disse, foi graças ao Gerson, que também fazia anos naquele dia.

Era o jogo de decisão final do Campeonato Mineiro: Atlético contra América. Torcíamos apaixonadamente pelo América, não só por ser o time de nossa predileção mas, com mais razão ainda, porque o próprio Gerson ia jogar de goleiro, em substituição ao famoso Princesa, que estava contundido. Apesar de seus dezesseis anos, e jogando ainda nos juvenis, era muito desenvolvido para a idade, podendo perfeitamente passar por homem feito, como os demais do primeiro time. A formação do América, segundo o esquema dois-três-cinco que vigorava na época, era a seguinte:

GERSON

CHICO PRETO NEGRÃO

RAFAEL PIMENTÃO BEZERRA

JAIR JAVERT JORIVÊ JACY JICO LEITE

A linha, como se vê, era toda ela composta de nomes começados com J (inclusive o ponta esquerda, Chico Leite, que por causa disso passou a ser Jico Leite). Quem não acredita, que consulte os jornais da época.

O time do Atlético se compunha dos seguintes craques:

KAFUNGA

NARIZ MAURÍCIO

MAURO BRANT CAIEIRA

CHAFIR SAID OIRAM JAIRO CUNHA

Oiram era o grande centro-avante Mário de Castro, cujo pai não admitia que ele fosse jogador de futebol, e por isso figurava com seu primeiro nome de trás para diante.

Gerson me reservou uma primeira surpresa: tinha me arranjado um uniforme completo do time do América, para que eu entrasse no campo como mascote.

Só o fato de sair do vestiário em meio aos jogadores de verdade já me enchia de emoção. Sentia-me ainda mais pequenino no meio daqueles homenzões peitudos e de pernas cabeludas que invadiam o campo como uma manada de búfalos, sob os delirantes aplausos da torcida, que lotava completamente o estádio do América. Gerson me conduzia pela mão, quando nos alinhamos para fazer o cumprimento de praxe à assistência. Depois os jogadores se espalharam, batendo bola e fazendo exercícios de aquecimento. Fiquei por ali, ciscando entre um e outro, a viver a minha grande emoção.

Mas o meu maior momento de glória ainda estava para chegar.

O juiz convocou os jogadores, que se dispuseram a dar início à partida, colocando-se cada um em seu lugar no campo. Gerson foi para o gol, depois de me deixar em companhia do treinador no banco dos reservas.

Foi dada a saída. Logo se viu que iríamos assistir a uma peleja das mais emocionantes. Os ataques se sucediam de lado a lado. O América pressionava e Kafunga, num de seus grandes dias, fazia defesas prodigiosas. Gerson não deixava por menos. Os contra-ataques do Atlético encontravam no meu irmão uma barreira intransponível:

_ Gerson não está deixando passar nem pensamento! _ diziam os reservas, a meu lado, entusiasmados.

Os lances violentos também se sucediam. A todo momento um jogador era substituído por contusão. O primeiro tempo terminou empatado de zero a zero.

Logo ao início do segundo tempo, o juiz apitou contra o América um pênalti que nossa torcida reclamava, revoltada, jamais ter existido. Cobrada a penalidade máxima, Gerson não teve como segurar, apesar de conseguir tocar os dedos na bola, numa ponte magistral. Um a zero contra nós.

Por mais que o América reagisse, não conseguia igualar o marcador. Faltavam quinze minutos para o término da partida, quando enfim uma bola cruzada de Javert para a área foi dar na cabeça de Jacy, que emendou de primeira, sem que Kafunga nada pudesse fazer. Um gol de susto, como se costuma dizer. Estava empatada a peleja.

O tempo passando, as duas equipes buscando ferozmente o desempate. Aos cinco minutos do término da partida, houve uma interrupção, não entendi bem por que, e, pelo jeito, a torcida ainda menos, pois prorrompeu na maior gritaria. Ao reiniciar-se o jogo, a linha americana esboça um perigoso ataque pela direita. De posse da bola, Jico Leite penetra a defesa contrária, mas se choca violentamente com Nariz e rola no chão, contundido, botando sangue pelo nariz.

Pânico nas hostes americanas: todos os reservas já haviam entrado em campo, não sobrara ninguém para substituições, que fazer? Segundo as regras daquele tempo, time nenhum podia jogar desfalcado, sob pena de ser eliminado do campeonato.

Disputa interrompida, o jogador machucado é retirado na maca. Gerson vai confabular com o juiz, gesticula, depois vem correndo até o banco dos reservas onde me encontro, em companhia do treinador e do massagista. Fala qualquer coisa ao ouvido do treinador, me apontando, e este se volta para mim, com ar grave:

- Você vai ter de entrar, Fernando. Não tem mais ninguém. Você é a nossa última esperança.

Não vacilei: além do mais, era justamente a ponta direita, minha posição predileta! Pois se o América precisava de mim para completar o time, contassem comigo, era uma questão de honra. *Apenas mais cinco minutos _ mas futebol, como se sabe, é uma caixa de surpresas.* Em cinco minutos tudo pode acontecer.

E aconteceu. Mal tive tempo de fazer o aquecimento. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, entrei em campo. A aclamação da assistência foi ensurdecidora _ o que não chegou a me

perturbar: tinha de me concentrar na missão que me cabia. Gerson havia me ensinado muito bem o que devia fazer.

Jorivê deu a saída do meio do campo, cumprindo ordem do juiz: atrasou para Pimentão, que adiantou para Jacy. Caieira rouba-lhe a bola, passando para Chafir, que avançou perigosamente, Gerson se preparou para defender, Chico Preto aliviou, pondo para fora num chutão.

Ao contrário do que fazia nas peladas de meninos, eu procurava acompanhar, lance por lance, o desenrolar da disputa, em seus instantes finais. Chafir fez a cobrança da lateral, dando de presente para Negrão, que, sem perda de tempo, acionou Bezerra. Quando eu, estrategicamente colocado no setor direito do gramado, como me competia, já pensava que não daria tempo sequer de intervir numa só jogada, eis que Bezerra faz com que a bola venha rolando até mim.

Depois de dominá-la numa manobra que arrancou aplausos da torcida, e tendo Jacy na cobertura, driblei Nariz, deixando-o estatelado de surpresa, e tablei com meu companheiro. Este passou ao Jorivê, enquanto eu me deslocava para recebê-la de volta. Então disparei num pique, sob o delírio da assistência, e lá fui eu com minhas perninhas curtas no meio daqueles cavalões, driblei um, outro, deixei para trás a defesa adversária. E me vi frente a frente com o goleiro. Kafunga abria os braços gigantesco, achei que queria me pegar e não à bola. Fiz que chutava, como se fosse encobri-lo, ele pulou. Então passei com bola e tudo por entre as pernas dele e marquei o gol da vitória.

Foi aquela ovação, a torcida delirava. Logo em seguida soou o apito final e meus companheiros de equipe correram para me abraçar e carregar em triunfo. O que para eles era fácil, dado o meu tamaninho. E assim demos a volta olímpica, sagrados campeões.



*Time do América em 1927
Semana Ilustrada, nº 14
Coleção Eunice Vivacqua von Tiesenhausen*

Agora, perto do Colégio Arnaldo, se lembrou de seu tempo de escritor jovem, do seu tempo de Mário de Andrade cercado de piás. Ali mesmo em Belo Horizonte, antes de ir para Duas Pontes, para onde retornou depois de formado em Direito.

Nas margens do lago da Pampulha, muitas vezes João ficava lendo poemas de Drummond, de Murilo. O Walter Gabriel ao lado. E liam, importantíssimos, cartas que recebiam de Mário de Andrade.

Se lembrou da cara comprida, a boca sensual e carnuda de Mário de Andrade. Dos tempos que discutia literatura com Domingos Pimenta, que lhe emprestava livros de Roger Martin du Gard, de Thomas Mann, de Gide. João pensava em escrever um romance de fôlego, pelo menos três dedos de lombada, nas águas de Thomas Mann. *A Montanha de Aço*, um bom título, só faltava o romance. Num sanatório, de lá ele via o mundo doente. João não sabia nada de sanatório para tuberculosos, os seus pulmões eram saudáveis. Não importava, não estava fazendo uma obra realista, o seu real era simbólico e mítico. *O Mito e o Rito na Obra de João da Fonseca Nogueira*, o título de uma tese universitária que ainda haviam de escrever sobre ele.

Um título comprido mas que o envaidecia. Menos por causa do título, pelas palavras mito e rito.

Quando desceu as escadarias do palácio vinha triste e amargurado. Mais uma vez traíste, João. No jardim imitação barata de

Versalhes, a estátua das Três Graças resplandecia branca ao luar que surgira após a chuva. "Até tu, Brutus, filho meu?" Você se traiu a si mesmo. A estátua branca, o canteiro de rosas. As Três Graças de mármore, a pequena Grécia em Minas Gerais numa praça burguesa e tranqüila, "Versalhes entre bondes".



*Colégio Arnaldo
Parc Royal Editor, década de 1920
Arquivo Fundação João Pinheiro*

Deixou-se cair de novo no banco, encolheu-se no canto espremido pela grande lotação, despreocupou-se das mulheres que desapareceram na multidão que avançava para o veículo. Desceu no primeiro ponto com aquilo debaixo do paletó e caminhou, apressado, no meio do povo; seguiu decididamente para os lados da Feira de Amostras, Lagoinha ... voltou: Feira de Amostras; pensou em ir na direção do centro ... desceu para a praça da estação, avenida Santos Dumont para a Praça da Estação: lembrou-se do viaduto da Floresta.

Como as impressões se gravam na memória ! Exatamente depois de encontrar dinheiro na bolsa, começou a notar que o local era ermo, plantado de pilastras, começou a ouvir o ruído distante dos veículos que rolavam lá em cima, aumentando a solidão ali. E de repente, sem saber ao certo por que, sentiu-se esmagado, pareceu-lhe absurda a idéia de encontrar-se naquele lugar, com o dinheiro na mão. Imóvel fisicamente, pôs-se a vacilar sem saber o que fazer, a vacilar, com medo do silêncio ... quando, junto aos trilhos, assomou o vulto de um ferroviário e ele deu meia-volta incontinenti, sem nem chegar a ver de fato o homem, pondo-se a andar como um autômato. Segurando ainda as notas, foi caminhando, vendido, surpreso, temeroso, sentindo o olhar do ferroviário queimando às suas costas ... mas por verdadeiro milagre, uma máquina de manobras surgiu e foi passando, lenta, pesada, cheia de vapor (o olhar do ferroviário desapareceu como por encanto, a sensação assustada foi se substituindo por arrepios de calor, o corpo ganhou um impulso enérgico, corajoso), a máquina foi passando, lenta, pesada, cheia de vapor _ e o libertou.

Quando chegou em cima do viaduto, achava-se tomado por intensa euforia. Os olhos mergulhavam-se na cidade, naquela agitação escoteira cheia de transeuntes, bondes, carros em disparada trepando a rua de paralelepípedos; o vento fresco enxugava-lhe suor dos pés à cabeça e a alma tornava-se leve, leve. Foi entrando naquilo tudo pisando firme, o barulho, a agitação agradando-lhe como se fosse o proprietário da cidade.

Mas quando entrou numa silenciosa rua transversal, assaltou-o uma dúvida. Parou, pensou ... voltou sobre seus passos. Chegando outra vez debaixo do viaduto, com grande agitação apanhou a bolsa que se achava jogada no chão, guardou nela os objetos que se haviam esparramado (espelho, pente, baton, lenço, terço), meteu-a debaixo de uma pedra junto à pilastra e saiu, apressado, na direção dos trilhos da estrada de ferro. Seus passos foram se apressando, apressando, até que correu _ correu, perseguido pela consciência de que acabava de praticar um ato desonesto.

"A PRIMOGÊNITA DA CAPITAL"



FOTOGRAFIA DA EXMA. SR^ª D. MINAS HORIZONTINA, PRIMOGÊNITA DA NOVA CAPITAL, TIRADA EM 1911, COM 13 ANOS DE IDADE EM COMPANHIA DE SEUS PAIS E IRMÃOS.

"A Primogênita da Capital"
Srta. Minas Horizontina (assinalada), 1911
Acervo Museu Histórico Abílio Barreto

 grande azar de Aura Magalhães Pinto era mesmo chamar-se Aura Magalhães Pinto e não ter, como já foi dito, nenhum parentesco com o banqueiro e ex-Governador de Minas, José de Magalhães Pinto. Quando era apresentada a alguém, perguntavam:

_ É alguma coisa do Magalhães Pinto?

Aura Magalhães Pinto respondia com um sorriso, pois desde criança aprendeu que era um *habeas-corpus* ser do clã dos Magalhães Pinto. Quando a mãe, às voltas com um marido que se apaixonava por toda mulher mulata que encontrava, foi matricular Aura no grupo Barão do Rio Branco, não havia vagas. Uma funcionária de cara amarrada, como convém a quem trabalha num grupo escolar mantido pelo governo, perguntou, apenas por perguntar:

_ Qual é o nome da menina?

A mãe de Aura, vestida como uma filha de banqueiro infeliz no amor, respondeu:

_ Aura Magalhães Pinto ...

Na mesma hora, a funcionária mudou o ar de Kapo de campo de concentração nazista, que caracteriza 98 por cento das chefes de repartições do governo, tipo grupo escolar, alisou os cabelos louros de Aura, e disse:

_ Que lindinha !

Como, para aumentar a confusão, o pai de Aura tinha o nome de José de Magalhães Pinto Filho, nem mesmo a taxa de matrícula a mãe de Aura teve que pagar. E a diretora do Barão do Rio Branco apareceu para admirar a beleza loura daquela menina. E olhem que isso aconteceu antes do banqueiro Magalhães Pinto ter sido eleito Governador de Minas, e, mais tarde, ser o General Civil de um golpe militar apelidado de revolução, que despertava medo em todos, inclusive (supõe-se) no próprio Magalhães Pinto, que perdeu o controle do movimento que desencadeou, para os generais que tinham tanques, canhões e divisões que ele não possuía.

De qualquer forma, por esse tempo, Magalhães Pinto era um poderoso banqueiro e um político bastante conhecido. A mãe de Aura costurava para fora, tinha freguesas ricas, e trabalhava em casa como uma Amélia, e embonecava a filha Aura, para que honrasse o clã dos Magalhães Pinto. A própria Aura cresceu acreditando que era uma Magalhães Pinto e a mãe colocou-a em bons colégios, como Helena Guerra, para manter um status que não tinha. Aos 40 anos, de tanto trabalhar, fazer sacrifícios e ainda suportar o marido, a mãe de Aura Magalhães Pinto era um caco, uma velha. Já o pai de Aura dava cheques sem-fundo, mas sempre tinha crédito, como se fosse o membro sem-miolo da família Magalhães Pinto.

Ora, cultivando o parentesco, a própria Aura Magalhães Pinto cresceu cheia de fantasias. Foi candidata à *Glamour Girl*, só não se elegendo porque alguém no júri sabia de sua verdadeira história. Mais tarde, quando Aura pleiteou um lugar na *Brazil Corporation*, Magalhães Pinto já tinha sido Governador, tinha sido o General Civil da Revolução, e era Senador eleito por Minas e o colunista Eduardo Couri anunciou em sua coluna no jornal *Estado de Minas*:

"Quem acaba de aderir ao trabalho, é a bela Aura Magalhães Pinto, aliás, um lançamento desta coluna, pois foi candidata a *Glamour Girl*, com grande sucesso ..."

Antes, aos 15 anos, Aura Magalhães Pinto debutou no Automóvel Clube, quando o colunista Wilson Frade promovia o Baile das Debutantes. Desde cedo, para manter a imagem de membro do todo-poderoso clã dos Magalhães Pinto, Aura desenvolveu o talento, que herdou da mãe, para os trabalhos manuais, e a fantasia daquele pai que se apaixonava por mulatas e lhes punha apelidos de personagens célebres, como Maria Antonieta, Dalila, Cleópatra, Madame Bovary, Joana D'Arc e as retratava em quadros que ele assinava falsificando a assinatura de Di Cavalcanti.

Então, Aura Magalhães Pinto passou a *criar brincos que foram* uma sensação, porque eram diferentes de tudo. Com isso, conseguia manter a imagem de uma Magalhães Pinto que freqüentava as colunas sociais e era aceita em todas as rodas. Trocava os brincos por roupas nas butiques e, como nas boates, barzinhos e restaurantes sempre havia algum rapaz apaixonado, querendo pagar as despesas de uma Magalhães Pinto, para poder vangloriar-se depois, os gastos de Aura não eram tão grandes. Mas, com a crise, sepultado o ilusório e tão caro milagre brasileiro, Aura Magalhães Pinto teve que trabalhar, pois não podia viver só com a venda dos brincos.

Havia em Belo Horizonte muitas fabricantes de brincos, e, pelo menos uma tinha o talento de Aura Magalhães Pinto, e como Aura Magalhães Pinto sofria a mesma inconstância do pai, acabou por perder as butiques que só compravam dela, e tudo piorou,

pois não se aventurava a ir vender suas criações na Praça da Savassi ou de bar em bar no chamado Baixo Belô, como faziam os peruanos e os argentinos, afinal, isso não ficava bem para uma Magalhães Pinto.



Carnaval
Bloco "Apaches e Gigolettes"
(em primeiro plano Aníbal Machado e Renato de Lima)
Foto Bonfili, 1915
Arquivo Luís Augusto de Lima

Passei um dia indagando e escutando. No fim não sabia o que ia fazer. E pensei que levar um dia para resolver uma coisa, era muito tempo. Mesmo pensando assim, não resolvi nada. Quando chegou a noite, eu não sabia ainda como ia fazer para levar os carros até Belo Horizonte. E já dormi no carro do Luís que resolvi que ia ser o meu. Ele foi dormir no do Lauro, que dormia em uma rede, dependurada debaixo do caminhão.

Amanheceu e desengatei a carreta do carro em que eu tinha dormido, e chamei o Luís, e avisei para ele para fazer com que o freio do carro do Oliveira, e a embreagem do Fábio, ficassem prontos logo. E saí e fui à estação da estrada de ferro, e conversei com o chefe da estação. Insisti com ele, e no fim ele me disse para eu tentar em Governador Valadares. Que talvez lá pudesse encontrar um meio de embarcar aquele milho. E que também a estrada era a Vale do Rio Doce, e confessou que ela era mais organizada e tinha menos serviço em direção a Belo Horizonte. Voltei aos caminhões, chamei o Murta e fomos os dois em direção a Governador Valadares. Fomos bem depressa, porque depois que eu tinha pensado naquilo, estava achando que se eu tivesse me lembrado antes, talvez o problema já estivesse resolvido.

Durante a viagem, o Murta indagou se eu havia assistido ao jogo do Cruzeiro com o Atlético. Eu disse que não, que não tinha assistido. Perguntou-me se eu tinha visto um outro, que eu penso que era o Flamengo contra não sei quem. Eu também não tinha visto. Aí me perguntou o que o pessoal, em Belo Horizonte, havia

comentado sobre o jogo do Cruzeiro contra o Atlético. Eu não sabia.

_ O senhor estava viajando?

Eu não estava viajando. Estava em Belo Horizonte.

_ É, seu Jorge, eu era capaz de dar meu salário para ver esse jogo

_ falou com uma voz que me pareceu triste.

E até chegarmos em Governador Valadares, fomos calados.

NOTAS SOBRE OS AUTORES

1. *AVELINO FOSCOLO* Nascido em Sabará (MG) em 1864, e falecido em 1944. Do livro *A capital*, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979. p. 105-106.
2. *CIRO ARNO* (Cícero Arpino Caldeira Brant) - Nascido em Diamantina (MG) em 1880, e falecido em 1972. Do livro *Memórias de um estudante*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1949. p. 170-172.
3. *JOÃO ALPHONSUS* Nascido em Conceição do Mato Dentro (MG) em 1901, e falecido em 1944. Do livro *Totonio Pacheco*. São Paulo: Nacional, 1935. p.79-83.
4. *EDUARDO FRIEIRO* Nascido em Matias Barbosa (MG) em 1892, e falecido em 1982. Do livro *Novo diário*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p.96-99.
5. *PEDRO NAVA* Nascido em Juiz de Fora (MG) em 1903, e falecido em 1984. Do livro *Beira-Mar* . (Memórias/4), Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p.3-5.
6. *MARIA HELENA CARDOSO* Nascida em Diamantina (MG) em 1903. Do livro *Por onde andou meu coração*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p.148-152.
7. *CYRO DOS ANJOS* Nascido em Montes Claros (MG) em 1906, e falecido em 1994. Do livro *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p.236-241.

8. *FERNANDO SABINO* Nascido em Belo Horizonte (MG) em 1923. Do livro *O Menino no espelho*, Rio de Janeiro: Record, 1982. p.148-156.
9. *AUTRAN DOURADO* Nascido em Patos(MG) em 1926. Do livro *A serviço del-Rei* , Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 20-22.
10. *RUI MOURÃO* Nascido em Bambuí (MG) em 1929. Do livro *As raízes*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 64-66.
11. *ROBERTO DRUMMOND* Nascido em Ferros (MG) em 1933. Do livro *Hitler manda lembranças*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.81-84.
12. *OSWALDO FRANÇA JÚNIOR* Nascido em Serro (MG) em 1936, e falecido em 1989. Do livro *Jorge um Brasileiro*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967. p. 154-155.



*Cassino da Pampulha
cerca de 1943
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico*

O Olhar Poético
O OLHAR POÉTICO

Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,

Calma do noturno de Belo Horizonte ...

O silêncio fresco desfolha das árvores

E orvalha o jardim só.

Larguezas.

Enormes coágulos de sombra.

O pólcia entre rosas ...

Onde não é preciso, como sempre ...

Há uma ausência de crimes

na jovialidade infantil do friozinho.

Ninguém.

O monstro desapareceu.

Só as árvores árvores do mato-virgem

Pendurando a tapeçaria das ramagens

Nos braços cabindas da noite.

Que luta pavorosa entre floresta e casas ...

Todas as idades humanas

Macaqueadas por arquiteturas históricas

Torres torreões torrinhas e tolices

Brigaram em nome da?

Os mineiros secundam em coro:

_ Em nome da civilização!

Minas progride.

Também quer ter também capital moderníssima também ...

Pórticos gregos do Instituto de Rádio
Onde jamais Empédocles entrará ...
O Conselho Deliberativo é manuelino,
Salão sábio de Manueis-da-hora ...
Arcos românicos de São José
E a catedral que pretende ser gótica ...
Pois tanto esquecimento da verdade!
A terra se insurgiu.

O mato invadiu o gradeado das ruas,
Bondes sopesados por troncos hercúleos,
Incêndio de Cafés,
Setas inflamadas,
Comboio de trãsfugas pro Rio de Janeiro,
A ramaria crequenta cegando as janelas
Com a poeira dura das folhagens ...
Aquele homem fugiu.
A imitação fugiu.
Clareiras do Brasil, praças agrestes! ...
Paz.

O mato vitorioso acampou nas ladeiras.
Suor de resinas opulentas.
Grupos de automóveis.
Baitacas e jandaias do rosal.
E o noturno apagando na sombra o artifício e o defeito
Adormece em Belo Horizonte.

(fragmento)



*Avenida João Pinheiro
Álbum de Belo Horizonte, 1911
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico*

_ Perfume-branco de magnólias pálidas,
tão pálidas como Irmãs de caridade em místicas
dormências ...

Para minha tristeza ... na hora tenuíssima da bruma,
enquanto a voz dos sinos se desmancha,
qual um repuxo sonoro, na alma da noite benfazeja,

_ Belo Horizonte lembra os lindos jardins de branca
espuma,

das histórias dormentes de fadas
que as amas põem, cheias de belezas mansas,
na imaginação das crianças,
e a gente vai revendo,
tristemente,
do fundo dos olhos ...



*Retrato de Carlos Drummond de Andrade
Érico de Paula
Silhueta, nº 1, 1932
Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte*

NÃO ME ESQUEÇO  *Carlos Drummond de Andrade*

Eu poderia magoar-me
com sua alusão à "felicidade
de não precisar de ninguém,
de estar aí no alto,
olhando as coisas com distância
e ironia,
esquecer a rua da Bahia,
a redação do jornal provinciano,
dar de ombros,
com desprezo bem humorado
para as misérias da província",
pois, tanto quanto me conheço
e me vejo,
não gozo dessa felicidade.



Abgar Renault aos 9 anos - 1910
Arquivo Centro de Memória da Educação
Centro de Referência do Professor / SEE

Bonde cor de sono das minhas manhãs de colégio triste.
Enevoadado bonde abrindo a friagem e o silêncio dos bairros
estremunhados.
(De onde vinha misteriosamente, arrastando os começos do
dia,
o bonde madrugador, carregado de junho,
com seu motorneiro de bigodes pardos, suas cortinas de
vento, seus balaústres de gelo?)
Dor de sentir a manhã entrando debaixo das cobertas,
e ter de sair correndo para pegar o bonde das seis
(e sair sem correr para não pegar o bonde das seis).
Ir às seis, voltar às seis, ser triste como a tarde às seis da
tarde.
Hoje não vou porque estou com dor de dente.
Como é que hei de ir hoje com esta roupa?
Não sei a lição e hoje não vou.
Não vou porque também a comida é muito ruim.
E ia hoje sem roupa no bonde das seis.
E ia hoje sem lição no bonde das seis.
E ia hoje sem dor de dente no bonde das seis.
Ia ficar com fome o dia inteiro _ e partir no bonde das seis,
para só voltar às seis com o meu sono e a minha tarde
precoce.
Assíduo e inocente, eu fugia das aulas e do almoço
e meditava o Parque Municipal contemplando os gramados
e as pontes

(dor misteriosa de ver as águas fluindo sob a indiferença
das pontes paradas)
e vadiava com meus sonhos vagarosos pelas ruas desabitadas
e infinitas,
em busca dos doceiros que aceitavam *coupons* de bonde
como dinheiro.
(Gratuidade da vida simples em que passagens de bonde
compravam doces!
Ó antiguidade sem ônibus! Ó cinco automóveis na Avenida
Afonso Penna,
que eu conversava, acariciava e de olhos fechados conduzia!
Ó Distribuidora de Eletricidade! Ó *frack* do Dr. Carvalho
Brito!
Ó Cinema Familiar do Poni na Rua da Bahia sem nunca
matinée!)
Era ali na Avenida João Pinheiro, esquina de Timbiras,
que eu devia residir das seis e meia às seis da tarde,
e era dali que eu fugia nas águas de barcarola do Parque,
com Nick Carter e os primeiros punhais de mulher.
Era lá que eu sonhava nunca estar e ser feliz,
e era dentro das paredes grossas que sem olhos, nem ouvidos
revivia as horas de pagode em casa
e pensava gravemente no olhar de sombras dos olhos
longínquos de minha mãe.
Não aprendi o francês de Halbout, nem história sagrada,
nem análise.
Viajava de bonde triste no ar desmaiado da manhã
e em cima da voz do professor ia desenhando jardins assírios,
crimes, pistas e seminudezes.

Foi outrora. É outrora. Outrora é ali naquela esquina de
Timbiras
onde estou ainda parado sem querer entrar para não chorar
perdidos pêndulos;
é o meu olhar de hoje quando translê submersas ruas;
são as minhas calças curtas, as queijadinhas de medievais
doceiros,
a minha boca temerosa perguntando: "O senhor aceita
coupon?";
é um bonde pálido, sujo da madrugada de amarelos arrabaldes,
levando para a prisão, às seis horas frias da manhã, o sono
dos onze anos.



*Roseira na Praça da Liberdade
J. Monteiro, 1930
Coleção Roberto Borges Martins*

do coração do poeta João Kubitschek
do coração do poeta Mata Machado
do coração do poeta Aureliano Lessa,
_ dos corações que pararam
dos poetas que morreram ...

E os corações dos três poetas que morreram
vieram bater surdamente
no coração do poeta que viveu,
que ficou batendo
tão só
tão bom
tão bom
tão só.

Mestre Aurélio passa sozinho entre as rosas
acompanhado de três sombras silenciosas.
Só seus olhos vêem estas sombras
porque estão cansados do presente.
Mestre Aurélio está cansado no presente
de carregar o fardo cheio do passado ...

Há cinquenta anos as casas de Ouro Preto
já eram velhas, já estavam pretas
mas ainda eram pretas as sobrancelhas
e era preta a cabeleira
do farmacêutico Aurélio Pires.
E eram vermelhas quentes sonoras
casadas à voz das flautas
as quatro vozes de quatro vates.

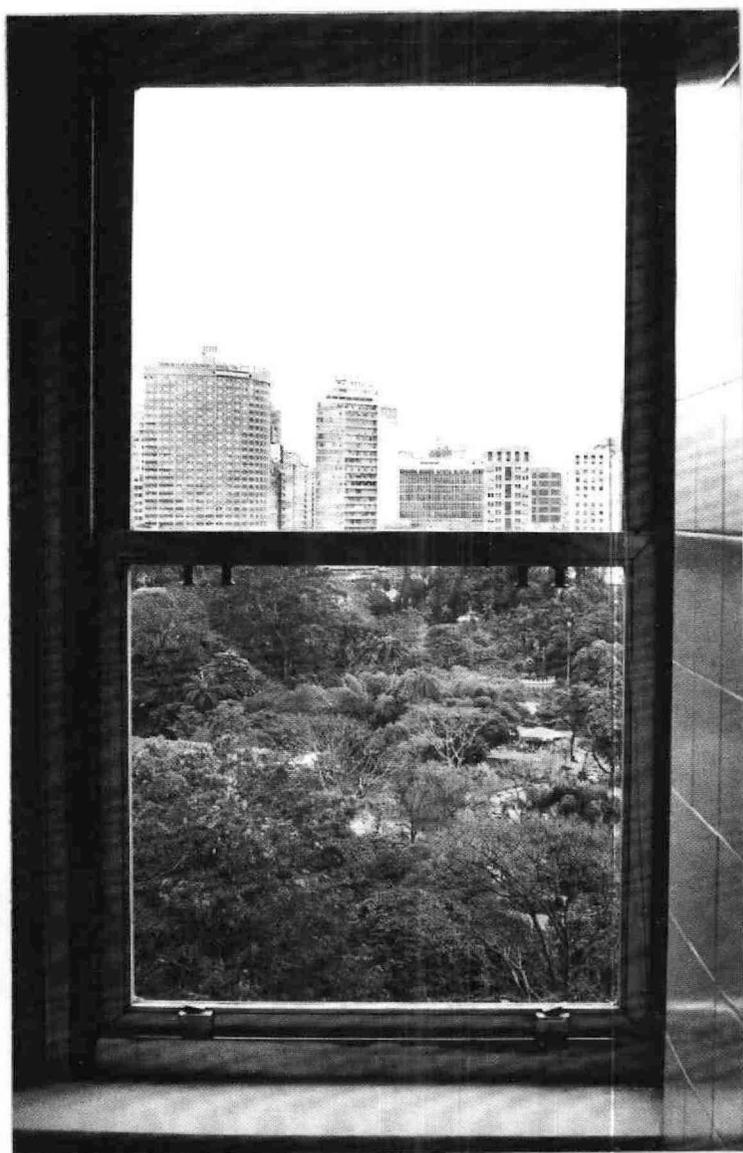
Nas serenatas de junho na rua do Vintém,
a saliva gelada pingava das flautas
gota a gota
e fugia das flautas
nota a nota
a valsa dolorosa
enchendo de saudade
a cidade cheia de névoas,
cheia do choro dos Inconfidentes,
dos estudantes bêbados
das moças dormindo, dos pecados acordados
e dos velórios merencórios
a que a ilusão do "cognac",
do violão e do romantismo
davam o esplendor imperioso
e o luxo literário
do festim de Manfredo ...

Mestre Aurélio não ouve os próprios passos.
Não ouve os ventos,
não ouve nada.
Seus ouvidos finos estão ouvindo
os outros passos que já pararam
as outras bocas que já calaram
e uma voz comprida
que soluça as "Saudades de Ouro Preto"
numa flauta desmesurada ...
Uma voz desmesurada
numa flauta desmesurada ...
Uma flauta cada vez maior, cada vez mais preta,
que atravessa Minas Gerais
de Sul a Norte

de Leste a Oeste
soprada por um anjo de pau, atlético e eterno
quê, enquanto morrem poetas, calam-se bocas,
branqueiam as barbas,
cessam passos, param corações,
espalha no tempo pela voz do vento
eternamente a mesma valsa,
da mesma amargura,
da mesma saudade
vibrando tão longe,
cantando tão alto
que sua voz abafa
o canto fecundo das metralhadoras,
das metralhadoras reivindicadoras
que meu amigo Carlos Drummond de Andrade
ouviu "Diante do Doze",
acionadas por outros anjos
que Mestre Aurélio não quer ver,
não quer ouvir,
não quer sentir.

Entre as rosas brancas
Mestre Aurélio pensa no passado
e entre as rosas brancas sua alma desliza
mais branca que sua barba.

E seu coração cada vez mais cheio de doçura
mais cheio de perdão, quase transbordando,
vai batendo mais manso, mais devagar
batendo, batendo,
tão só
tão bom
tão bom
tão só ...



Janela para o Parque Municipal
Foto Juninho Motta, 1982

Uma cidade se levanta
do solo às nuvens.
De atalhos parte para avenidas.
Do caos se amolda à geometria:
triângulos quadriláteros círculos.
Uma cidade sobe dos prados
para o lombo das serras.
Destrói choupanas e constrói
arranha-céus.
Forma-se de colunas firmes
e fúlgidos vidros de sol.
Protege-se dos ventos e deixa
que a umidade a abandone.
Uma cidade é imperativo
a um tempo humano e desumano.
Palácios presídios
asfalto cavernas
elevados e subterrâneos
teia de virtudes e crimes.
Uma cidade é sinfonia
com ásperas dissonâncias.
É um ser total de osso e carne,
tem nervos, músculos e sangue:
o sangue de seus habitantes
os nervos de seus habitantes
a própria força e fraqueza.
Uma cidade segue o ritmo

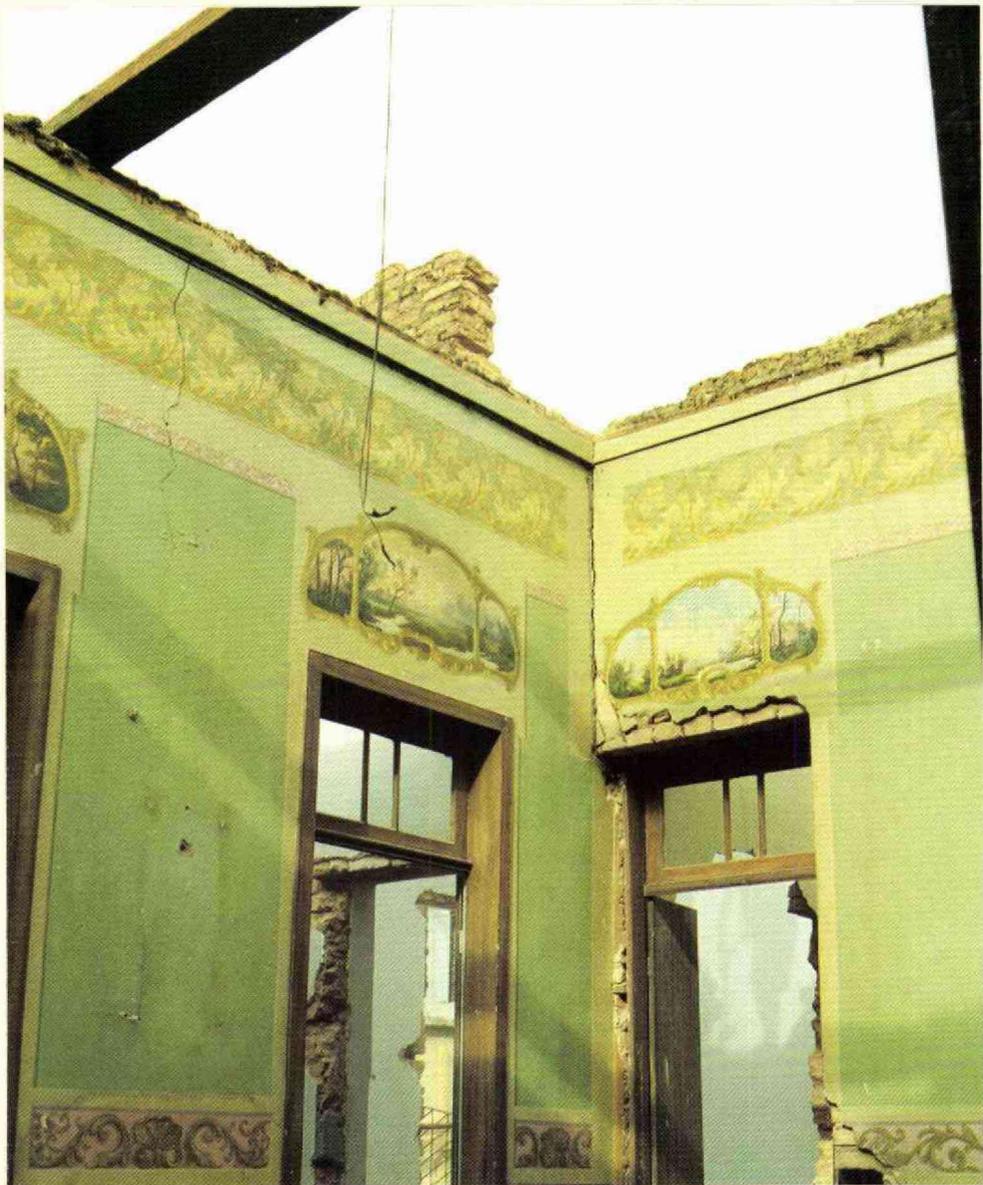
ágil ou tosco de homens.
Fala pela voz de criaturas
imperfeitas e insatisfeitas.

Cresce das mãos dos operários
canta pelo timbre dos poetas
define-se no porte dos guias
espairece no afã dos atletas
explode na estridência das máquinas.
A expressão de uma cidade é múltipla.
A beleza de uma cidade é instável.
Sua grandeza é limitada
à fronteira mesma das cousas.

Uma cidade se assemelha às outras
porém se a amamos é única:
tem a forma de um coração
traz nosso aroma predileto
é a paina do travesseiro
em que repousa a nossa fronte.

Belo Horizonte bem querer:

(fragmento XXVIII)



*Demolição da Residência Pelicano Frade
Foto Isabel Lima Chumbinho, 1991
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico*

NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM *de Afonso Arinos de Melo Franco*

A Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem
(Que lindo nome para um barco à vela!)
Foi construída em 1765
Por ordem do senhor capitão-mor das Minas
Para os povos de Curral del-Rei.

Nessa igreja de janelas verdes
Eu me batizei.

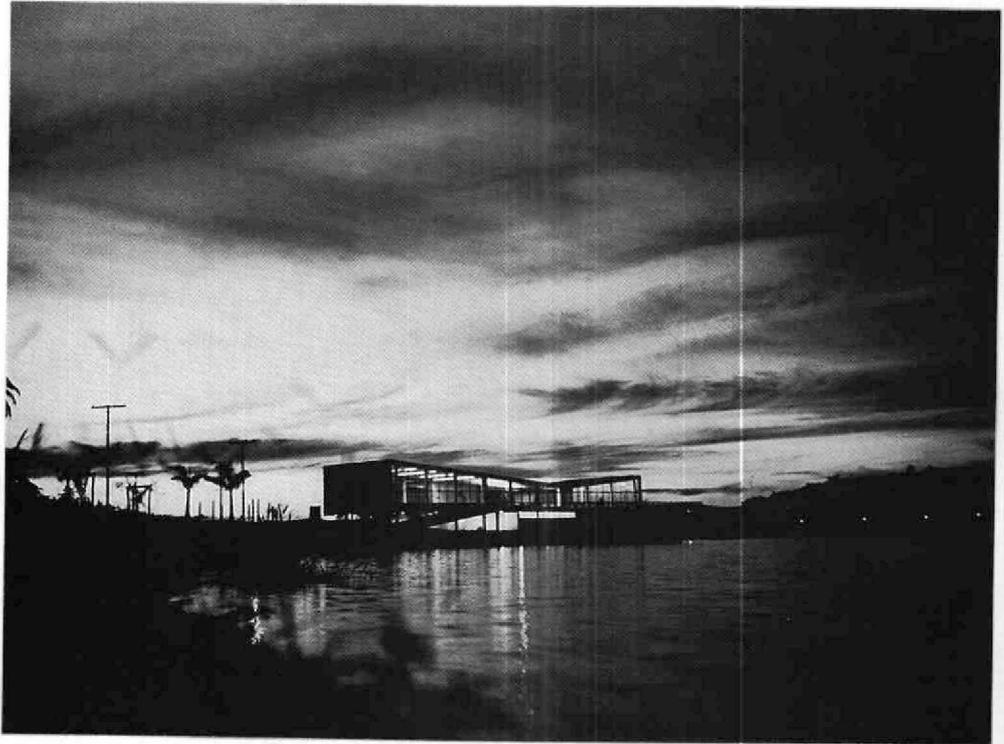
No mês de Maria enfeitava-se a nave com folhas verdes
E as meninas cantavam em coro:
"No céu, no céu, com minha mãe estarei".

No ano de 1925 o Sr. diretor de obras
Deitou abaixo a Matriz da Boa Viagem
(Que lindo nome para um cemitério!)
E construiu no lugar dela
Uma catedral gótica, último modelo.

Eu achei que foi bobagem,
Mas o povo de Minas disse que era progresso.

NOTURNO DE BELO HORIZONTE

O chope não me traz o desejado esquecimento
Os insetos morrem de encontro à lâmpada
Ou se acoitam no sofrimento destas rosas secas.
Vem do Montanhês este ar de farra oculta,
Bem mineira, e um trombone, atravessando
A pensão "Wankie", próxima à Empresa Funerária,
Acorda os mortos desolados na Rua Varginha.
Uma lua muito calma desce do Rola-Moça
E se deita, magoada, sobre os jardins da Praça,
O telhado do Mercado Novo, o bairro da Lagoinha.
Tísicos bóiam que nem defuntos na solidão
Dos Guaicurus. O próprio noturno de Belo Horizonte
Tem lá suas virtudes: nas pensões mais imorais
Há sempre um Cristo manso falando à Samaritana.
As mulheres do Norte de Minas, uma de Guanhães,
Duas de Grão-Mogol e três da cidade do Serro
Mandam ao ar esta canção intolerável
Que aborrece até mesmo o poeta Evágrio.
Pobre Evágrio, perdido na estação de Austin.
Triste e duro como uma garrafa sobre a mesa.
Entanto nada indica haja tiros, facadas, brigas
De amantes na Rua São Paulo, calma e sem epístolas.
O Arrudas desce tranqüilo, grosso e pesado,
Carregando cervejas, fetos guardados, rótulos de
Farmácia, águas tristes refletindo estrelas.
Tudo, ao depois, continuará irremediavelmente
Como no princípio. Somente, ao longe,
Na solidão de um poste, num fim de rua,
O vento agita o capote do guarda.



Iate Clube
Pampulha, década de 1950
Coleção Maniã Salgado

Em Belo Horizonte.

Ao grito de "avião! avião!" corria para a rua em uma agitação de fim
de mundo.

Quantas tristezas de sexo precoce eu tive!

Não sei como dizer de todas as aflições

Quando senti, como um alarme, a violência do corpo.

Muitos anos esperei em dor para ter nos braços a mulher

E quando penso nisso sinto uma vontade pesada de ajoelhar.

As primeiras letras. Meu ódio à disciplina.

O mistério do pátio das meninas.

Minha primeira paixão chamava-se Maria e usava tranças.

Minha segunda paixão chamava-se Maria e tinha olhos bonitos,

Minha terceira paixão chamava-se Maria.

Brincar de grande era a gente mesmo, a correr em cavalos de pau,

Brincar de pequeno era retirar da caixa as figuras recortadas

E tecer os enredos.

As fitas em série aos domingos: *O Grande Guerreiro!*

Os filmes de cobói: Bob Steele! Buck Jones!

Ruas de Nova Iorque! Tempestade sobre a Ásia!

Os livros! A importância de retirar um livro da Biblioteca Pública!

Robinson, Gulliver, Dom Quixote! *O duplo assassinato da rua Morgue!*

Quando veio a revolução de 30 estava de braço quebrado.

As negras se arrastavam da Barroca até a Serra

E aí chegavam famintas, esfarrapadas, apavoradas.

Lembro de meu pai comprando e distribuindo alimentos no armazém.

Da Caixa D'água da Serra, aos oito anos,
Vi pela primeira vez um avião atirar bombas.

Nossas molecagens! Nossas maldades!
Furto de frutas! A incrível pontaria de Mário Carolla!
As brigas da quadrilha do Abrigo Pernambuco.
O desprezo pela polícia, as excursões ao Banheirinho.
As árvores não cresciam em nossas ruas,
A grama não pegava nos jardins,
As lâmpadas não ficavam nos postes.

O resto de coragem física em mim vem desses tempos.

O Colégio Arnaldo, aversão à matemática, nulidade em desenho,
O dedo imenso e estúpido do Padre Coqueiro ...

Aos onze anos, armado de revólver, fugi de casa.

(fragmento)



*Affonso Ávila na Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha, 1947
Coleção Laís Corrêa de Araujo*

iate clube

metáfora a mais
no mar a menos de minas

casa do baile

menino e moço
já dancei

cassino

poeta-jogador
apostei

deu museu para a arte

praça grega de burle marx

contra as heras de ruína do concreto
a limpa vitória da forma

fim de carreira

não ganhei a palma do óscar
ganhei a prancheta de oscar

Por aqui não há noite
e todo o dia é dia.

Sobe o azul na rua
da Bahia.

A espiral se concentra
no alto do Cruzeiro.

O verde se desnuda
inteiro.

Na lagoa o mistério
do mar não se atulha.

O avião domesticado
na Pampulha.

O amor e a criança
condicionam-se ao norte.

Do parque pende a sua
sorte.

Acolá as usinas
fabricam a estiagem
inútil. A abóbora cresce
em Contagem.

O comércio da Avenida
em lisonja nos chama.
Corpo cristal o banco
é flama.

O soldado no Prado
 é sentinela vã.
Ninguém combate com
 a manhã.

As quilhas das artérias
 se resolvem em jardim.
A Praça Raul Soares é
 sem fim.

Ninguém sabe a distância
 que vai da terra à lua,
quando ela na Serra
 se insinua.

O Palácio do Governo
 dorme provinciano.
Sob a palmeira o beijo
 ano a ano.

Os arcos permanentes
 do Viaduto - ponte
onde se aborda o Belo
 Horizonte.

(Por que aqui não há noite.
E todo dia é dia.
Mesmo os pardais cantando
a ave-maria.)

I
O arrudas roda
rude
seu tempo

(pardacento

pardo a cento
por cento
de coisa lenta
pulsa

o curso
de longo curso
no escuso
e raso alento)

o rio
a quente e frio
a noite
se noite ou dia
revelia
de intestina sina
o fio fia
ao redor
e dentro
no centro
de seu cimento

2

em leve

e mudo no espasmo lava

e muda

o mesmo

na prisão do fundo

a esmo

é larva

e asma

ou corredeira brava

(no obscuro

equilibra

que livra

seu sub

mundo

na quietude

do quando nada

que é tudo)

revela

o olho na escada

nivela

de saldo a soldo

moeda

de ele ela

3

água fora
bárbaro
e rio de cristal

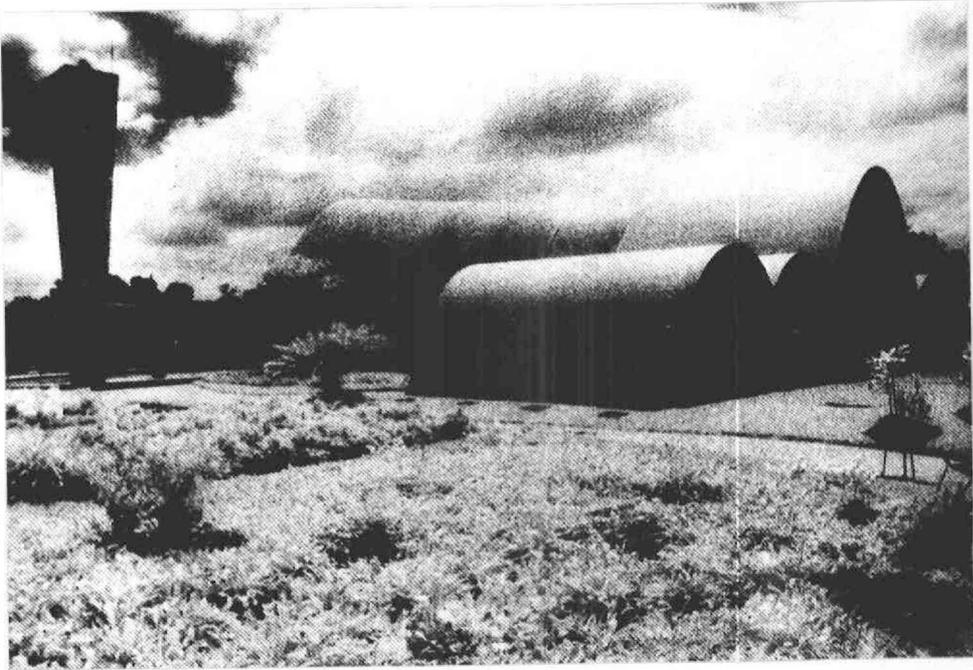
(o arrudas
pardo
curvo
além do bem
e do mal)

grave acervo
escravo ao lerdo
a febre surda
herança
do que herda

extrato
e fausto
do imundo

o arrudas

diferente
sempre igual.



Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha
Arquivo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

NOTAS SOBRE OS AUTORES

1. *MÁRIO DE ANDRADE* Nascido em São Paulo (SP) em 1893, e falecido em 1945. Do livro *Poesias*, São Paulo: Liv. Martins, 1941. p. 90-92.
2. *ACHILLES VIVACQUA* Nascido em Muniz Freire (ES) em 1900, e falecido em 1942. Do livro *Serenidade*. Belo Horizonte: Ed. do autor, 1928. p. 17-19.
3. *CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE* Nascido em Itabira (MG) em 1902, e falecido em 1987. De carta do arquivo particular de Laís Corrêa de Araujo, datada de 1965, aqui publicada em razão de não se ter obtido autorização oficial da família do poeta para reprodução do poema *Canção da Moça - Fantasma de Belo Horizonte*, anteriormente selecionado.
4. *ABGAR RENAULT* Nascido em Barbacena (MG) em 1903, e falecido em 1995. Do livro *A outra face da lua*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 121-122.
5. *PEDRO NAVA* Nascido em Juiz de Fora (MG) em 1903, e falecido em 1984. Do livro *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. (Manuel Bandeira, org.). Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946. p. 173-176.
6. *HENRIQUETA LISBOA* Nascida em Lambari (MG) em 1904, e falecida em 1985. Do opúsculo *Belo Horizonte Bem Querer*, Belo Horizonte: Eddal, 1972. p. 78-79. (Fragmento XXVIII).

7. *AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO* Nascido em Belo Horizonte (MG) em 1905, e falecido em 1990. Do livro *Antologia da poesia mineira - Fase modernista*. (Alphonsus de Guimarães Filho, org.). Belo Horizonte: Cultura Brasileira, 1946. p. 18-19.
8. *DANTAS MOTA* Nascido em Carvalhos (MG) em 1913, e falecido em 1974. Do livro *Elegias do País das Gerais*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p. 11-12.
9. *PAULO MENDES CAMPOS* Nascido em Belo Horizonte (MG) em 1922, e falecido em 1991. Do livro *Testamento do Brasil & O domingo azul do mar*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1966. p. 58-59.
10. *AFONSO ÁVILA* Nascido em Belo Horizonte (MG) em 1928. Do livro *O visto e o imaginado*. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 20, 23, 25, 32, 54.
11. *LAÍS CORRÊA DE ARAUJO* Nascida em Campo Belo (MG) em 1927. In *Revista Minas Gerais*, Belo Horizonte: 1969, v. 1. n. 0, p. 22-23.
12. *LIBÉRIO NEVES* Nascido em Buriti Alegre (GO) em 1934. Do livro *O ermo*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968. p. 25-28.

S U M Á R I O

○ NOME É A MARCA

• *Introdução* • *Lais Corrêa de Araujo* 11

○ OLHAR DO OUTRO

Belo Horizonte !

Machado de Assis 23

Primeira Exposição de Pintura

Arthur Azevedo 24

A Coragem de Minas

Olavo Bilac 26

Impressões de Belo Horizonte

Affonso de Escragnole Taunay 31

Belo Horizonte, a Bela

Monteiro Lobato 35

Belo Horizonte, Cidade Morta?

Tristão de Athayde 43

As Magnólias

Marques Rebello 46

A Alimentação e o Bócio

Alfredo Camarate 50

A Igreja de Curral del-Rei e o Espírito de Minas

Émile Rouède 54

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Outro Estilo de Beleza	
<i>Roger Bastide</i>	59
A Nova Capital	
<i>Arthur Thiré</i>	61
Aspectos de Belo Horizonte	
<i>W. Leigh</i>	62
Apelo à Industrialização	
<i>Joseph Antoine Bouvard</i>	66
Vista Rápida de Belo Horizonte	
<i>Jules Supervielle</i>	69
<i>Notas sobre os Autores</i>	70
O OLHAR HISTÓRICO	
1900	
Os Salões da Nova Capital	
<i>Andréa Mendonça Lage da Cruz e</i> <i>Joana Domingues Vargas</i>	77
1905	
Primeiros Passos na Capital dos Burocratas Descontentes	
<i>Daniel de Carvalho</i>	83
1921	
A Alma Mineira de Belo Horizonte	
<i>Oliveira Vianna</i>	88

1925	
Na Cidade das Ruas Retas	
<i>Prado Kelly</i>	92
1931	
I Congresso Feminino Mineiro e Elvira Komel	
<i>Lélia Vidal Gomes da Gama</i>	96
1934	
Segregação e Tutela da Classe Operária em Belo Horizonte	
<i>Eliana Regina de Freitas Dutra</i>	100
1938	
Cidade Burocrática	
<i>Fernando Correia Dias</i>	103
1944	
Uma Carta de Guignard a Múcio Leão	
<i>Alberto da Veiga Guignard</i>	106
1945	
Capelinha de São Francisco da Pampulha	
<i>Lúcia Machado de Almeida</i>	109
1947	
Arquitetura Eclética Marca Belo Horizonte	
<i>Sylvio de Vasconcellos</i>	112
1960	
Crescimento e Problemas Urbanos	
<i>Fernando Reis et al.</i>	117

1995	
A Cidade Ideal e a Cidade Real	
<i>Heliana Angotti Salgueiro</i>	120
<i>Notas sobre os Autores</i>	122
○ OLHAR INTERIOR	
Surgindo da Antiga Aldeia	
<i>Avelino Foscolo</i>	129
Estudantes na Nova Capital	
<i>Ciro Arno</i>	132
Nos Primeiros Tempos	
<i>João Alphonsus</i>	136
Jovens Literatos Oficiais	
<i>Eduardo Friero</i>	140
Bar do Ponto	
<i>Pedro Nava</i>	147
No Bairro dos Funcionários	
<i>Maria Helena Cardoso</i>	152
Remata-se o Pannel	
<i>Cyro dos Anjos</i>	160
Minha Glória de Campeão	
<i>Fernando Sabino</i>	168

Quando Jovem
Autran Dourado 175

No Viaduto da Floresta
Rui Mourão 178

A Força do Clã
Roberto Drummond..... 181

Um Jogo Capital
Oswaldo França Júnior..... 186

Notas sobre os Autores..... 188

○ OLHAR POÉTICO

Noturno de Belo Horizonte
Mário de Andrade..... 195

Noturno de Belo Horizonte
Achilles Vivacqua..... 198

Não me Esqueço
Carlos Drummond de Andrade..... 201

Semi-Internato
Abgar Renault 203

Mestre Aurélio Entre as Rosas
Pedro Nava 207

Belo Horizonte Bem Querer	
<i>Henriqueta Lisboa</i>	212
Nossa Senhora da Boa Viagem	
<i>Afonso Arinos de Melo Franco</i>	215
Noturno de Belo Horizonte	
<i>Dantas Mota</i>	216
Fragmentos em Prosa	
<i>Paulo Mendes Campos</i>	218
Pampulha	
O Visto e o Imaginado	
<i>Afonso Ávila</i>	221
Via Lírica de Belo Horizonte	
<i>Lais Corrêa de Araujo</i>	222
O Arrudas	
<i>(um rio de unidade capital)</i>	
<i>Libério Neves</i>	224
<i>Notas sobre os Autores</i>	228



NOTA SOBRE A ORGANIZADORA

Laís Corrêa de Araujo nasceu em Campo Belo (MG). É bacharel em Línguas Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais e licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Poeta, ensaísta, cronista e tradutora, é considerada pela crítica uma das principais figuras femininas da poesia brasileira contemporânea. Tornou-se nacionalmente conhecida pela sua longa atividade de cronista na revista *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, e nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Estado de Minas*. Foi um dos fundadores do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, onde manteve a coluna *Roda Gigante*. Autora, dentre outros, dos livros *Caderno de Poesia*, *O Signo*, *Cantochão*, *Decurso de Prazo* e *Pé de Página* (poesia), *Murilo Mendes* (ensaio), *O Grande Blá-blá-blá* e *Maria & Companhia* (literatura infanto-juvenil) e *Caderno de Traduções*. É detentora de inúmeros prêmios, dentre eles o Prêmio Thomas Mann de Viagem à Alemanha, Prêmio Nacional Mobraal de Literatura, Prêmio de Poesia Emílio Moura e Prêmios Cidade de Belo Horizonte. Foi superintendente da Biblioteca Pública de Minas Gerais e a única mulher participante da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, realizada em Belo Horizonte, em 1963.

FICHA TÉCNICA DO LIVRO

Digitação

RUTH-LÉA AMARAL

Arte-Finalização

JANETE MOREIRA PINTO

Produção Gráfica

ESCRITÓRIO DE DESIGN LUCIA E GUILI

Assistente de Produção Gráfica

JÚNIA PENNA

Fotolito

VIA CROMO ARTES GRÁFICAS LTDA.

Impressão

ARTES GRÁFICAS FORMATO LTDA.

Esta obra foi produzida num sistema de editoração eletrônica Macintosh, usando os programas QuarkXPress 3.3 e Photoshop 3.0. O texto foi composto na fonte Gill Sans corpo 11pt. Os fotolitos foram executados por Via Cromo Artes Gráficas Ltda., em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. A impressão foi realizada em papel Pólen 120g pela Artes Gráficas Formato Ltda., com uma tiragem de 1000 exemplares, em Belo Horizonte, para o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro. Primavera de 1996.